

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Artes – CA
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
Mestrado em Ensino da Arte e Educação Estética



**TÁTICAS DE UMA PROFESSORA PEDAGOGA PARA
DESENVOLVER PRÁTICAS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Rita Patrícia Caceres de Laforet

Pelotas, 2015

Rita Patrícia Caceres de Laforet

**TÁTICAS DE UMA PROFESSORA PEDAGOGA PARA
DESENVOLVER PRÁTICAS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Dissertação de Mestrado apresentada junto
ao programa de Pós-Graduação em Artes
Visuais do CA – UFPel, como pré-requisito
para a obtenção do título de Mestre em Artes
Visuais.

Orientador: Prof. Dra. Eduarda Azevedo Gonçalves

Pelotas, 2015

TÁTICAS DE UMA PROFESSORA PEDAGOGA PARA
DESENVOLVER PRÁTICAS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Eduarda Azevedo Gonçalves
(PPGAV CA – UFPel)

Prof. Dra. Maria Isabel Petry Kehrwald
(Prof. Dra. UFRGS)

Prof. Dra. Mirela Ribeiro Meira
(PPGAV CA – UFPel)

Prof. Dra. Ursula Rosa da Silva
(PPGAV CA – UFPel)

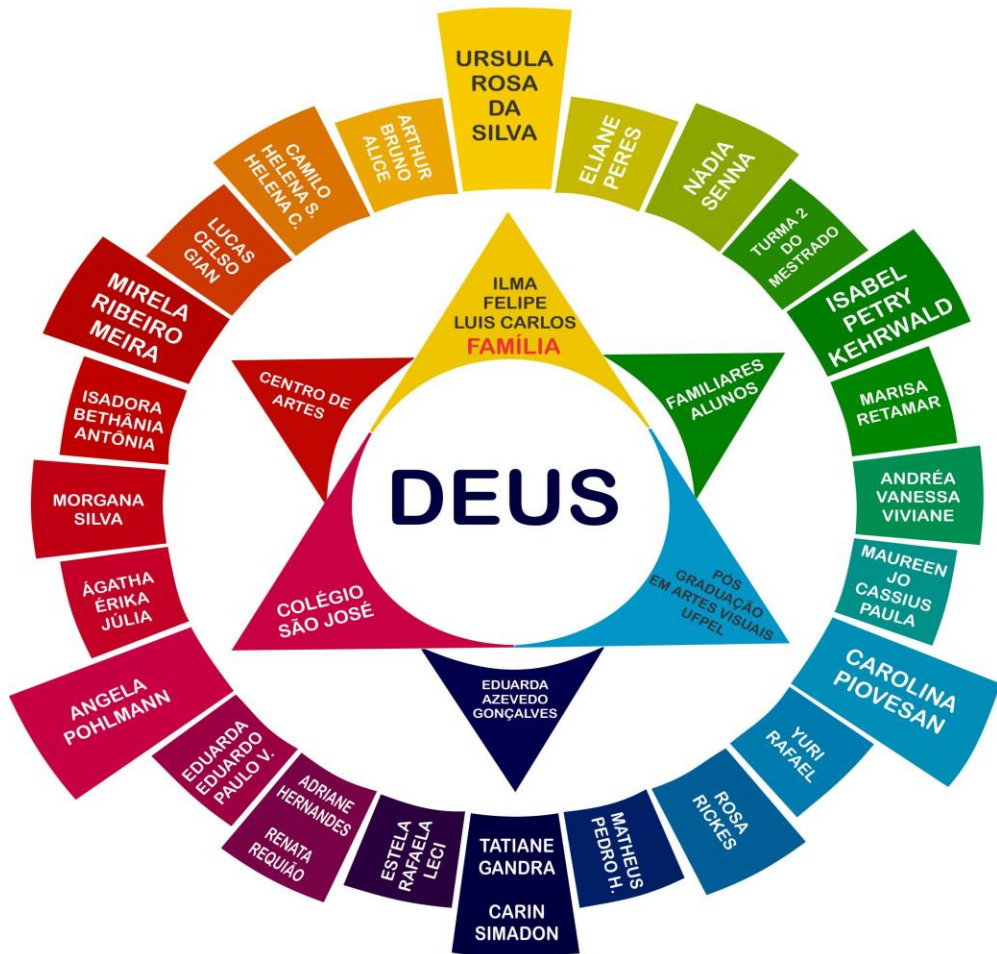
Pelotas, 02 de julho de 2015.

Dedico esta pesquisa:
Aos pequenos (e seus familiares) do Período 3 do ano
de 2012, alunos da Educação Infantil do Colégio São
José de Pelotas/RS, que coloriram este trabalho.
A São José, por sustentar minha espiritualidade no
seu exemplo de humildade, bondade e amor.

AGRADECIMENTOS

A realização desta pesquisa só foi possível através do cruzamento de saberes, idéias, esforços, confiança, respeito, entusiasmo, dedicação, curiosidade, desafios, alegria, amizade, olhares e afetos partilhados entre escola, família, universidade e comunidade.

Gostaria de agradecer a todos aqueles que compuseram, de forma direta ou indireta, esta tela, nas suas mais diversas tonalidades, intensidade, brilho, contraste e perspectiva, atingindo seu grau de permanência da adesão assim como as tintas, AS CORES...



Resumo

Esta pesquisa disserta sobre a elaboração e realização do projeto de pintura “Pequenos Pintores, Grandes Artistas”. O projeto foi executado no ano de 2012, com crianças entre 5 e 6 anos de idade cursando o Período 3 da Educação Infantil, no Colégio São José em Pelotas. A proposta é revista através dos saberes da arte, advindos de estudos realizados no Curso de Mestrado em Artes Visuais. As imagens e reflexões são oriundas de práticas artísticas promovidas por mim, uma professora com formação em Pedagogia e Direito, atuando há mais de vinte anos na Educação Infantil, sem a formação específica em Artes Visuais. Nestas páginas, abro meu “diário de bordo” para partilhar as táticas e proposições artísticas, agora baseadas em reflexões sobre o conhecimento adquirido na pós-graduação em Artes Visuais. Para adentrar o mundo colorido da infância e conhecer os procedimentos pictóricos como processo criativo e pedagógico, balizei-me no pensamento da educadora Sandra Richter. No que tange a minha caminhada como professora da educação infantil, ative-me às leituras das vivências apaixonadas da professora Madalena Freire. Da mesma forma, aproprio-me do termo “diário de bordo”, de Mirian Celeste Martins, ao expor os registros significativos desta dissertação envolvendo arte e letramento. Além disso, refiro-me também a Anamelia Bueno Buoro, Susana Rangel Viera da Cunha e João Francisco Duarte Junior, entre outros que me ajudaram a transitar com mais apuro no campo da Arte e da Educação.

Palavras-Chaves: Educação Infantil; pintura; jogo; ensino das artes

Abstract

This research lectures on the preparation and carrying out of the painting project "Small Painters, Great Artists." The project was implemented in 2012, with children between 5 and 6 years of age attending the third period of early childhood education at the São José School in Pelotas. The proposal is reviewed by the art knowledge, coming from studies in the Master's Degree in Visual Arts. Images and reflections come from artistic practices promoted by me, a teacher with a background in pedagogy and law, acting for over twenty years in childhood education without specific training in Visual Arts. In these pages, I open my "logbook" to share tactics and artistic propositions, now based on reflections on what I have learned through graduate in Visual Arts. To enter the colorful world of childhood and get to know the pictorial procedures as creative and pedagogical process, I have relied on the thinking of educator Sandra Richter. Regarding my journey as a childhood education teacher, I focused on reading the passionate experiences of Professor Madalena Freire. Similarly, I appropriate the term "logbook" of Mirian Celeste Martins, to expose the significant records of this work involving art and literacy. In addition, I also refer to Anamelia Bueno Buoro, Susana Rangel Viera da Cunha and Joao Francisco Duarte Junior and others who helped me transition more accurately in the field of Arts and Education.

Key Words: Early Childhood Education; painting; game; Arts education

Lista de Figuras

Figura 1 – Rita Patricia Laforet. Caminhada em torno da Praça Coronel Pedro Osório. Fotografia, 2012	50
Figura 2 – Rita Patricia Laforet. Visita à Casa de Cultura Adail Bento. Fotografia, 2012	51
Figura 3 – Rita Patricia Laforet. Haiti-arte e resistência/Centro de integração do MERCOSUL. Fotografia, 2012	53
Figura 4 – Rita Patricia Laforet. Exposição Haiti – Alunas à frente do painel de fotografias da exposição. Fotografia, 2012	53
Figura 5 – Rita Patricia Laforet. Fachada do Prédio do Centro de Integração MERCOSUL. Fotografia, 2012	54
Figura 6 – Rita Patricia Laforet. Aluno com o senhor Alfabeto. Fotografia, 2012	60
Figura 7 – Rita Patricia Laforet. Saco dos objetos da letra “l”. Fotografia, 2012	61
Figura 8 – Rita Patricia Laforet. Apresentação da letra “Z”. Fotografia, 2012	61
Figura 9 – Rita Patricia Laforet. Alunos com os objetos da letra “D”. Fotografia, 2012	62
Figura 10 – Rita Patricia Laforet. Alunos com os objetos da letra “G”. Fotografia, 2012	62

Figura 11 – Rita Patricia Laforet. Participação dos pais na letra “O”. Fotografia, 2012	63
Figura 12 – Rita Patricia Laforet. Lembrança da letra “O”. Fotografia, 2012	63
Figura 13 – Rita Patricia Laforet. As crianças e suas letras. Fotografia, 2012	64
Figura 14 – Rita Patricia Laforet. As crianças descobrindo palavras no final do projeto. Fotografia, 2012	64
Figura 15 – Rita Patricia Laforet. As crianças descobrindo palavras no final do projeto. Fotografia, 2012	65
Figura 16 – Tarsila do Amaral. Autorretrato. Óleo sobre tela, 73 x 60,5 cm, 1923	67
Figura 17 – Rembrandt. Autorretrato. Óleo sobre tela, 84,5 x 66 cm, National Gallery of Art Washington - Estados Unidos, 1659	68
Figura 18 – Cândido Portinari. Autorretrato. Pintura a óleo/madeira, 55 x 46 cm, Brodowski, São Paulo, Brasil, 1957	73
Figura 19 – Rita Patricia Laforet. Autorretrato de Aluno. Fotografia, 2012	74
Figura 20 – Rita Patricia Laforet. Oficina de pintura “Como se faz pintura” na sala de cinema da escola. Fotografia, 2012.	76

Figura 21 – Rita Patricia Laforet. Mistura pigmento e aglutinante. Fotografia, 2012	77
Figura 22 – Rita Patricia Laforet. Oficina de pintura na sala de aula. Fotografia, 2012	77
Figura 23 – Rita Patricia Laforet. Oficina de pintura/pintura mural.	78
Figura 24 – Rita Patricia Laforet. Oficina de pintura/pintura mural. Fotografia, 2012	78
Figura 25 – Edina Sikora. Bolinhas de sabão. Óleo/tela com algumas aplicações em massa corrida, 60 x 80 cm, São Paulo, Brasil, S/D	80
Figura 26 – Rita Patricia Laforet. Alunos durante a prática da representação da pintura. Fotografia, 2012	81
Figura 27 – Rita Patricia Laforet. Brincando com Bolinhas de sabão no pátio. Fotografia, 2012	81
Figura 28 – Rita Patricia Laforet. Jogo do Bingo. Fotografia, 2012	82
Figura 29 – Gustavo Rosa. Cama de gato. Acrílico sobre tela, 80 x 80 cm, São Paulo, Brasil, 1976	86
Figura 30 – Rita Patricia Laforet. Alunos brincando de cama de gato. Fotografia, 2012	86
Figura 31 – Rita Patricia Laforet. Alunos brincando de cabra cega. Fotografia, 2012	87

Figura 32 – Orlando Teruz. Duas meninas no balanço. Aquarela sobre papel, 30 x 24 cm Rio de Janeiro, Brasil, S/D	89
Figura 33 – Rita Patricia Laforet. Visita a galeria de arte da UCPel. Fotografia, 2012	90
Figura 34 – Rita Patricia Laforet. Visita a galeria de arte da UCPel. Fotografia, 2012	91
Figura 35 – Cândido Portinari. Espantalho. Pintura a óleo/madeira, 41 x 33 cm, Rio de Janeiro, Brasil, 1959	93
Figura 36 – Rita Patricia Laforet. Feijoada com as famílias. Fotografia, 2012	94
Figura 37 – Tarsila do Amaral. Floresta. Pintura a óleo/ tela, 63,9 x 76,2 cm, Museu Arte Moderna de São Paulo, 1929	95
Figura 38 – Rita Patricia Laforet. Alunos pintando a Floresta. Fotografia, 2012	96
Figura 39 – Rita Patricia Laforet. Teatro de Fantoches. Fotografia, 2012	98
Figura 40 – Rita Patricia Laforet. Teatro de fantoches. Fotografia, 2012	98
Figura 41 – Pablo Picasso. Guitar. Colado papel, carvão vegetal, tinta, e giz no papel azul, montado em ragboard, Museu de Arte Moderna de Nova York, EUA, 1913	100
Figura 42 – Rita Patricia Laforet. Filme O Mistério de Picasso. Fotografia, 2012	100

Figura 43 – Rita Patricia Laforet. Alunos desenhando com giz num papel grande formando um grande grupo. Fotografia, 2012	
	103
Figura 44 – Zina Aita. Homens trabalhando. Localização, 1922	
	105
Figura 45 – Amazoner Okaba. Índios. Localização, 2004	109
Figura 46 – Leda Catunda. Jardim das vacas. Acrílico sobre/ couro e tela, 146 x 158 cm, São Paulo, Brasil, 1988	111
Figura 47 – Tarsila do Amaral. Lua. Óleo/tela, 110 x 110 cm localização, 1928	114
Figura 48 – Rita Patricia Laforet. Leitura para os alunos na biblioteca sobre a vida de Tarsila do Amaral. Fotografia, 2012	
	114
Figura 49 – Felipe Barbosa. Mapa de consumo. Mista, 160 x 110 cm, Localização, 2004/2005	118
Figura 50 – Rita Patricia Laforet. Mapa de consumo elaborado pelos alunos. Fotografia, 2012	118
Figura 51 – Emiliano Di Cavalcanti. Natureza morta. Localização, 1966	121
Figura 52 – Tarsila do Amaral. Operários. Óleo/tela, 150 x 205 cm, Acervo do Palácio do Governo do Estado de São Paulo, 1933	125

Figura 53 – Rita Patricia Laforet. Pintura da obra Operários, pelos alunos. Fotografia, 2012	127
Figura 54 – Rita Patricia Laforet. Pintura da obra Operários pelos alunos. Fotografia, 2012	127
Figura 55 – Rita Patricia Laforet. Alunos no ônibus. Fotografia, 2012	131
Figura 56 – Rita Patricia Laforet. Chegada dos alunos no sítio. Fotografia, 2012	132
Figura 57 – Rita Patricia Laforet. Conversa sobre a atividade Fotografia, 2012	132
Figura 58 – Rita Patricia Laforet. Alunos observando o local. Fotografia, 2012	133
Figura 59 – Rita Patricia Laforet. Alunos observando o local. Fotografia, 2012	133
Figura 60 – Rita Patricia Laforet. Aluno pintando a paisagem. Fotografia, 2012	133
Figura 61 – Rita Patricia Laforet. Aluno pintando a paisagem. Fotografia, 2012	133
Figura 62 – Rita Patricia Laforet. Aluno pintando a paisagem. Fotografia, 2012	134
Figura 63 – Rita Patricia Laforet. Piquenique com pães e patês. Fotografia, 2012	134

Figura 64 – Vincent Van Gogh. Quarto em Arles. Óleo sobre tela, 72 cm x 90 cm, Museu Van Gogh, Amsterdã, 1888 —	137
Figura 65 – Milton da Costa. Roda. Óleo/tela, 59 x 71cm, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, 1942 —————	141
Figura 66 – Rita Patricia Laforet. Pintura da obra roda feita pelos alunos. Fotografia, 2012 —————	141
Figura 67 – Cândido Portinari. Roda Infantil. Pintura a óleo / tela, 39 X 47 cm. Pintada em Brodowski, São Paulo, 1932 —	142
Figura 68 – Tarsila do Amaral. Sol Poente. Óleo/tela, 54 x 65cm, Localização, 1929 —————	144
Figura 69 – Quim Alcantara. Tempo de aproveitar. Acrílica/tela, 150 x 100cm,Localização, 2011—————	145
Figura 70 – Juan Jose Lozano. Uvas En El Rio. Técnica, 35 x 50cm, Localização, 2012 —————	148
Figura 71 – Rita Patricia Laforet. Professor da letra “U” com a urna. Fotografia, 2012 —————	148
Figura 72 – Gustavo Rosa. Vaso com flores. Acrílica/tela, 65 x 80cm,Localização, 1996 —————	150
Figura 73 – Renoir. Natureza morta com limões e Xícara. Óleo/tela, 17,5 x 28cm, Fundação Cultural Ema Gordon Klabin, São Paulo, Brasil, 1910 —————	153
Figura 74 – Henrique Amaral Henalam. Zepelim e a princesa. Acrílica/madeira, 28 x 37cm, Localização, 2008 —————	156

Figura 75 – Rita Patricia Laforet. Aluno pintando a obra Zepelin e a princesa. Fotografia, 2012	156
Figura 76 – Rita Patricia Laforet. Ida ao Centro de Artes UFPel. Fotografia, 2012	158
Figura 77 – Rita Patricia Laforet. Alunos observando a exposição no Centro de Artes – UFPel. Fotografia, 2012	159
Figura 78 – Rita Patricia Laforet. Alunos observando a exposição no Centro de Artes – UFPel. Fotografia, 2012	159
Figura 79 – Rita Patricia Laforet. Alunos em atividade com o grupo Patafísica. Fotografia, 2012	160
Figura 80 – Rita Patricia Laforet. Alunos observando a exposição no Centro de Artes UFPel. Fotografia, 2012	160
Figura 81 – Rita Patricia Laforet. Alunos em atividade com o grupo Patafísica. Fotografia, 2012	160
Figura 82 – Romero Britto. Kisses. Localização, S/D	162
Figura 83 – Romero Britto. White goat. Localização, S/D	162
Figura 84 – Romero Britto. Yellow wine. Localização, S/D	162
Figura 85 – Rita Patricia Laforet. Alunos pintando a obra Kisses. Fotografia, 2012	164
Figura 86 – Rita Patricia Laforet. Alunos visitando o espaço de arte Ágape. Fotografia, 2012	169
Figura 87 – Rita Patricia Laforet. Alunos visitando o espaço de arte Ágape. Fotografia, 2012	169

Figura 88 – Rita Patricia Laforet. Artistas revelando o processo de criação. Fotografia, 2012	170
Figura 89 – Rita Patricia Laforet. Livro de artista artistas do espaço de arte Ágape. Fotografia, 2012	170
Figura 90 – Rita Patricia Laforet. Obra coletiva do Grupo Superfície. Fotografia, 2012	170
Figura 91 – Rita Patricia Laforet. Atividade de desenho mediada pelo Grupo Superfície. Fotografia, 2012	171
Figura 92 – Rita Patricia Laforet. Prática coletiva dos alunos no espaço de arte Ágape. Fotografia, 2012	171
Figura 93 – Rita Patricia Laforet. Alunos desenhando uma grande obra coletiva na sala de aula. Fotografia, 2012	172
Figura 94 – Rita Patricia Laforet. Exposição das telas dos alunos – Centro de Artes UFPel. Fotografia, 2012	176
Figura 95 – Rita Patricia Laforet. Exposição das telas dos alunos – Centro de Artes UFPel. Fotografia, 2012	178
Figura 96 – Rita Patricia Laforet. Exposição das telas dos alunos – Centro de Artes UFPel. Fotografia, 2012	178
Figura 97 – Rita Patricia Laforet. Mostra didática das crianças – Centro de Artes UFPel. Fotografia, 2012	178
Figura 98 – Rita Patricia Laforet. História na caixinha. Fotografia, 2012	180

Figura 99 – Rita Patricia Laforet. – História na caixinha.	
Fotografia, 2012	180
Figura 100 – Rita Patricia Laforet. Dispositivo de compartilhamento. Fotografia, 2012	181
Figura 101 – Rita Patricia Laforet. Dispositivo de compartilhamento. Fotografia, 2012	181

Sumário

REMEMORANDO MINHA HISTÓRIA: de aluna a professora	21
Introdução	28
Quinta-feira, 15 de março de 2012 / UMA PROPOSTA	36
Quinta-feira, 22 de março de 2012 / AO ENCONTRO	39
Quinta-feira, 29 de março de 2012 / NOSSA INTENÇÃO	42
Sexta-feira, 30 de março de 2012 / PAIXÃO	44
Domingo, 01 de abril de 2012 / A LIBERDADE	46
Sexta-feira, 27 de abril de 2012 / O ENCANTAMENTO	48
Segunda-feira, 07 de maio de 2012 / O PROJETO	56
Terça-feira, 08 de maio de 2012 / UM RETRATO	66
Quarta-feira, 09 de maio de 2012 / AUTORRETRATO	69
Quinta-feira, 10 de maio / O MARAVILHAMENTO	71
Sexta-feira, 11 de maio de 2012 / FAZ SENTIDO	74
Terça-feira, 15 de maio de 2012 / SUAS BRINCADEIRAS	79
Sexta-feira, 25 de maio de 2012 / AS TRAMAS	83
Sexta-feira, 01 de junho de 2012 / AS TONALIDADES	87
Quarta-feira, 06 de junho de 2012 / A PRÁTICA	91
Sexta-feira, 15 de junho de 2012 / QUE SABOR!	94
Sexta-feira, 22 de junho de 2012 / UMA TRANSFORMAÇÃO	99
Sexta-feira, 29 de junho/ A SOMBRA	104

Sábado, 07 de julho de 2012 / A MISTURA	108
Sexta-feira, 13 de julho de 2012 / UMA TESSITURA	110
Sexta-feira, 03 de agosto de 2012 / A RETOMADA	113
Sexta-feira, 10 de agosto de 2012 / UM APEGO	115
Sexta-feira, 17 de agosto de 2012 / SEU SENTIMENTO	120
Terça-feira, 21 de agosto de 2012 / ACOLHIDA	123
Sexta-feira, 24 de agosto de 2012/ A CONTEXTUALIZAÇÃO	125
<hr/>	
Sábado, 01 de setembro de 2012 / UMA VIVÊNCIA	129
Quinta-feira, 06 de setembro de 2012 / O ESPANTO	135
cTerça-feira, 11 de setembro de 2012 / UM CAMINHO	138
Sexta-feira, 14 de setembro de 2012 / IDENTIFICAÇÃO	140
Quinta-feira, 20 de setembro de 2012 / A REALIZAÇÃO	143
Sábado, 29 de setembro de 2012 / CRIAÇÃO	144
Sábado, 06 de outubro de 2012 / PRESENTE	146
Quinta-feira, 11 de outubro de 2012 / A RELAÇÃO	149
Terça-feira, 16 de outubro de 2012 / UM RECORTE	151
Sexta-feira, 19 de outubro de 2012/ ALEGRIA	152
Sexta-feira, 26 de outubro de 2012/ A IMAGINAÇÃO	154
Sexta-feira, 09 de novembro de 2012 / ENVOLVIMENTO	161
Sábado, 24 de novembro de 2012 / AÇÃO	165
Segunda-feira, 26 de novembro de 2012/ COLETIVO	172
Sábado, 01 de dezembro de 2012 / O AFETO	173
Sexta-feira, 07 de dezembro de 2012/ A EXPOSIÇÃO	175

Terça-feira, 11 de dezembro de 2012 / UMA PERCEPÇÃO	179
Sábado, 22 de dezembro de 2012/ CONTEXTUALIZAÇÃO	181
Quarta-feira, 26 de dezembro de 2012/ EXPERIMENTAÇÃO	
_____	183
Quarta-feira, 02 de janeiro de 2013/ A EXPLORAÇÃO	184
Algumas Considerações	187
Referências	194
Anexo	198
Cessões de direito de uso de imagem e voz	198

REMEMORANDO MINHA HISTÓRIA: de aluna a professora

Para poder dialogar com os leitores e poder contribuir com colegas educadores acerca de uma proposta pedagógica que busque valorizar a criança na sua integridade e as suas fases da infância, trago reflexões com relação a modos de abordar outra forma de olhar. Considero a criança como um ser que é envolvido pela curiosidade, pela fantasia e imaginação, bem como pelos questionamentos acerca de tudo o que está ao seu redor. Minha intenção é trazer um olhar mais atento para que possa expressar-se a sua maneira, através da sua vivência com as coisas do mundo e da arte.

Para que entendam a minha caminhada até a finalização de meus estudos sobre o ensino da arte na educação infantil, e para que haja uma compreensão das minhas escolhas, tento rememorar o passado com os olhos do presente, permitindo prospectar o futuro. De acordo com Bosi,

[...] na maior parte das vezes relembra não é reviver, mas repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 1994, p.55).

Dessa forma, tentei restaurar minha memória com recordações que me fizeram visualizar o porquê de minhas escolhas, relatando um pouco da minha história.

Nasci em Porto Alegre/RS, por acaso ou não, por ocasião de uma visita de minha mãe a parentes que lá moravam. Desde o meu nascimento até os 12 anos de idade morei em São Lourenço do Sul/RS.

Minha infância foi tranquila como a de qualquer criança que viveu naquela época em uma cidade pequena do interior. Brincávamos na rua, com as portas e janelas das casas abertas até a noite.

Lembro-me perfeitamente de um certo dia, em que estava passando com meu pai na frente da casa de conhecidos, e que Lilian perguntou-me: "Patrícia, tu não entraste no colégio? A Edilene, minha filha, já entrou." A partir daquele momento quis comprar a merendeira e já ir para a escola. No outro dia, minha mãe levou-me ao colégio. Creio que estávamos no mês de março, eu tinha 4 anos e iria completar 5 em maio. Como era uma escola de irmãs, particular, e naquele tempo só existia jardim de infância e depois a primeira série, fui aceita com apenas 4 anos sem dificuldade. Adorava a escola, ia feliz com a merendeira vermelha, cor preferida por ser a cor do meu time, o

Internacional. Meu pai e minha mãe sempre gostaram muito de futebol, lembro-me dos dois assistindo aos jogos pela televisão.

Guardo em minhas lembranças as pessoas que trabalhavam auxiliando as irmãs na escola. Minha professora era uma freira que usava o hábito preto. Ficou marcada em minha mente a cena do meu primo entrando contrariado na sala de aula, chutando a porta, berrando, e a professora e funcionárias segurando-o à força. Não entendia muito naquele momento o porquê daquela reação, visto que eu é que havia pedido para ingressar na escola e estava bem feliz.

Em agosto de 1980 nos mudamos para Pelotas/RS. Fui estudar na escola estadual Dom João Braga. O semestre já havia começado e, quando cheguei na sala de aula, o impacto foi de medo, nem sei explicar como me senti. Os alunos eram, em sua maioria, bem mais velhos do que eu, e me cercaram, fazendo todo o tipo de perguntas. Frequentei a sétima e a oitava série e ingressei no Instituto de Educação Assis Brasil, para cursar magistério.

Ao terminar o magistério e fazer o estágio, trabalhei em centros comunitários voluntariamente, e em seguida fui contratada para lecionar no Colégio São José de Pelotas, com Educação Infantil – na época, Pré-escola. Pretendia cursar Pedagogia, mas nem a UFPel (Universidade Federal de Pelotas), tampouco a UCPel (Universidade Católica de Pelotas)

ofereciam disciplinas à noite. O curso era somente à tarde. Então optei por cursar Matemática na UCPel. Frequentei este curso por 3 anos e era considerada boa aluna, pois minhas notas eram altas e eu realmente gostava de cálculos.

Na década de 1990 senti-me desencantada com a educação e resolvi largar o curso de Matemática para estudar Direito na UFPel. Ingressei, então, em 1997, e concluí em 2001. Gostei do curso, no início senti-me entusiasmada com algumas questões sociais tratadas em aula e com a oportunidade de atuação em áreas distintas. Além de fazer estágio na assistência judiciária, também fiz estágio na promotoria. Continuei sempre lecionando e, logo após concluir a faculdade, teria que fazer escolhas. Cheguei a fazer alguns concursos públicos na área do Direito, mas mesmo sendo aprovada, não fui chamada. Então, percebi que o que realmente me realizava era ser professora de crianças, mesmo com todas as dificuldades com as quais nos deparamos nesta profissão. Por isso, resolvi ingressar no curso de Pedagogia à noite, o que anteriormente não havia conseguido em função do horário oferecido.

Depois que ingressei no Colégio São José, lecionei por 18 anos para o Maternal (atualmente Período 1) e, em 2008, sem saber que estava grávida, aceitei assumir uma turma de Período 3. As crianças nessa faixa de idade, entre 5 e 6 anos,

são mais independentes, não haveria tanto desgaste físico quanto se tem com os menores. Trabalhei até outubro, quando meu filho nasceu, praticamente o ano todo. Para mim foi um ano muito especial, por estar vivenciando uma nova experiência na escola e também na vida pessoal, pois depois de sentir-me mãe de muitos filhos, meus pequenos alunos, agora havia chegado a minha vez de gerar e poder exercer literalmente o papel de mãe. Nossa! Que responsabilidade! Bastante diferente de quando se é apenas professora.

Em 2009, Eliane, mãe de uma aluna da escola em que trabalhava, professora da faculdade de Educação, passava pela minha sala de aula e dizia: "Patrícia, quando é que tu vais fazer mestrado?" Acredito que tenha sido por ela conhecer o meu trabalho e os projetos desenvolvidos na escola que insistia para eu retornar aos estudos e, em específico, iniciar um mestrado. Em 2010, ela me incentivou a ingressar como aluna especial no curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFPel. Inicialmente, fui cursar uma disciplina. No semestre seguinte, fiz outra disciplina e a prova de seleção para o mestrado. Fui aprovada na prova escrita, e não passei pela entrevista. Na época, minha mãe já demonstrava um avanço na doença de Alzheimer e em 2011 tivemos que ir morar com ela. Foi um ano difícil em todos os sentidos. Não

teria estrutura para estar cursando um mestrado. Resolvi “dar um tempo”.

Em 2012, desenvolvi na escola, com os pequenos, um projeto voltado às Artes Visuais e pude contar com a parceria de uma professora do Centro de Artes para nos assessorar. Ela ministrava oficinas para as crianças e nos dava o suporte, pois não tínhamos o conhecimento específico. Mais uma vez, fui incentivada a fazer o mestrado, só que agora em Artes Visuais, visto que eu precisava de um embasamento nessa área para continuar pensando as linguagens artísticas.

Voltando ao tempo e retomando a minha trajetória de vida, digo que só fui pensar e refletir sobre algumas escolhas quando cursei a disciplina de "(Auto) formação e auto regulação da aprendizagem, processos implícitos na prática pedagógica", na linha de pesquisa Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem da FAE (Faculdade de Educação). Comecei a costurar minha narrativa, fazendo as leituras, ouvindo os debates e narrativas dos colegas e perguntando para mim sobre quem sou e o que estou fazendo aqui. Procurava ressignificar minhas experiências e fazer reflexões de minhas ações através das narrativas diárias do meu fazer pedagógico, que motivou a escrita deste texto em formato de diário.

Na minha infância, gostava de brincar de professora. Meu pai me presenteou com um quadro verde, feito pelo

marceneiro, pois não existiam quadros prontos para comprar como hoje, em que se vai a uma livraria e escolhe o tamanho que quiser. Então, reunia as crianças vizinhas e sempre era a professora. Lembro-me do meu primeiro livro da primeira série: guardei-o como lembrança e depois doei-o para pesquisas sobre alfabetização. Também lembro que quando minha mãe ia a Pelotas, ficava ansiosa a sua espera, pois ela trazia livros e cartilhas que eu adorava. Penso que a escolha por esta profissão já estava determinada naquela época.

Introdução

A pesquisa a qual desenvolvi durante os dois anos em que cursei o mestrado em Artes Visuais do curso de Pós-Graduação do Centro de Artes da UFPel está embasada no **“Projeto Pequenos Pintores, Grandes Artistas”**, desenvolvido no Colégio São José de Pelotas/RS, no ano de 2012, no Período 3 da Educação Infantil, com vinte e cinco alunos entre 5 e 6 anos de idade. Essa instituição é uma das maiores e mais antigas escolas particulares de Pelotas, fundada em 1910 pelas irmãs da Congregação de São José.

Atuando como educadora nessa instituição há mais de vinte anos, senti a necessidade de parar e pensar na minha trajetória como docente. Por que somente agora comecei a questionar e refletir algumas questões relacionadas ao fazer e, em especial, ao fazer artístico? Por que fui à busca de um estudo aprofundado e qualificado, visando ao despertar de uma educação da sensibilidade? Porque o meu interesse em pensar e refletir sobre esta área está atrelado à minha história pessoal e profissional, às minhas vivências e ao interesse pela cultura em geral. Porque na Educação Infantil o professor utiliza as linguagens artísticas sem um conhecimento específico, sem compreender os procedimentos peculiares da área, sem uma reflexão sobre como elas podem auxiliar nos mais distintos

processos sensíveis e cognitivos, e como podemos vinculá-las às outras áreas do conhecimento. Fundamentalmente, deve-se à minha prática docente na Educação Infantil, que tem envolvido atividades de pintura, gravura, modelagem, visita a exposições e, por fim, deve-se à aceitação do desafio de conceber e executar um projeto de letramento por meio da linguagem pictórica.

Mesmo sem o conhecimento específico, acredito que a linguagem artística, além de auxiliar na autonomia corporal e no saber sensível, é impulsionadora de uma aprendizagem cognitiva prazerosa e inventiva, visto que a criança aprende aquilo que compreende através da significação que vai dar às suas vivências. As ações voltadas às linguagens artísticas propiciam a expressão de sentimentos e emoções, não separando esses da razão e do intelecto. A sociedade, como podemos verificar na maioria dos projetos pedagógicos escolares, é quem faz esta separação: saber sensível e saber inteligível. Segundo João Francisco Duarte Jr.:

Em certo sentido estamos vivendo uma civilização *racionalista*, na qual se pretende separar a razão dos sentimentos e das emoções, encontrando-se na primeira o valor máximo da vida. Ocorre que essa separação é ilusória. [...] é somente com base nas vivências, no *sentimento das situações*, que o pensamento racional pode se dar (DUARTE JR. 2013, p. 31).

Foi com essa premissa, ainda intuitiva, que levei para a sala de aula as artes visuais e elaborei junto às professoras do Período 3 da Educação Infantil do Colégio São José, o **“Projeto Pequenos Pintores, Grandes Artistas”**. A intenção desse projeto não era formar artistas, mas, de acordo com Duarte Jr., proporcionar aos pequenos a sensibilização do olhar e a descoberta da arte nas mais distintas situações cotidianas. Enfim, queria provocá-los a descobrir, através de sua expressividade, sua capacidade de criar, de poder partilhar suas descobertas, suas preferências, percebendo-se como sujeito sensível e racional único que o é, com suas particularidades perante os outros. Assim como a inserção da criança no mundo das letras, proporcionando essa variedade de situações, articulando com o processo de letramento e alfabetização. De acordo com Magda Soares, especialista nesta área, o letramento:

[...] é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita (SOARES, 2004, p.18).

Soares acredita que é na Educação Infantil que o professor comprometido com o processo de alfabetização e letramento, criará oportunidades diversificadas, reais e lúdicas, com fundamentos e fazendo as interferências necessárias para

que a criança faça a sua leitura de mundo e construa seu próprio conhecimento.

A criança terá consciência fonológica a partir de atividades lúdicas desenvolvidas na educação infantil, como: desenho, escrita espontânea, audição de história e por que não a inserção ao mundo das artes visuais?

Penso que as artes visuais, como produto artístico cultural que é pode contribuir para as práticas sociais de leitura e escrita desenvolvidas na educação infantil, promovendo assim, uma maior reflexão do contexto ao qual está inserida e favorecendo seu posicionamento diante dos desafios encontrados. Também, transformando o modo de a criança olhar a si e ao seu entorno, através da partilha de imagens e suas múltiplas interpretações, por meio de leituras na sala de aula, em museus, galerias, etc. Susana Rangel Vieira da Cunha vai se referir à “pedagogia da visualidade”:

Denomino de **pedagogias visuais** os processos educativos efetuados pelas imagens e que passam a compor um currículo paralelo, dentro e fora das escolas, funcionando como uma espécie de **currículo visual**. [...] As pedagogias da visualidade formulam conhecimentos e saberes que não são ensinados e aprendidos explicitamente, mas que existem, circulam, são aceitos e produzem efeitos de sentido sobre as pessoas (CUNHA, 2007, p.135).

Anamélia Bueno Buoro se refere a uma "pedagogia da imagem" quando essa é lida, partindo da premissa de que arte

é linguagem, que emana dos modos de ver e acionar o mundo. Segundo Buoro, o objeto da arte é, portanto, um texto visual (BUORO, 2003).

Ao encontro de Cunha e Buoro, no que tange à produção de sentido a partir de imagens, o primeiro passo de minha prática pedagógica realizada no ano de 2012, com a turma da Educação Infantil, foi disponibilizar reprodução de pinturas para que as crianças pudessem perceber como o artista concebe e dá a ver de outra maneira as coisas e fatos que nos rodeiam. A experiência proporcionada pela investigação e partilha da produção artística me lançou ao estudo da mesma. Passei, assim, a frequentar o Centro de Artes, primeiramente como aluna especial no Programa de Pós-graduação, e logo como aluna regular.

O mestrado em Artes Visuais criou vínculos com estudantes de artes, artistas e professores através das conversas tecidas e, acima de tudo, da troca de afetos entre os mesmos, com as quais atravessei e fui atravessada nesse jogo de saberes. Tudo isso me oportunizou olhar, perceber, sentir e construir com afeto e emoção as minhas vivências, tornando esse percurso singular em minha vida de mulher, filha, educadora, esposa, mãe e tantos outros papéis que só o nosso gênero pode assumir.

Escrevi o presente texto em formato de diário para rever as práticas e pensar sobre elas, já que quando desenvolvi o **“Projeto Pequenos Pintores, grandes Artistas”**, que subsidiou o meu projeto de pesquisa, não possuía referências específicas sobre o assunto. Baseando a escrita no meu diário de aula, tentei rememorar essa caminhada, inserindo algumas reflexões que se expandiram a partir de leituras e teorias, e que se tornaram referenciais quando ingressei na discussão sobre ensino da arte no mestrado. Essa trajetória me levou a um encontro com as linguagens artísticas: a literatura, os artistas, o Centro de Artes, os museus e as galerias, lugares onde vislumbrei o imenso campo da arte.

A escrita foi organizada em tópicos que dizem respeito ao momento em que estava envolvida com as atividades cotidianas, como as práticas pictóricas propostas, as observações, anotações, intervenções, saídas de campo, filmagens, fotografias, leituras etc., em uma retomada descritiva das práticas, com reflexões de um ano inteiro de uma professora durante a realização do projeto. Todavia, o texto que compõe cada tópico foi analisado a partir do estudo realizado no mestrado.

Como referencial teórico para as reflexões, elegi Sandra Richter. Ela foi a primeira autora apresentada a mim, e serviu de suporte durante todo o desenvolvimento do projeto e de

tudo o que envolveu prática, materiais utilizados e exemplos de experiências no campo pictórico, possibilitando aos pequenos elaborarem a linguagem pictórica através de um pensamento simbólico. Também a elegi como modelo de educadora, com ela me identifiquei através de sua experiência, marcada pela intencionalidade educativa no conviver com os pequenos cotidianamente.

Madalena Freire me fez voltar no tempo e lembrar o início de minha caminhada como educadora na Educação Infantil, e confirmar que a construção do conhecimento das crianças se dá através de experiências simples, mas concretas e significativas para elas. São experiências promovidas com paixão e convicção de todos os envolvidos no processo de mediação: a escola, os professores, a família e a comunidade em geral.

O entendimento de que as imagens promovem e auxiliam nos modos de ver da criança se deu a partir das leituras de Anamélia Bueno Buoro e Ana Mae Barbosa. Além disso, Susana Rangel Vieira da Cunha, Luciana Loponte e João Francisco Duarte Jr. transitam no campo da Arte/Educação relacionando corpo e mente, palavra e imagem, razão e emoção.

Conheci os textos de Miriam Celeste Martins quando já me detinha na escrita da dissertação, e pude perceber que o

termo utilizado por ela como “Diário de Bordo” remeteu-me a minha escrita em formato de diário. Identifiquei-me também com sua metodologia de pesquisa e o modo de abordar o conhecimento artístico-estético aprendido pelas crianças. Utilizo as palavras de Martins, quando diz:

O desafio é grande. Dá muito trabalho! Mas certamente nossa ação pedagógica precisa instigar o domínio do pensamento que se expressa e se comunica. Alfabetizando, verbal ou esteticamente, ensinamos a pensar. Não seria esse o nosso papel de ensinantes? (MARTINS, 1998, p. 187).

Ou seja, meu desafio foi grande no que tange a minha nova perspectiva que tanto me encanta, que é mergulhar como professora nos saberes da arte. Eles são fundamentais para que eu possa continuar praticando a docência com ludicidade, envolvida nas mais distintas formas de conceber e ver o mundo.

Quinta-feira, 15 de março de 2012 / UMA PROPOSTA

Nessa época, começava a repensar sobre o tema escolhido para incrementar o **Projeto Alfabeto Divertido**, no ano de 2012, no Período 3 da Educação Infantil. Esse projeto foi desenvolvido na escola onde trabalho e sua finalidade era possibilitar às crianças expressarem-se de forma natural e desenvolva, descobrindo o mundo das letras através de brincadeiras, de jogos simbólicos, de histórias e da arte como um todo – dança, teatro e expressões gráficas, entre outros.

Cada aluno tornou-se professor durante uma semana, apresentando uma letra do alfabeto. Em conjunto com sua família, tinha a liberdade de escolher os objetos que representariam a letra, trazendo-os para a sala de aula e apresentando-os aos colegas. Isso proporcionou momentos de aprendizagem diversos relacionados à letra em estudo, o que fez com que cada criança se sentisse autora do seu processo de conhecimento. Confirmando essa prática, Madalena Freire escreve:

É através de atividades de pesquisa, de manuseio de objetos que possuem atributos distintos que as crianças deverão conquistar, aos seis, sete anos, critérios (observados e trabalhados por eles) de seleção para a organização (classificação) das coisas. [...] É construindo representações, símbolos que a criança registra, pensa e lê o mundo. (FREIRE, 2014, p.25).

Para exemplificar: a aluna que foi professora da letra **P** trouxe seu **Pai** para fazer **Pães** junto com os colegas, e sua mãe oportunizou uma aula de **Pintura** sobre o **Pintor Pablo Picasso**. Esse projeto, além de estimular os alunos a descobrirem sobre as coisas que fazem parte do seu entorno, também proporciona o conhecimento das palavras, dos conceitos daquilo que está no mundo e o porquê. Além disso, integra e incentiva as famílias, como educadoras que são, a fazerem parte do processo de ensino-aprendizagem. Faço minhas as palavras de Freire: “Acredito que neste processo de descobrir, conhecer o mundo, estamos todos nós juntos: eu, as crianças e vocês pais” (FREIRE, 2014, p. 58).

De acordo com a minha prática pedagógica, percebo a importância para os pequenos de terem seus pais presentes na sala de aula, questionando, descobrindo, aprendendo e ensinando ao mesmo tempo.

Luciana Loponte também vai se referir ao processo de construção do conhecimento a partir da arte, da seguinte forma:

A escola tem a função social importante de oportunizar às crianças, com toda a sua pluralidade e diversidade, um contato de qualidade com diferentes manifestações artísticas, para favorecer que os alunos possam aprender a pensar a partir das artes e exercitem a capacidade de criar e recriar o mundo em que vivem [...] A criança também se alfabetiza por meio das artes, ela aprende com todo seu corpo, criando imagens, sons e movimentos (LOPONTE, 2012, p.33).

Então, o Projeto Alfabeto Divertido propõe esse conhecimento que, embora pautado em uma proposta de alfabetização, desvenda a multiplicidade de formas e conceitos em torno de uma letra. Ainda no final do ano de 2011, quando terminava o projeto, já brotava em minha mente o tema que seria abordado no ano de 2012, pois não consigo repetir as propostas de um ano para o outro. Como já havia trabalhado com dobraduras, personagens de histórias e músicas, pensei, então, nas artes visuais, mais especificamente na pintura. Nosso desafio era conceber práticas distintas que possibilitassem aos alunos experiências diferentes. Primeiramente, conversei com minhas colegas e discutimos a respeito da proposta, de trabalhar conjuntamente e com uma temática específica da arte. Combinamos que para cada letra do alfabeto escolheríamos uma obra de arte. Então, sentamos em frente ao computador e fomos escolhendo as imagens de obras que envolvessem a infância e a capacidade de imaginação, cenas em que as crianças pudessem reconhecer situações que vivenciam cotidianamente. Segundo Susana Rangel Vieira da Cunha:

As escolas em geral, e em especial as escolas infantis, poderiam realizar um trabalho na contracorrente das pedagogias da visualidade que circulam nos mais variados meios, no sentido de pensar estratégias e viabilizar ações para que o olhar possa ao ser provocado, mobilizado, surpreendido, tornando-se crítico e sensível ao

mundo, às outras imagens, aos outros (CUNHA, 2007, p.143).

Sem saber, estávamos pensando em desenvolver **UMA PROPOSTA** de uma pedagogia do olhar, aproximando a infância da arte através da experiência estética e pictórica. Fiz essa constatação ao me deparar com o texto de Cunha e com tantos outros aos quais fui apresentada durante a escrita da dissertação.

Sentimo-nos, eu e minhas colegas, de certa forma, impotentes, pois não nos achávamos conhecedoras dessa área, a arte pictórica. Então surgiu a ideia de convidar a professora Eduarda Gonçalves, do Centro de Artes, para nos orientar, visto que em anos anteriores ela já havia desenvolvido oficinas de arte na nossa escola.

Quinta-feira, 22 de março de 2012 / AO ENCONTRO

Posso dizer que, ao mesmo tempo em que fiquei angustiada, senti-me um pouco mais segura em desenvolver o planejamento do projeto, pois conseguimos conversar com a professora Eduarda Gonçalves e ela nos ajudou a fazer um levantamento de obras pictóricas que poderiam ser utilizadas nesse projeto de pintura (ainda não havíamos escolhido o

nome). Ele seria um subprojeto do **Alfabeto Divertido**, atentando à temática, aos materiais, à técnica, à biografia dos artistas e ao contexto histórico. Substituímos algumas imagens por sugestão da professora e combinamos uma oficina ministrada por ela e suas alunas da universidade. A partir daí, desenvolvi o projeto junto às professoras do Período 3, agora com um título: **“Projeto Pequenos Pintores, Grandes Artistas”**, valorizando o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil):

As Artes Visuais estão presentes no cotidiano da vida infantil. Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis. As Artes Visuais são linguagens e, portanto, uma das formas importantes de expressão e comunicação humanas, o que, por si só, justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente (RCNEI, 1998, p. 85).

Reflito que o professor de educação infantil necessita estar atento aos modos de aprender e ensinar Artes Visuais na contemporaneidade. Para tanto, deve proporcionar atividades que instiguem e desenvolvam o lado sensível das crianças, nas mais diversas ações do cotidiano escolar. De certa forma, estávamos indo **AO ENCONTRO** de uma premissa do RCNEI. Julgo que o contato dos pequenos com os materiais plásticos e

sua interação com o outro auxilia a um pensar e fazer e, consequentemente, a uma autoaprendizagem a favor da inseparabilidade entre o sensível e o inteligível, inserindo esses nas práticas culturais, sociais, históricas e estéticas. De acordo com Marly Meira e Silvia Pillotto:

Ao refletir sobre o sensível e o afeto nas práxis educativas, é importante compreender o conhecimento, não como algo a ser dado, mas como algo a ser construído e sentido, capaz de tocar nosso ser profundamente. Desse ponto de vista, o conhecimento construído é mais do que intelectual, é também intuitivo, é um conhecimento global das coisas. Internalizamos vários aspectos de um fenômeno, interpretando-os a partir da percepção que temos do que vemos, de onde estamos e da história que construímos [conhecer] passa pelo limiar do racional e do sensível (MEIRA E PILLOTTO 2010, p.41).

O “Projeto Pequenos Pintores, Grandes Artistas”

proporcionou a nós, professoras, redimensionar o nosso trabalho com arte, intencionalmente, e descobrir junto com as crianças o mundo das letras e da arte. Isso se deu pela experimentação das crianças com materiais distintos; pela percepção de si, do outro e de tudo o que está no seu entorno; pelo novo olhar adquirido; pelas sensações vivenciadas e pela troca de afetos entre os participantes do projeto, dentre tantas outras experiências significativas. E aqui se engloba não somente as famílias e a escola, mas as instituições parceiras, como o Centro de Artes, as salas de exposições e os artistas,

companheiros expressivos no lançamento dessa proposta pedagógica.

Pude perceber o quanto foi importante estar participando das discussões apresentadas nas aulas do mestrado, que versaram sobre vários temas: experiência estética, sensibilização do olhar, modos de expressão, ou seja, assuntos relacionados à arte. As aulas contribuíram para um melhor entendimento sobre. Da mesma forma, conheci bibliografias que se tornaram companheiras desse processo de escrita, consolidando assim a pesquisa. Ao procurar livros que pudessem nos dar suporte para desenvolver esse tema, entre tantos, encontrei o sugerido pela professora Eduarda Gonçalves, "CRIANÇA E PINTURA: ação e paixão do conhecer", de Sandra Richter, sobre o qual me debrucei, fazendo uma leitura sedenta pela sua pedagogia baseada nos estudos da infância.

Quinta-feira, 29 de março de 2012 / NOSSA INTENÇÃO

Reunimo-nos com os pais, com o propósito de expor o projeto **Alfabeto Divertido**, lançando sua proposta e explicando o que seria desenvolvido ao longo do ano. **NOSSA INTENÇÃO** era estimulá-los a participar, quando possível, das

diversas práticas que eram proporcionadas. Sorteamos as letras do alfabeto para cada aluno. Explicamos que cada um seria professor durante uma semana, apresentando a sua letra e, em conjunto com sua família, trariam diversos objetos que representassem a letra em estudo. Eles ofereceriam aos colegas atividades variadas relacionadas a ela. Ao expormos o tema que seria desenvolvido, ou seja, as Artes Visuais, especificamente pinturas de diferentes artistas, criamos espaço para que os pais pudessem contribuir no processo de conhecimento e descobertas junto aos seus filhos. A reunião foi prazerosa e alguns pais demonstraram uma excelente receptividade ao tema abordado, justificando que a área das Artes Visuais, pouco valorizada, poderia auxiliar no desenvolvimento da sensibilidade e criatividade de seu filho, assim como no aspecto cognitivo. Houve a manifestação de mães colocando-se à disposição para contribuir em alguma ação educativa, sentindo-se sensibilizadas pelo assunto em questão e disponibilizando também algumas avós e tias para tais atividades, visto que esses familiares possuíam experiências artísticas. Foi marcada uma aula-passeio pelo centro histórico de Pelotas e uma visita a algumas exposições de arte.

Cito mais uma vez Freire (2014, p. 120), quando diz: “A educação como processo de conhecimento que engloba tudo e

todos – escola e pais”. Acredito, sim, que o envolvimento da família com as atividades escolares amplia e contextualiza no dia-a-dia, por meio de suas vivências, a descoberta do alfabeto. Assim como o alfabeto, as palavras e as imagens estão em todos os lugares: na casa, na comida, na rua, no jardim, no escritório do pai, no supermercado, no carro, na brincadeira, nas músicas, afinal, são representações através de signos e códigos geradores da linguagem. As linguagens estão no mundo e nós estamos nas linguagens (Peirce,2003). Estamos a todo momento fazendo leitura do que nos cerca, na interação com o outro e com as coisas do mundo, e esse processo de construção do conhecimento não se dá somente na escola, e sim nos diversos ambientes com os quais estabelecemos relações.

Sexta-feira, 30 de março de 2012 / PAIXÃO

Ao iniciar a leitura do livro "CRIANÇA E PINTURA: ação e paixão do conhecer", de Sandra Richter, logo já me identifiquei com suas colocações quando me deparei com o título de apresentação deste livro, “Marcas da história de uma professora”, na página 9. A autora inicia a escritura referindo-se a sua história de vida:

Minha história é fruto de uma **PAIXÃO** muito grande pelas possibilidades de poetizar o vivido e, por extensão, pela educação como um dos meios para transformar nosso entorno com emoção, afeto, beleza e inteligência (RICHTER, 2008, p. 9).

Enquanto meus olhos percorriam a escritura da vivência dessa professora, revisei minha prática docente e percebi que mesmo sem um conhecimento específico nas Artes Visuais, eu já propunha atividades envolvendo a articulação do imaginário infantil. Tudo isso eu fazia por meio de representações teatrais, brincadeiras diversas, coreografias de danças, pinturas utilizando tintas e suportes distintos, modelagens envolvendo desde a massa de modelar e a argila até modelagens culinárias com massa de pão e bolachinha etc., além de abranger o processo de letramento. Observei que os pequenos vão construindo seus saberes de uma forma lúdica, espontânea, individual e coletiva, e nesses registros que elaboramos, vamos nos constituindo no processo de ser professora, a cada dia, a cada ano, a cada turma.

Richter fala ainda sobre um projeto de pintura com crianças da educação infantil, assim como o que iríamos desenvolver em nossa escola. Senti que essa leitura serviria de suporte e aprendizado consistente, justificado por autores com pesquisas nesse tema.

Compreendo que o educador infantil tem grande influência na construção dos saberes das crianças. Elas estão

formando seus conceitos de ser e estar no mundo, por isso temos que ter a consciência de que podemos ser os impulsionadores de uma formação que visa estimular a face mais sensível e humana da criança, assim como provocar experiências as mais distintas, através da sensibilidade. Ou seja: é a possibilidade de criar como os artistas criam, produzir ao invés de consumir, resistindo à política capitalista vigente. Cunha afirma que:

Este olhar reduzido de possibilidades é “ensinado” pela cultura midiática como um olhar consumidor de qualquer coisa, faminto, veloz, navegante, que não fixa detalhes, não vasculha, não discrimina (CUNHA 2007, p. 140).

Aí está o nosso desafio de construir, desconstruindo estereótipos já sedimentados pela cultura capitalista que vigora na contemporaneidade.

Domingo, 01 de abril de 2012 / A LIBERDADE

Continuando com a leitura do livro de Richter, detive-me na questão da liberdade abordada pela autora:

Se não houver tempos e espaços para experimentar, realizar e inventar, não haverá liberdade para a criação. Assim, uma das primeiras condições a considerar, em se tratando de arte, é a liberdade (RICTHER 2008, p. 20).

Parei nesse parágrafo e voltei ao passado, fazendo uma revisão das minhas experiências com relação a essa reflexão.

Acredito que sempre procurei priorizar em minha sala de aula **A LIBERDADE**, tanto a liberdade de expressão como a liberdade de escolhas de brincadeiras e escolhas de materiais que seriam utilizados, claro que nunca sem a responsabilidade, pois convivemos em um espaço partilhado com outros e dessa forma tenho que saber o limite de minha liberdade. Há regras de convivência em qualquer sociedade organizada. Creio ter proporcionado momentos diversos com a manipulação de todo o tipo de material possível. Além disso, circulamos por ambientes diferentes do da sala de aula, como museus, galerias de arte, bibliotecas, ruas da cidade, entre outros. Meu intuito era de que o aluno pudesse, a partir dessas vivências e das distintas relações de significação e representação, conhecer, experienciar, manipular e, assim, estimular sua sensibilidade a ponto de pensar, articular, criar. Essas experiências estéticas e artísticas, além de atuarem no desenvolvimento sensível, também atuam no desenvolvimento cognitivo e intelectual da criança, ao colocá-la em contato com a linguagem da arte.

Sexta-feira, 27 de abril de 2012 / O ENCANTAMENTO

Na sexta-feira, dia 27 de abril, conforme o que havíamos combinado em reunião com os pais, fizemos um **tour** caminhando pelo centro histórico de Pelotas, observando as ruas, os casarios antigos e a Praça Coronel Pedro Osório. A participação dos pais foi bem representativa, pois dos vinte e quatro alunos, doze pais acompanharam por vontade própria. Observaram, contextualizaram e se sensibilizaram com o que viram.

Visitamos as exposições de arte no Casarão 2 – Casa de Cultura Adail Bento Costa – e no Centro de Integração do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) (fig. 1, 2, 3, 4 e 5). As crianças demonstraram curiosidade com o tipo de mobília – pertencente a Bento Costa – que guarnece o casarão, por considerá-la com a aparência de ser forte e pesada. Ficaram surpresas também com o autorretrato deste pintor e restaurador pelotense, por acharem uma pintura antiga, em que sua retratação se deu quando aparentava uma jovialidade, e por perceberem a presença de um possível charuto que exibia em sua mão.

No MERCOSUL a exposição que visitamos era intitulada **Haiti – Arte e resistência**. Eles interagiram com os objetos

expostos, próprios da cultura haitiana, reconstituídos no espaço da exposição para que as pessoas pudessem interagir e ter uma relação física com os mesmos. Havia, por exemplo, alguns instrumentos musicais típicos, assim como a representação de um ônibus em que as crianças podiam brincar. Ou seja, participavam mesmo que distantes geograficamente daquele país, antes tão perto pela identificação ali constatada pelas crianças. Havia também muitas fotos retratando a realidade do território haitiano. Ao mesmo tempo em que o físico das crianças nas fotos chamou a atenção dos meus alunos pela aparência de fraqueza, também mostrou que são crianças e vivenciam a infância assim como eles. Elas estavam inseridas nas brincadeiras e obras de arte feitas por elas mesmas e retratadas nas fotografias. Loponte se refere à apreciação estética que os professores podem proporcionar aos seus alunos desde os anos iniciais, ao levá-los ao conhecimento de outras culturas e permitir que façam a sua leitura de acordo com sua vivência:

Ao apreciar as artes de seu tempo e sua cultura, o espectador participa da forma de sentir comum a seus contemporâneos; ao conhecer a produção artística de outros tempos e culturas, tem acesso à visão de mundo de outras épocas e outros povos. Cada indivíduo associa as produções artísticas às suas vivências anteriores, suas lembranças, memórias e aspectos próprios da sua cultura. Deste modo, ele constrói para si um acervo de conhecimentos que o torna participante e pertencente a um grupo, tendo nas artes uma de

suas experiências mais importantes (LOPONTE, 2012, p. 35).

Ao chegarmos à sala de aula, conversamos e cada um pode fazer sua colocação a respeito do que havia visto. Depois, registraram ao seu modo através de desenho e da escrita de palavras as quais estavam descobrindo. Também pudemos conectar o tema da exposição com História e Geografia, e identificar a localização do Haiti no mapa-múndi, conhecendo um pouco mais sobre a vida, os costumes, a cultura e também as dificuldades do povo haitiano.



Figura 1 – Caminhada em torno da Praça Coronel Pedro Osório.

Fonte: Acervo da autora



Figura 2 – Visita à Casa de Cultura Adail Bento Costa.

Fonte: Acervo da autora

Penso ser importante esse contato dos pequenos com as diferentes linguagens e espaços que representam a arte, pois muitas vezes, ao fazerem a leitura e interpretação de uma imagem, eles veem e descobrem muito mais do que nós, adultos. De acordo com Anamélia Bueno Buoro:

Tais relações que se estabelecem entre sujeito observador e obra de arte podem efetivamente gerar experiências estéticas, leituras visuais, apreciações e fruições que devem ser conhecidas e reconhecidas pelo educador, de tal modo que este atue como facilitador desse encontro,

proporcionando, tanto quanto possível, os meios para que contatos sensíveis de seus alunos com o objeto de arte venham a acontecer (BUORO, 2002, p. 44).

Assim como Buoro relata, nós, educadores, temos esse papel fundamental de apresentar o aluno ao conhecimento e às experiências que a arte pode proporcionar em sua vida e na daqueles que o cercam. Há uma passagem em que ela se refere à ida de alunos ao Monumento às Bandeiras, em São Paulo, situado em uma praça de circulação dos alunos. A autora conta que eles visualizavam o monumento quando passavam de carro ou ônibus, ligeiramente, sem um olhar lento, atento, intencional, um olhar consciente de uma obra de arte. O fato de irem a pé ao local, juntamente com a professora, e poderem ver de perto, percorrer a escultura, fez com que eles a redescobrissem como algo concreto, vista sob outros ângulos, e também com que pudessem emitir seus próprios significados (BUORO, 2002, p. 36).

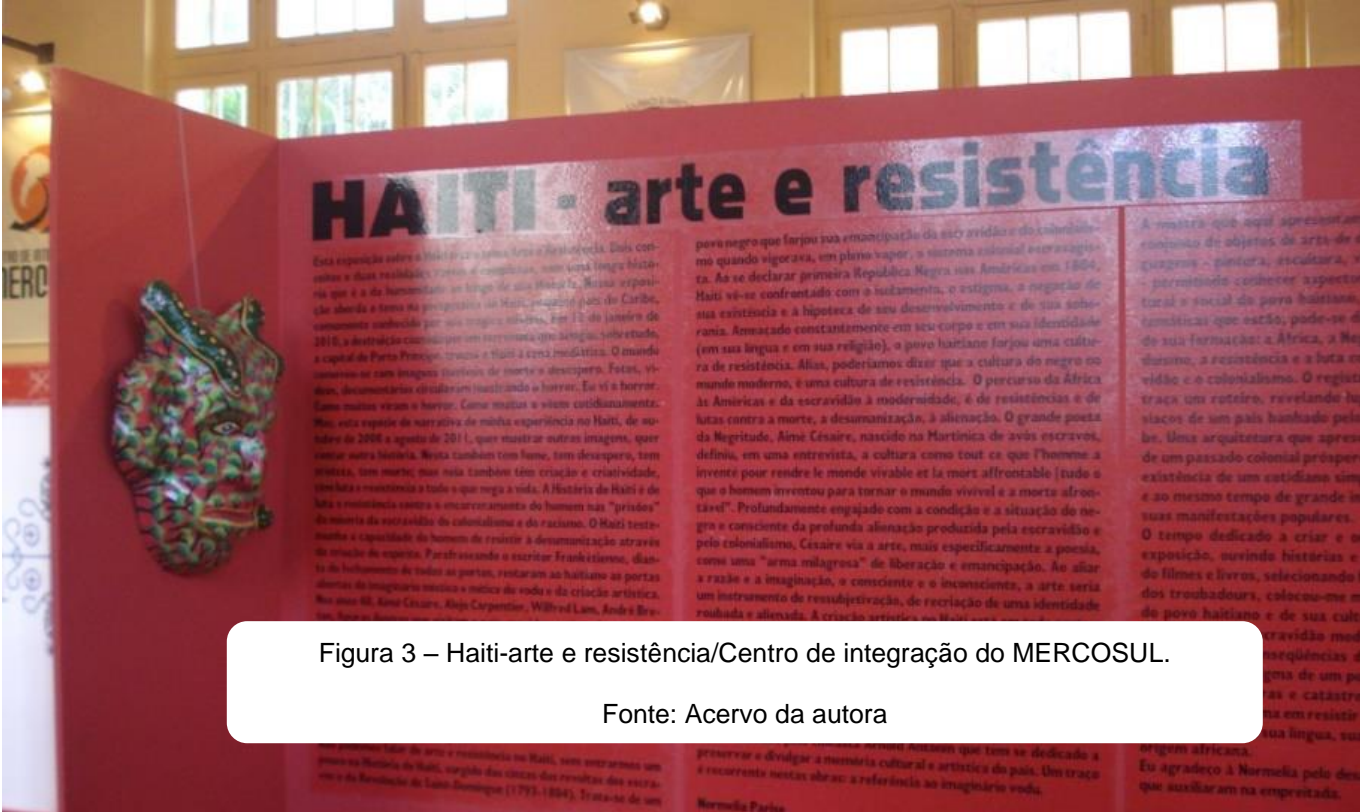


Figura 3 – Haiti-arte e resistência/Centro de integração do MERCOSUL.

Fonte: Acervo da autora



Figura 4 – Exposição Haiti – Alunas à frente do painel de fotografias da exposição.

Fonte: Acervo da autora

Possibilitando o acesso não só das crianças, mas também de seus familiares a esses espaços expositivos voltados às artes, acredito poder proporcionar o alargamento do conhecimento a respeito da cultura visual através do contato



com obras de arte e com o contexto histórico, dentre outros elementos. Isso os incentiva a um conhecimento dinâmico e informal e amplia a capacidade de atribuir sentido ao mundo e aos processos cognitivos, porque revela diferentes pontos de vista, maneiras de representar, de expressar e de reivindicar o mundo.

Figura 5 – Fachada do Prédio do Centro de Integração MERCOSUL.

Fonte: Acervo da autora

Senti, com essa primeira proposta de passeio cultural, algo semelhante ao que a autora descreve em seu livro, pois percorremos quase que diariamente o centro histórico de Pelotas de carro, e do interior deste não conseguimos deter o nosso olhar aos detalhes.

Ao mesmo tempo em que caminhávamos e observávamos a fachada dos prédios, pude perceber **O ENCANTAMENTO**, tanto das crianças quanto de seus familiares, ao ouvir comentários sobre a beleza do Teatro Guarany, do Grande Hotel, das árvores da praça e arbustos que lhes chamaram a atenção pela primeira vez. Ao proporcionar intencionalmente essa caminhada, constatei que, assim como as crianças paulistas, meus alunos e seus pais se surpreenderam ao observarem a fachada dos prédios e seu interior, percorrendo o centro a pé.

Mais uma vez trago Buoro para reforçar o quão significativo é o papel do educador em oferecer ações orientadas, visando a provocar um olhar intenso e vivo dos alunos:

Assim, o olhar intenso e vivo não se perde com o crescer inevitável; ao contrário, expande-se e aprofunda-se, estimulado em suas potencialidades, enquanto oferece ao sujeito os subsídios para resistir às estratégias complexas da massificação que, cada vez mais, se especializam em atingir e manipular o olhar desavisado da criança e, por meio dela mobilizar o

adulto. O olhar desavisado, quase cômico, é o que buscamos, devidamente formado para tornar-se seletivo e crítico, mas, ainda assim, nem dispersivo, nem defensivo (BUORO, 2002, p. 50).

Considerando as palavras da autora, penso ter promovido uma ação para o olhar que provoca, indaga, descobre, sensibiliza, alegra, desvenda e ressignifica os espaços percorridos, obras conhecidas e experiências compartilhadas. Enfim, percebi que pude contribuir para a sensibilização de experiências estéticas na educação infantil para além do espaço da escola.

Segunda-feira, 07 de maio de 2012 / O PROJETO

Começamos com a apresentação das letras do **Projeto Alfabeto Divertido - letra A**. Além de as crianças manipularem os objetos que representavam essa letra, trazidos pela aluna responsável, puderam visualizar a escrita desses objetos no quadro negro. Foram eles: almofada, arroz, alface, anjo, abóbora, abacaxi, abacate, algodão, argila, avental e as cores azul e amarelo, dentre outros.

A metodologia de apresentação dos objetos trazidos pelo aluno se deu da mesma forma com as outras letras do alfabeto. Na sexta-feira, o aluno levava o saco da letra para a

casa e retornava na segunda-feira com os objetos que ilustravam a letra dentro do saco. Houve uma dinâmica igualmente seguida. As crianças sentavam no chão em semicírculo e o professor da letra sentava à frente do quadro. Ao retirar cada objeto de dentro do saco, explanava sobre ele, dizendo do que se tratava e qual sua função. Exemplificando: quando o aluno apresentou o “avental” aos colegas, ele referiu-se a ele dizendo que era utilizado sobre a roupa para não sujá-la. Depois disso, eu registrava no quadro a palavra em escrita bastão, destacando a letra em estudo. O processo se dava oralmente, a criança não copiava as palavras do quadro, ela verbalizava o som e reconhecia a grafia. Logo, ela escolhia um dos objetos para representar a letra e desenhava no caderno. O aluno tinha a liberdade de escolher mais de um objeto para desenhar e, se quisesse, fazer a escrita espontânea. Além disso, podia compartilhar as descobertas vivenciadas anteriormente em família.

Proporcionando a continuidade do que é vivenciado no meio familiar pela criança, a produção da linguagem, quer oral ou escrita, é um processo que vai iniciar nesse âmbito e continuar com a inserção da criança na escola. É papel do professor ser mediador, facilitando o processo no momento do despertar da criança, no momento do desejo de conhecer tudo o que lhe parece novo. Aos poucos ela se apropriará desse

conhecimento, conforme a vivência cultural da qual faz parte.

Afirma Chiovatto:

[...] o professor mediador encontra-se no meio da ação de educar, e aí age, garantindo a incorporação das percepções e interpretações individuais, das informações e conhecimentos (dos conteúdos, seus e dos alunos), das relações com o mundo em que vivemos, num todo articulado e significativo, que amalgama o conhecimento tornado útil ao fluxo dinâmico da vida (CHIOVATTO, 2012).

O projeto Alfabeto Divertido insere as crianças no mundo de linguagem e das representações, desencadeando a construção de significações para si mesmas e para o seu entorno, possibilitando a expressão da criatividade de forma natural e desenvolta, impulsionando-as a uma aprendizagem em que elas também são propositoras. Ao manter o contato com a palavra oral e escrita, ela vai elaborando e construindo os seus conceitos e, conseqüentemente, ampliando as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento das potencialidades expressivas. Um pouco sobre o que conhecemos das crianças, por Sônia Kramer:

[...] tenho defendido uma concepção que reconhece o que é específico da infância – seu poder de imaginação, fantasia, criação -, mas entende as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar não só a compreender as crianças, mas também a ver o mundo do ponto de vista da criança. Pode nos

ajudar a aprender com elas (KRAMER, 2014, p. 272).

As crianças sentiram-se coautoras no desenvolvimento desse projeto desde a sua execução, participando ativamente, envolvidas e comprometidas com todas as atividades realizadas. Apesar de o projeto ter sido planejado inicialmente pelas professoras, com claras intenções, isso não o tornou fechado, mas aberto às colaborações dos envolvidos, pesquisando, questionando, descobrindo, enriquecendo e ilustrando o caminho percorrido ao encontro de um conhecimento em construção, através da liberdade de se expressar com opiniões próprias e argumentadas, com representações das mais diversas. Por vezes, nós, adultos, subestimamos as potencialidades e habilidades das crianças nos mais distintos aspectos, mas, com certeza, como Kramer afirma, elas têm muito a nos ensinar. Na vida tudo é uma troca: troca de conhecimentos, troca de favores, troca de afetos... E nesse jogo de trocas, muitas vezes aprendemos a valorizar o que está ao nosso entorno pelo olhar sensível e espontâneo das crianças.



Figura 6 – Aluno com o senhor Alfabeto.

Fonte: Acervo da autora



Figura 7 – Saco dos objetos da letra “I”.

Fonte: Acervo da autora



Figura 8 – Apresentação da letra “Z”.

Fonte: Acervo da autora



Figura 9 – Alunos com os objetos da letra “D”.

Fonte: Acervo da autora



Figura 10 – Alunos com os objetos da letra “G”.

Fonte: Acervo da autora



Figura 11 – Participação dos pais na letra “O”.

Fonte: Acervo da autora



Figura 12 – Lembrança da letra “O”.

Fonte: Acervo da autora



Figura 13 – As crianças e suas letras.

Fonte: Acervo da autora



Figura 14 – As crianças descobrindo palavras no final do projeto.

Fonte: Acervo da autora



Figura 15 – As crianças descobrindo palavras no final do projeto.

Fonte: Acervo da autora

Terça-feira, 08 de maio de 2012 / UM RETRATO

Várias foram as atividades desenvolvidas em sala de aula. Levei as crianças para o laboratório de informática para visualizarem na lousa digital imagens de autorretratos de pintores conhecidos, como Tarsila do Amaral, Vincent Van Gogh, Pablo Picasso, Cândido Portinari, Rembrandt e Frida Kahlo, dentre outros. Primeiramente, deixei-os observarem todas as imagens e perguntei o que lhes chamava a atenção. Eles ficaram olhando e logo se deram conta de que era uma "foto" de rosto. Então, comecei a questioná-los sobre as características das imagens, se era uma foto, um desenho ou uma pintura; se as imagens dos rostos demonstravam alegria, tristeza, raiva, enfim, qual sentimento eles achavam que o artista estava sentindo ao representar a sua própria imagem. Também chamei a atenção para as cores utilizadas. Resultado: a imagem que mais capturou o olhar deles, pela beleza, foi a de Tarsila do Amaral (fig.16), quando se retratou em um vestido vermelho com uma grande gola e o batom da mesma cor. Pelo lado oposto, a imagem que mais lhes impressionou foi o autorretrato de Rembrandt (fig 17), por ser muito escuro e confundir o rosto com o fundo.



Figura 16 – Autorretrato de Tarsila do Amaral.

Disponível <<http://mnba.gov.br/portal/colecoes/pintura-brasileira>>. Acesso em: 22 de abril de 2015.



Figura 17 – Autorretrato de Rembrandt

Disponível

<http://www.proa.org/exhibicoes/pasadas/portinari/salas/id_portinari_auto_retrato.html>. Acesso em: 22 de abril de 2015.

Conversamos a respeito de um autorretrato ser **UM RETRATO** que o artista faz de si mesmo, através de um desenho, pintura ou escultura em

que ele revela, com traços e cores, sua imagem. Concluímos também que o artista vai construir sua imagem a partir de um estilo próprio de sua época: Rembrandt, com cores escuras e gestos expressivos, próprio do barroco; Tarsila, com cores claras, influenciadas pelo impressionismo e pelo movimento moderno, como aluna de Fernand Léger. Voltamos para a sala de aula e pedi que, por meio de um desenho, cada um tentasse se retratar. Muitos optaram por um desenho da face, representando nele a tiara, os brincos e os demais acessórios, mas o compuseram também com elementos os mais distintos,

alguns com tonalidades mais escuras, outros com muitas cores. Guardamos os desenhos e, então, pedi aos alunos que trouxessem um espelho para a aula no dia seguinte.

Quarta-feira, 09 de maio de 2012 / AUTORRETRATO

Ao iniciar a aula, pedi aos alunos que observassem no espelho seus traços físicos, expressões em seus rostos. Solicitei que analisassem seus desenhos do dia anterior e conversamos sobre o que haviam retratado e o que estavam observando ao se olharem no espelho. As cores, os adereços e os traços que escolheram desenhar, bem como suas expressões, revelam seu jeito de ser. Eles teceram algumas considerações: *"Ontem eu estava com uma travessa azul e hoje com uma rosa"*, *"Eu usei cores muito escuras, fiquei parecido com aquele pintor que só pintava escuro"*, *"Eu estava feliz da vida, rindo muito"*. Eles puderam perceber que o artista revela a si de várias maneiras, e que o modo como utiliza cores e formas atrela a si um modo de ser em um contexto específico. Os retratos podem nos revelar como as pessoas se sentiam e viviam, além de que cada um tem um modo de se vestir, cada um tem um modo de ser, uma face distinta que lhe

confere uma identidade. Podemos nos retratar por meio de diferentes linhas, cores e expressões. Segundo Katia Canton:

Autorretrato é uma forma de registro em que o modelo é o próprio artista. O retratado é quem se retrata. [...] Na verdade, o autorretrato sempre acompanhou o ser humano no desejo de deixar uma marca de sua própria imagem, mesmo depois da passagem de sua vida. Essa autorrepresentação foi tomando formas diferentes no decorrer do tempo... [...] O autorretrato é o espelho do artista. Nele se reflete sua imagem externa, assim como seu estado de espírito e sua própria maneira de ver a arte conforme vai usando cores, luzes, traços, formas e texturas (CANTON, 2004, p. 3).

A criança, na faixa etária entre 5 e 6 anos, gosta muito de desenhar, e o desenho de si é uma autoafirmação de sua identidade. Por isso, é importante realizar atividades de sensibilização, corporeidade e conhecimento do próprio corpo, bem como acessar meios e materiais que permitam expandir as possibilidades de representar o corpo, a face e o retrato.

Através dessa experiência, puderam constatar que cada artista se autorretrata a sua maneira – de frente, de perfil e até mesmo de costas –, registrando suas particularidades e forma de pintar, intensificando suas marcas, modelando seus traços, encobrimdo imperfeições, ilustrando seus instrumentos de trabalho e acessórios de estima e expressando seus sentimentos. Eles têm modos diversos de retratar suas

identidades em meio às tintas, pincéis e materiais plásticos distintos.

Depois disso, fomos à biblioteca conhecer um pouco da vida e obra de Cândido Portinari, através do livro infantil "Crianças Famosas – Portinari" de Trzmielina (1997), que conta a sua vida. Combinamos que no dia seguinte iríamos para a sala de espelhos (sala de ginástica da escola), onde cada um faria seu **AUTORRETRATO**, se observando no espelho e escolhendo as cores de tinta que quisesse. Ludicamente, enriquecemos a aprendizagem da letra "A" brincando de "amarelinha" no pátio.

Quinta-feira, 10 de maio / O MARAVILHAMENTO

Começamos com as pinturas das obras de arte contempladas no projeto e pude sentir a alegria e **O MARAVILHAMENTO** das crianças ao experimentar as tintas e misturá-las, criando a tonalidade desejada, manuseando os pincéis, conversando, rindo e trocando ideias. Tudo aconteceu da seguinte maneira: ao chegarem à sala de aula, perguntaram a que horas iriam para a sala dos espelhos (sala de ginástica) pintarem seu autorretrato. Expliquei como o processo iria acontecer e eles foram colocando as camisetas de pintar (junto ao material solicitado aos pais no início do projeto, pedimos

uma camiseta tamanho grande para ser utilizada durante as aulas de pintura). Logo, foram pegando as tintas, folhas e pincéis, organizando os materiais necessários. Claro que, como foi a primeira vez de se organizarem, todos queriam ao mesmo tempo falar e ajudar, então combinamos que os ajudantes do dia e o professor da letra representada naquela semana é que iriam preparar os materiais, pedindo auxílio quando necessitassem. Dirigimo-nos à sala de ginástica e cada um escolheu um lugar em frente ao espelho. Foi um alvoroço, pois o espaço era amplo e eles se locomoviam para pegar as tintas, para descobrir as tonalidades diferentes que os colegas estavam preparando, para comentar as características que estavam sendo representadas na pintura, para indagar os outros sobre a cor de seus cabelos, seus olhos, se possuíam algum sinal na face, qual era o formato do nariz... Foi importante fazê-los perceber que existem diferenças entre as pessoas e que essas podem ser representadas com os mais variados materiais plásticos.

Nessa proposta, foi utilizada tinta guache e folha de desenho A3. Terminado o trabalho, cada um levou seu autorretrato e pendurou-o no varal de exposições da turma (fig. 18 e 19). Foi uma tarde de muitas descobertas, em meio a tintas, pincéis, risos e opiniões. Comentei com eles que no outro dia teríamos uma oficina de artes com a professora

Eduarda Gonçalves e algumas alunas do curso de Artes Visuais da UFPel.



Figura 18 – Autorretrato de Portinari

Disponível

<http://www.proa.org/exhibiciones/pasadas/portinari/salas/id_portinari_auto_retrato.html>. Acesso em: 22 de abril de 2015.



Figura 19 – Autorretrato de Aluno.

Fonte: Acervo da autora

Sexta-feira, 11 de maio de 2012 / FAZ SENTIDO

Cada dia que passava, eu ficava mais empolgada com o trabalho que estava sendo desenvolvido com as crianças, pois elas se mostravam espontâneas, curiosas e sedentas pelas proposições do projeto. A professora Eduarda Gonçalves, junto com suas alunas, ministrou a oficina “Como se faz pintura”. Inicialmente na sala de cinema da escola, a professora mostrou imagens, pinturas, diferentes técnicas (fig. 20) e diferentes estilos de pintura para que pudessem perceber os distintos

modos de pintar. Muitas perguntas surgiram para a professora, e logo cada turma do Período 3 se dirigiu para a sua sala de aula para colocar em prática alguns procedimentos pictóricos. A professora Gonçalves levou, junto consigo, três estudantes de arte vinculadas ao projeto de extensão que coordena, intitulado “Cartografias de práticas artísticas contemporâneas para crianças”, com o intuito de que todas as turmas do Período 3 pudessem participar das atividades práticas em suas salas de aula. A professora, junto a minha turma, mostrou para as crianças do que é feita a tinta – pigmento em pó e aglutinante. Ela utilizou pó xadrez azul, cola e água para criar a tinta azul (fig. 21) – revelando que os povos mais primitivos faziam as tintas com materiais que encontravam na natureza. Alguns artistas elaboram as tintas da mesma forma como se faz um bolo (considerado a cozinha da pintura). A composição da tinta vai depender dos ingredientes utilizados, da mesma forma como a feitura de um bolo. Teremos tintas diversas, assim como bolos distintos de acordo com os ingredientes utilizados e a mão que os mistura. Logo, realizou uma pintura mural com as crianças em um extenso papel pardo que foi colocado na parede, para que elas experimentassem pintar em formato grande. Além disso, as crianças puderam reproduzir o procedimento adotado pelo pintor da caverna, que assoprava o pigmento em pó sobre a sua mão, para deixá-la impressa na

pedra (fig. 22, 23 e 24), o que é considerado por alguns teóricos como o primeiro autorretrato. No momento em que a professora colocou a sua mão sobre o papel, houve expressões de espanto nos rostos deles e o silêncio que pairava na sala de aula era algo inenarrável! Então, um aluno falou: "*Faz sentido*", e todos repetiram "**FAZ SENTIDO**" e bateram palmas e riram para a descoberta. A professora fez referência aos pigmentos que nós mesmos podemos criar com areia e tinta, como o suco da beterraba e o pó do café passado. Encerrando a aula, puderam conversar e diante do grande trabalho realizado, relataram sobre essa experiência com pintura e suas descobertas naquela tarde.



Figura 20 – Oficina de pintura “Como se faz pintura” na sala de cinema da escola.

Fonte: Acervo da autora



Figura 21 – Mistura pigmento e aglutinante.

Fonte: Acervo da autora



Figura 22 – Oficina de pintura na sala de aula.

Fonte: Acervo da autora



Figura 23 – Oficina de pintura/pintura mural.

Fonte: Acervo da autora



Figura 24 – Oficina de pintura/pintura mural.

Fonte: Acervo da autora

Terça-feira, 15 de maio de 2012 / SUAS BRINCADEIRAS

A reprodução da pintura apresentada para as crianças, referente à **letra B**, foi "**Bolhas de sabão**", de Edina Sikora (fig.25), artista paulista que cria suas obras focadas no povo brasileiro e em nossa cultura. Ela usa diversos suportes para a criação: papel, pedra, tecido, madeira, móveis, objetos etc. Reside atualmente em Franca/SP. Sua filosofia é de não utilizar materiais que agriam o meio ambiente ou causem sofrimento aos animais.

As crianças usaram pintura e colagem com tecidos, atuando com dedicação à proposta. A cada pedaço de tecido colado, teciam ideias, davam risadas e se descontraíam, além de sentirem a textura dos tecidos ao manuseá-los. Integrando as atividades relacionadas à letra, pode-se constatar a contextualização da escrita e da oralidade das palavras trabalhadas, **brincando** com **bolinhas de sabão** no pátio, jogando **boliche**, **bola** e **bingo** dos numerais com **brindes** (fig. 26, 27 e 28). "E é nesse sentido que o professor não alfabetiza as crianças; ele organiza os dados para que a criança se alfabetize" (FREIRE, 2014, p.70). Ou seja, elaboramos esse processo, baseados na premissa de que quem está sendo alfabetizado é um partícipe do processo. Ao serem inicializados

ao signo linguístico, como quem organiza seus brinquedos e **SUAS BRINCADEIRAS**, também estão pensando, comunicando-se e aprendendo a lidar e a resolver seus conflitos internos do dia a dia. Madalena Freire discorre:

[...] nesse processo de descobrir, conhecer, registrar, elas estão descobrindo as suas palavras, a palavra de cada uma e do grupo. Elas estão descobrindo que são “DONAS” do seu processo de desvelar as palavras, de ler o mundo, de sua alfabetização. É através da leitura de indícios, da representação simbólica, que a criança “escreve” o que ela já lê no mundo, que ela busca conhecer. É da leitura dos símbolos que mais tarde ela chega à leitura do SIGNO – da palavra (FREIRE, 2014, p. 69).



Figura 25 – Bolinhas de sabão de Edina Sikora.

Disponível

<<http://edinasikora.blogspot.com.br/2011/07/bolinha-de-sabao-um-mundo-colorido-em.html>>.

Acesso em: 22 de abril de 2015.



Figura 26 – Alunos durante a prática da representação da pintura.

Fonte: Acervo da autora

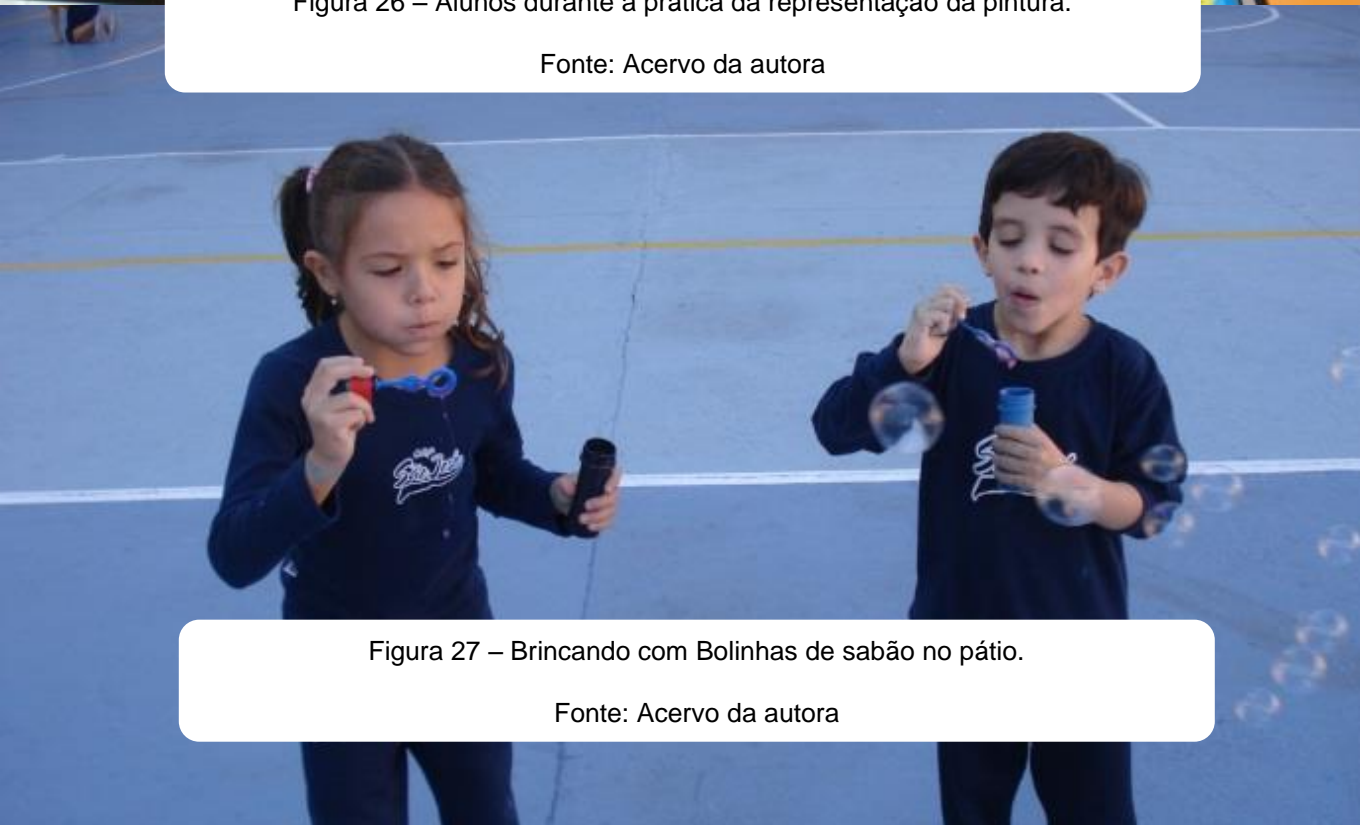


Figura 27 – Brincando com Bolinhas de sabão no pátio.

Fonte: Acervo da autora



Figura 28 – Brincando com Bolinhas de sabão no pátio.

Fonte: Acervo da autora

O conhecimento vai se constituindo com as situações cotidianas vividas pelas crianças ao se expressarem falando, imitando, dramatizando, dançando, desenhando, perguntando, percebendo-se como autoras do seu próprio conhecimento. Durante o lanche na sala de aula, uma aluna apresentou-me a fruta que havia trazido e perguntou-me: "*Profe, esta fruta eu digo uuuvvvaaa [frisando o som de cada letra] e escrevo u, v e a?*" Depois da criança escrever em uma folha de desenho espontaneamente, disse: "*Ah! Tem três letras!*" Quando acontece isso, nem sei explicar a sensação, pois é um momento em que a magia da arte acontece e com ela o resultado que almejamos. Só sei dizer que estar nesse espaço

e participar de descobertas junto com as crianças me dá muito prazer e me revela que é esse o caminho que quero percorrer. Não estamos discutindo formas de alfabetização na educação infantil, visto que não é o propósito, mas estamos tentando respeitar o interesse e o direito que as crianças têm de se relacionarem com o mundo através da linguagem por meio da arte e do jogo.

Sexta-feira, 25 de maio de 2012 / AS TRAMAS

"**Cama de Gato**" era o título da pintura escolhida para apresentar a **letra C** (fig. 29). Primeiramente, o motivo foi ilustrar uma brincadeira muito usada alguns anos atrás, mas também foi mostrar a história de iniciação do artista Gustavo Rosa no mundo das artes e sua produção. O pintor paulista, nascido na década de 1940, começou através de uma travessura feita aos quatro anos de idade: o menino pegou carvão e pintou a parede de casa. Claro que seus pais ficaram bravos, mas a partir daí ele não largou mais os lápis e os pincéis. As crianças se identificaram com essa história, pois, afinal, quem não pintou a parede de casa algum dia? Depois de uma conversa em torno da reprodução da pintura de Rosa, as crianças brincaram de cama de gato (fig.30), tentando fazer **AS TRAMAS** e desfazê-las. Levaram os cordões para casa,

com o propósito de mostrar e brincar com os irmãos e pais. Muitos disseram que seus pais brincavam de cama de gato em sua infância.

Com o propósito de favorecer a brincadeira e provocar o imaginário, além de explorar a oralidade das crianças, sugeri também que brincássemos de **ciranda**, estimulando-os a recitar versos. Propus que pedissem para seus pais e avós lhes ensinarem versos conhecidos seus, pois além de envolver a família nesse processo de construção do conhecimento, ampliaríamos o nosso repertório de versos, de brincadeiras e modos de fazer que retiram as crianças da recepção passiva da televisão. Além disso, os alunos brincaram de **cabra cega** (fig.31) e depois fizeram um momento de relaxamento com os olhos vendados ao som do **Bolero de Ravel**, composta por Maurice Ravel, música que contém uma melodia uniforme e repetitiva. Pedi que tentassem passar para o papel aquilo que estavam sentindo ao escutar aquela melodia. Alguns disseram que a canção os acalmava e por meio dela sentiam uma paz muito grande, além do total silêncio que imperava na sala. Todos estavam num estado de escuta. Alguns revelaram alegria ao escutar a música, outros se sentiram tristes, pois ela era muito lenta e demorada. Ao escrever essa passagem de minha aula, lembrei-me de Paul Klee (2012), que além de ser um pintor criativo, também era músico. Ao compor suas telas,

utilizava as cores – sua grande paixão – harmonicamente, formando uma melodia cromática. Ao propor que desenhassem a partir da música, estava propondo uma ação, parte de alguns processos de criação.

No momento da leitura da imagem, eu os deixava livres para expressar o que estavam vendo, comentar o que mais lhes chamava a atenção ou não, as cores utilizadas, o local, ou seja, emitir sua apreciação sobre a representação da pintura. Da mesma forma, no momento da pintura de cada imagem, todas as cores eram disponibilizadas para as crianças e elas iam utilizando conforme a sua vontade, misturando, criando tonalidades mais claras e mais escuras. Alguns gostavam de usar as mesmas cores da tela original, outros gostavam de colocar as suas cores preferidas, dando assim um enfoque pessoal à sua produção, de acordo com a interpretação da imagem feita por cada um.

Aproveitando as travessuras de Gustavo Rosa, propus aos alunos um desenho com carvão em folha de desenho. Eles acharam diferente, pois conheciam o carvão apenas para fazer churrasco, e então descobriram que podiam fazer traços bem fortes e fracos, e que também era fácil de apagá-los. Como já havia dito antes, pude possibilitar o uso de diferentes materiais artísticos, ampliando a cada um o instrumento e os suportes para a expressão imagética.



Figura 29 – Cama de gato de Gustavo Rosa.

Disponível
<<https://peregrinacultural.wordpress.com/tag/gustavo-rosa/>>. Acesso em: 22 de abril de 2015.

Figura 30 – Alunos brincando de cama de gato.

Fonte: Acervo da autora





Figura 31 – Alunos brincando de cabra cega.

Fonte: Acervo da autora.

Sexta-feira, 01 de junho de 2012 / AS TONALIDADES

Representando a **letra D**, foi proporcionado para as crianças a visualização da reprodução da pintura "**Duas meninas no balanço**", de Orlando Teruz (fig.32). Esse pintor nasceu no Rio de Janeiro em 1902, estudou na Escola de Belas Artes e expôs seu trabalho em vários países. Seus temas normalmente são populares. A pintura escolhida retrata uma situação bem comum na vida das crianças, pois apresenta uma cena em que uma menina empurra a outra num balanço. Após cada aluno fazer a sua leitura da imagem (momento

descrito na proposta anterior da letra “C”, página 66), partiram para o momento da pintura. Foi divertido e instrutivo, pois cada um queria chegar **ÀS TONALIDADES** da cor da representação da pintura, e para isso experimentaram várias misturas. A figura das meninas representadas na pintura era em tons de azul e rosa. Para alguns era lilás, roxo, e eles foram misturando até encontrar a tonalidade desejada. Foi enriquecedora essa experiência, pois ao mesmo tempo em que iam produzindo a sua imagem, iam tecendo comentários sobre o processo e o resultado das pinturas dos colegas, iam descobrindo a mistura que leva à constituição das cores primárias, secundárias e terciárias. Alguns alunos eram detalhistas em suas observações, o que, às vezes, fazia com que outro colega prestasse mais a atenção em determinados detalhes e os acrescentasse em sua releitura. Sem conhecer ainda os textos de Analice Dutra Pillar, o que só foi acontecer no percurso de escrita desta dissertação, percebi que já partilhava das mesmas concepções a respeito de releitura de obra de arte. A releitura não é uma cópia, e sim uma nova interpretação do contexto observado que é perpassado pela interpretação de quem relê, nesse caso, uma produção artística. Para Pillar (1999), o conceito de releitura está atrelado ao modo de ler e compreender um texto. No texto visual, seria entender a trama

de cores, texturas, formas e sentidos que constituem uma imagem, e fazer do seu modo.



Figura 32 – Duas meninas no balanço de Orlando Teruz.

Disponível <https://peregrinacultural.wordpress.com/2011/10/12/dia-12-de-outubro-dia-das-criancas-e-como-elas-brincam/>.

Acesso em: 22 de abril de 2015.

Dentro das atividades da letra D, a partir da proposta de visitar exposições, fizemos nossa segunda visita ao espaço GARTE (Galeria de Arte da UCPel), na Universidade Católica

de Pelotas: "Pinturas neo retrô: a arte de Dóris Giacomolli". Havia telas de flores e paisagens, além de um retrato de rosto e de um golfinho, o qual chamou mais a atenção dos alunos (fig. 33 e 34). Eles também comentaram que a pintura do rosto não era autorretrato, pois era diferente da artista, então deduziram que a artista havia pintado outra pessoa. Durante o bate-papo na exposição, verifiquei que o repertório visual dos alunos foi se expandindo e foi tornando-os mais livres para fazerem suas próprias considerações a respeito das diversas experiências plásticas.



Figura 33 – Visita a galeria de arte da UCPel.

Fonte: Acervo da autora



Figura 34 – Visita a galeria de arte da UCPel.

Fonte: Acervo da autora

Quarta-feira, 06 de junho de 2012 / A PRÁTICA

A semana dedicada à **letra E** foi curta em razão do feriado, mas não deixamos de desenvolver nossa pintura dessa letra. A representação escolhida foi o "**Espantalho**", de Cândido Portinari (fig. 35), sobre quem já havíamos conversado na letra "A". Nascido e criado em uma fazenda

próxima a Brodósqui, cidade paulista, o menino Portinari cresceu nesse ambiente em que aparece o tradicional guardião das plantações – o espantalho. Feito para afugentar os pássaros, costumava ser assustador até para as crianças, e Candinho, como era chamado, sentia alguns medos, tinha pesadelos à noite. Mais tarde, fez várias obras mostrando espantalhos. Nessa obra específica, foram utilizados palitos de churrasco e tecido, além da tinta acrílica. Houve bastante interação e troca entre as crianças no momento de realizar **A PRÁTICA**, quando eles escolhiam o retalho que queriam para fazer a roupa do espantalho, recortavam e criavam o fundo a seu gosto. Da mesma forma aconteceu ao pintarem o rosto do espantalho, quando retrataram caretas e expressões assustadoras. Também solicitamos que conversassem com seus pais e avós a respeito de histórias com espantalhos. Um aluno contou-nos, no outro dia, que sua mãe, quando pequena, passava as férias na casa de seus avós, na colônia. Um dia, quando brincava de esconder com seus primos em meio à plantação de milho, levou um tremendo susto preparado por seu primo com um espantalho.

Falar de si e de suas experiências traz sentido pessoal às nossas proposições. A escola é a extensão da casa, é o lugar de convívio com colegas, professores e funcionários. Ela também deve contribuir para esse entrelaçamento de vivências

em que cada um pode partilhar e enriquecer suas relações consigo, com o outro e com o mundo.

Oportunizando momentos de interação e integração com brincadeiras cujos nomes começam com a letra E, brincamos de **esconde-esconde** e **elefante colorido**.



Figura 35 – Espantalho de Portinari.

Disponível <<http://www.portinari.org.br/>>. Acesso em: 22 de abril de 2015.

Sexta-feira, 15 de junho de 2012 / QUE SABOR!

A semana começou com um momento de integração entre as **famílias**, saboreando a **letra F** com uma deliciosa **feijoada** na churrasqueira da escola. **QUE SABOR!** Acredito muito nesses momentos em que os familiares podem se conhecer melhor além do simples cumprimento na porta da sala de aula. São momentos bastante positivos, já que seus filhos convivem diariamente e provavelmente serão colegas durante algum tempo (fig.36).



Figura 36 – Feijoada com as famílias.

Fonte: acervo da autora

A "**Floresta**" foi a pintura feita pelas crianças para a letra **F** (fig.37 e 38). De Tarsila do Amaral, essa foi a escolhida,

dentre suas várias obras, porque achamos interessante relacioná-la à **Floresta Amazônica**, visto que é um espaço de grande importância em termos de tamanho, fauna, flora – uma biodiversidade impressionante. Além disso, há toda uma preocupação que devemos ter em função do desmatamento, do descaso com os índios, do uso indevido da matéria prima por estrangeiros, dentre tantos outros problemas na atualidade. É conveniente que os nossos pequenos alunos saibam e possam pesquisar e discutir a respeito. Podemos visualizar diversas imagens da Floresta Amazônica na lousa digital – funciona como um computador com uma tela maior e melhor – e, dessa forma, pudemos perceber algumas dessas más atitudes mencionadas.



Figura 37 – Floresta de Tarsila do Amaral.

Disponível

<<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo2/modernismo/artistas/tarsila/images/floresta.jpg>>. Acesso em: 22 de abril de 2015.



Figura 38 – Alunos pintando a Floresta.

Fonte: acervo da autora

Igualmente, era importante apresentarmos a eles uma pintura de Tarsila - expoente da Semana de Arte de 1922 - que junto a Oswald de Andrade e Anita Malfatti, entre outros, iniciou um movimento em prol de uma arte brasileira. Na reprodução da pintura de Tarsila eles vislumbraram as cores vibrantes, característica que marca a sua obra, assim como a temática brasileira, com as paisagens rurais e urbanas do nosso país e

nossa fauna, flora e folclore. Durante a prática, os alunos disseram que as formas que continham na imagem aparentavam ovos de ganso, maçãs, pedras, e cada um as representou conforme a sua percepção. Ao apresentarem as pinturas que haviam realizado, lembraram-se da pintora pelo autorretrato em que estava usando vestido com uma grande gola e um batom na cor vermelho vivo, durante o desenvolvimento dessa prática. Com isso, percebi que os alunos já estavam fazendo conexões e dando indícios de que também estavam alargando o imaginário artístico.

Como encerramento das atividades da semana, as crianças confeccionaram **fantoches** de palito, e logo improvisaram um teatro criando histórias (fig. 39 e 40). Além disso, integrando com a letra em estudo, jogamos o **bingo das frutas**: um jogo de bingo com diferentes frutas estampadas nas cartelas, em que cada um vai preenchendo a sua cartela conforme a fruta apresentada.

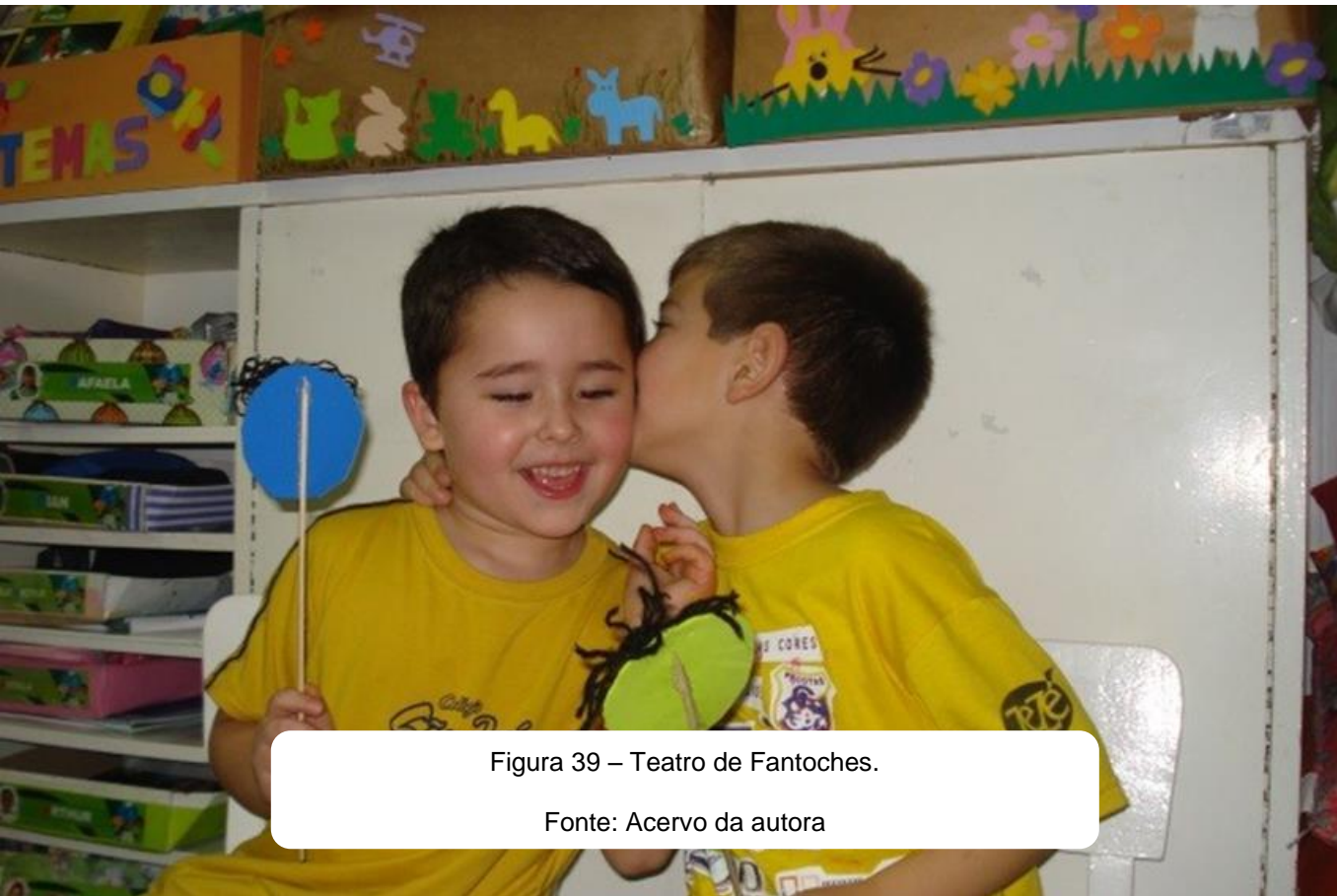


Figura 39 – Teatro de Fantoches.

Fonte: Acervo da autora



Figura 40 – Teatro de fantoches.

Fonte: Acervo da autora

Sexta-feira, 22 de junho de 2012 / UMA TRANSFORMAÇÃO

A semana teve muitas novidades com a **letra G**. A professora da letra chegou caracterizada de **gata**, trouxe **gelatina, guloseimas e gel** para fazer penteados nos cabelos dos colegas.

Antes de mostrar a imagem da obra de arte "**Guitar**" aos alunos (fig. 41), fomos ao cinema da escola assistir ao filme **O Mistério de Picasso** (fig. 42). Esse documentário, filmado pelo cineasta e diretor Henri-Georges Clouzot, amigo de Picasso, mostra o processo criativo do pintor. Pablo desenhava desde pequeno, quando vivia em Málaga, e além dos lápis, utilizava papéis de diferentes texturas e cores com colagem. Foi um dos protagonistas do estilo cubista no início do século XX, ao utilizar formas geométricas em suas obras, rompendo assim com os padrões estéticos da época. Ao assistirem ao vídeo, as crianças ficaram surpresas ao perceber que a cada traço dele, a figura se modificava em outra imagem. Era **UMA TRANSFORMAÇÃO** imprevista. Reconhecido por sua ousadia, versatilidade e imaginação, Picasso é considerado um dos artistas mais famosos de sua época. E seu modo de pintar, evidenciado no filme, provocou encantamento nas crianças.

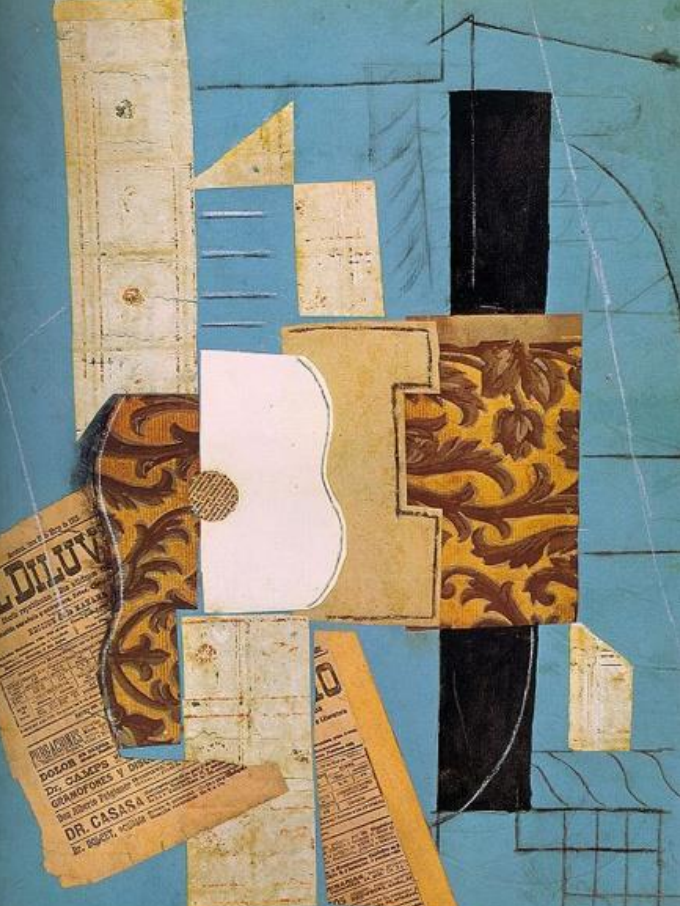


Figura 41 – Guitar de Pablo Picasso.

Disponível

<<http://www.wikiart.org/en/pablo-picasso/the-guitar-1913>>. Acesso em: 22 de abril de 2015.

Figura 42 – Filme O Mistério de Picasso.

Fonte: Acervo da autora



No momento da prática, entre tesouras, papéis, cola e risadas, as crianças criaram a sua **guitarra** usando a mesma técnica de Picasso, com colagem de jornal picado, partituras e papel de parede superpostos. Eles acharam interessante um pintor famoso pelas suas pinturas fazer um trabalho com colagem de papel e tê-lo reconhecido como obra de arte. Conversamos sobre a nossa caminhada nesse projeto e discutimos que o artista pode criar uma obra independentemente do material utilizado. Pode ser tinta, argila ou até mesmo papel: essa obra pode ser considerada arte, pois o que importa é sua expressividade colocada desde a concepção até o momento final. Um aluno lembrou, então, da tela "Bolhas de sabão", que foi feita com tinta e retalhos. Entende-se por expressividade no contexto do fazer da arte uma expressão singular. Segundo René Passeron, todos nós expressamos diariamente com a linguagem verbal, corporal, escrita, mas a expressão da arte é uma expressão que cria. "Criar é mais que se expressar. É tornar real um objeto que vai ter uma vida independente, fora do sujeito que se exprime ou se manifesta por meio dele" (PASSERON, 2001, p. 57). Podemos ver essa manifestação criadora nos desenhos e pinturas das crianças.

Percebo que ao mesmo tempo em que ocorrem as atividades, também surgem as perguntas: *O que é que pode*

ser arte? Quem pode fazer arte? Essas são questões que estão fazendo os alunos refletirem a respeito. Eu mesma tenho muitas dúvidas no que concerne a essa área. Não sei se estou conseguindo esclarecer as dúvidas deles, mas sei que estamos aprendendo juntos.

Para contextualizar, um aluno trouxe uma **guitarra** de brinquedo e muitos quiseram experimentar, tocar e cantar. Também tivemos a experiência de desenhar com **giz** molhado em papel tamanho **grande**, formando um **grande grupo** para desenhar (fig.43).

É fazendo imagens, interagindo e experimentando diferentes resistências e consistências materiais, que a criança desde muito pequena vai constituindo repertórios gestuais que a permitem atualizar repertórios gráfico-plásticos ao extrair e interpretar sentidos culturais na convivência com outros corpos e outras imagens (RICHTER, 2008, p. 16).

De acordo com a autora, o contato dos pequenos com diferentes suportes e circunstâncias favorece o pensar imaginativo, a expressão criativa de cada um consigo mesmo e com os sujeitos envolvidos nas práticas pedagógicas. A aproximação das crianças com a linguagem da arte contribui para uma compreensão melhor de seu papel de ser/estar em um determinado espaço, tempo e cultura. Dessa forma, Barbosa (2012, p. 20) relata: “[...] pretendemos mostrar que a arte não está isolada de nosso cotidiano, de nossa história

pessoal.” A criança pode criar, reinventar e ressignificar no contexto da escola, da casa e das brincadeiras.



Figura 43 –
Alunos
desenhando
com giz num
papel grande
formando um
grande grupo.

Fonte: Acervo
da autora

Sexta-feira, 29 de junho/ A SOMBRA

A pintura de Zina Aita, "**Homens trabalhando [A SOMBRA]**" (fig. 44), escolhida para representar a **letra H**, retratava **homens** calçando uma rua. Diz-se que essa obra é a única conhecida de Zina Aita, realizada em 1922. Ela era brasileira, nascida em Belo Horizonte/BH, e desde bem pequena já mostrava seu gosto e talento por desenhos e pinturas.

Foi um pouco difícil de os alunos entenderem a representação dessa obra, pois a artista trabalha com sombras, então partimos para uma compreensão mais concreta. Fomos para o pátio da escola e tentamos observar objetos que faziam sombra, e também observar a sombra do nosso próprio corpo. Questionei-os se a sombra existe só de dia ou também à noite, se ela fica atrás ou à frente de nós. Deixei que levassem para a casa essas dúvidas para no outro dia conversarmos.

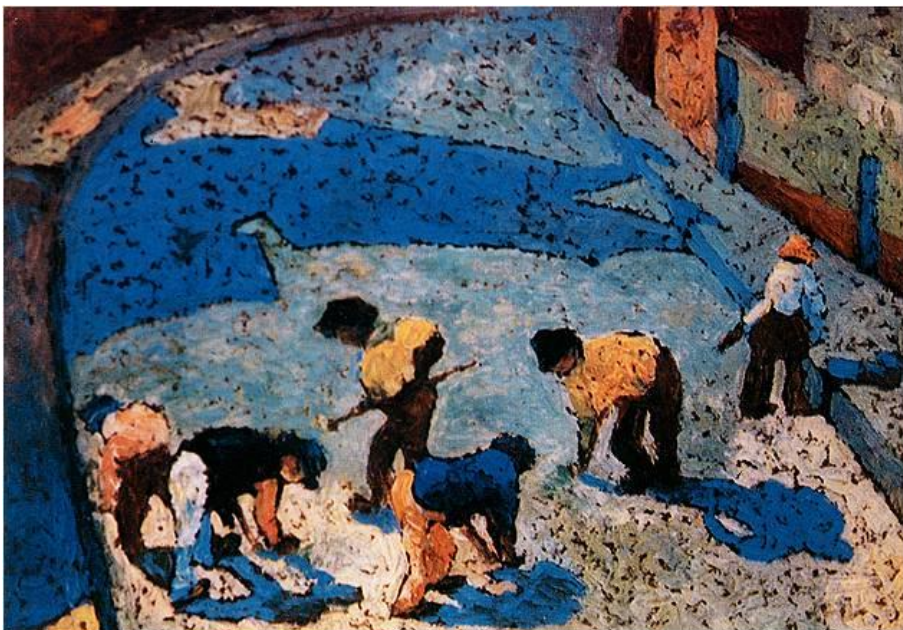


Figura 44 – Homens Trabalhando de Zina Aita.

Disponível <<http://arteducaoonline.blogspot.com.br/2011/09/mulheres-artistas-brasil-zina-aita.html>>. Acesso em: 22 de abril de 2015.

No dia seguinte, assim que chegou em aula, um aluno disse que havia feito uma experiência com seu pai à noite: o pai havia pegado uma lanterna e, no escuro, eles haviam colocado alguns brinquedos na frente dela. O aluno observou, então, que pode existir sombra à noite. É interessante perceber que o que na aula é apontado, muitas vezes reverbera como prática familiar, enriquecendo a troca de saberes entre família e escola. Então, propus aos alunos de irmos ao pátio e lá contornei com giz a sombra de uma criança produzida no chão,

no início da aula. Depois do recreio, voltamos para observar o que havia acontecido com o desenho do corpo no chão, e ainda antes de terminar a aula, retornamos ao pátio para as nossas conclusões. Eles fizeram a relação da sombra com o sol: na medida em que este vai se deslocando de lugar, a sombra também vai. O instinto curioso que envolve esse ser pequenino deve ser provocado pelo educador através das mais distintas atividades, encorajando-o a se expressar espontaneamente e, dessa forma, contribuindo também para o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas.

A professora dessa letra tentou ilustrá-la durante a semana, vindo vestida de **havaiana**, trazendo **hambúrgueres** para os colegas saborearem, trazendo um **hamster** de verdade, e convidando sua mãe para contar uma **história**.

Para encerrar a semana, na sexta-feira fomos ao Espaço de Arte João Gilberto Bar & Champanharia apreciar a exposição “A quatro mãos”, de Tânia Griep e Ana Paula Muller. Eram telas de MDF com colagem e texturas. Ao percorrermos a exposição, as crianças olhavam e falavam dos diferentes materiais que as artistas utilizaram para criar seus quadros.

Quando chegamos à aula, comentamos a respeito dessa técnica evidenciada nas obras vistas na exposição. Observamos que era também a técnica que Picasso havia utilizado na obra "**Guitar**". Percebo a importância de promover

essas saídas da escola para visitar exposições. As crianças podem ver concretamente como é feita uma pintura, e têm um contato direto com os meios e matérias com que são concebidas as obras, haja visto que, nas aulas, apresentamos as imagens reproduzidas em papel A3. Embora seja claro que as reproduções sejam a inicialização do contato com as pinturas e que promovam experiências, buscamos a aproximação dos alunos com obras de arte em diferentes espaços expositivos. Martins ressalta:

Quanto mais uma pessoa entra em contato com as formas artísticas, mais se aprofunda nessa linguagem, enriquece seu repertório, conhece autores/artistas, tem acesso à compreensão da produção estética da Humanidade (MARTINS, 1998, p.74).

Esse projeto tem proporcionado as idas das crianças mensalmente a um local de produção artística envolvendo pintura. Nesses espaços, além de os alunos familiarizarem-se com os diferentes estilos e suportes de pintura, eles têm a liberdade de olhar atentamente as reproduções e/ou obras de arte, e então fazerem a sua interpretação de acordo com suas vivências. Isso tudo pude verificar na fala dos próprios alunos: *"Eu gostei bem mais destes quadros. São iguais aos que fizemos profe"; "Eu gostei mais daquele que tinha na Católica, um golfinho"*. Nesse último comentário, o aluno estava se referindo à Universidade Católica, pois era o lugar onde sua

mãe trabalhava, então além de ter adorado ir ao espaço expositivo, adorou também ver sua mãe.

Sábado, 07 de julho de 2012 / A MISTURA

A letra em estudo foi a **letra I**. Escolhemos a obra de Amazoner Okaba, filho de Macuxi e Wapixana, nascido na Comunidade da Malacacheta, que pintou "**Índios**" (fig. 45). O artista descobriu o dom para a pintura aos 35 anos, mas já desenhava desde os treze. Na medida em que foi crescendo, foi interessando-se pela cultura indígena do Estado de Roraima, retratando até hoje, nas suas pinturas, uma produção voltada às tradições roraimenses. Para as crianças, essa obra recordou a pintura do autorretrato – desenho de um rosto. Além do mais, já havíamos conversado sobre a cultura indígena e a floresta amazônica. No momento da pintura, um aluno retratou-se como o índio da obra em estudo. Ao escolherem as tintas, eles procuraram misturá-las, na tentativa de conseguir matizes mais fortes e mais fracos. Uns trocavam de mesa na expectativa de conseguir descobrir como seu colega estava realizando **A MISTURA** e encontrando determinado tom.



Figura 45 – Índios de Amazoner Okaba.

Disponível <http://jessessouza.blog.uol.com.br/arch2004-09-16_2004-09-30.html>. Acesso em: 22 de abril de 2015.

A aluna que representou essa letra trouxe várias imagens para visualização na lousa digital, como iglu, símbolo do Internacional, irmã, igreja, isqueiro, impressora, imóveis, injeção, inseticida, iodo, identidade, inseto, inalador, iate, incenso, iguana, vários tipos de instrumentos musicais e ilhas

belíssimas, dentre outras. Assim como descreve Freire (2014, p. 120), “[...] a alfabetização fluiu, foi 'gestada', na vida, no todo, das experiências de cada um, no entendimento do mundo, na leitura do mundo.”

Penso também que esse processo de alfabetização ocorreu paralelamente ao desenvolvimento do projeto desde o início do ano. O conhecimento das palavras se funde com o conhecimento de mundo que cada um tem e nesse pleito de buscas e descobertas todos estão envolvidos – educador, família, escola e comunidade.

Sexta-feira, 13 de julho de 2012 / UMA TESSITURA

O semestre terminava e eu nem percebia, pois o envolvimento com o projeto e com as atividades paralelas da escola foi grande. Para encerrar esse período, Leda Catunda foi a artista escolhida para representar a **letra J** com sua obra **"Jardim das vacas"** (fig. 46). Nessa tela, Leda brinca com a estrutura da pintura, explorando as propriedades dos materiais que utiliza. Um elemento industrializado como a tinta acrílica se agrupa com o couro, um material natural, para então criarem, juntos, uma nova e inusitada cena. Assim, sua obra propõe uma releitura do mundo natural e do mundo industrializado,

misturando-os em uma só paisagem. Ela investe na pintura como um meio ainda capaz de significar algo. Sua investigação no campo pictórico foca os limites entre a pintura e o objeto. Como não tínhamos couro, usamos retalhos de tecido. Essa atividade foi bem parecida com a da letra B, relacionada ao quadro "Bolhas de sabão". A mistura da tinta com o tecido compôs **UMA TESSITURA** durante a composição e foi bem recebida pelos alunos. Eles também usaram cola relevo para representar as flores na imagem.



Figura 46 – Jardins das vacas de Leda Catunda

Disponível <http://www.masterarte.com/br/artista_detail.php?obra_id=260>.

Acesso em: 22 de abril de 2015.

Fiz uma avaliação com as crianças, para verificar se haviam gostado das propostas artísticas realizadas e se essas haviam sido significativas no processo de construção do conhecimento voltado a uma experiência estética. Conforme iam me relatando, eu redigia o texto a seguir: *"Estamos contentes na escola, pois estamos aprendendo muitas coisas com o Senhor Alfabeto e o projeto de pintura. Puxa! Não conhecíamos esses pintores e foi muito legal usar bastante tinta de todas as cores e aprender a fazer obra de arte. Pudemos brincar com bolhas de sabão no pátio, cabra cega, amarelinha, fazer teatro de fantoche, jogar bingo e muito mais. Ah! Teve os passeios que fizemos aos museus. Não são museus e sim salas de exposições de arte, em que pudemos ver muitas pinturas. Também nunca tínhamos desenhado com carvão, foi joia, pena que as mãos ficam pretas. Lá no cinema vimos como o pintor Pablo Picasso pintava e foi bem divertido, pois de uma figura aparecia outra. Não entendemos muito de tempo, mas alguns pintores viveram numa época bem distante em que suas roupas eram muito bonitas e diferentes das de hoje. Queremos continuar aprendendo sobre arte"* (texto redigido a partir do relato das crianças no dia 12 de julho de 2012).

As colocações das crianças foram bem espontâneas. Na redação final acima citada, ajudei um pouco na construção do

texto, pois algumas falavam ao mesmo tempo e muitas falas eram repetidas. O importante é que a criança tenha espaço para se expressar livremente e com prazer, deixando fluir sua imaginação, sua sensibilidade e sua criatividade, verbalizando suas sensações e sendo valorizada a cada conquista alcançada.

Sexta-feira, 03 de agosto de 2012 / A RETOMADA

A RETOMADA às aulas aconteceu com muita empolgação. Conversamos sobre o que haviam feito de interessante em suas férias. Fiquei orgulhosa quando um aluno disse que tinha ido a uma exposição de arte e a museus durante sua viagem ao Paraná/PR, e que tinha visto obras de arte parecidas com as que havíamos produzido.

A apresentação da reprodução da obra de arte que ilustrou a **letra L**, "**Lua**", foi feita na biblioteca da Escola (fig. 47 e 48). Ao ouvirem a história de vida da artista Tarsila do Amaral, contada no livro "Tarsila, menina pintora" (Fidalgo 2009), as crianças já se sentiam conhecedoras da artista, pois já haviam tido contato com a imagem da "Floresta". Depois de conhecerem a história da pintora, de conversarem sobre o que haviam escutado e visto, começaram a pintura. Eles se

mostraram muito interessados em misturar as cores para elaborar os azuis que havia na pintura mostrada.



Figura 47 – Lua de Tarsila do Amaral.

Disponível

<<http://www.fotolog.com/carolvito/73008418/>>. Acesso em: 22 de abril de 2015.



Figura 48 – Leitura para os alunos na biblioteca sobre a vida de Tarsila do Amaral.

Fonte: Acervo da autora

Sexta-feira, 10 de agosto de 2012 / UM APEGO

Sentia, na época, **UM APEGO** tão grande à história que estava sendo construída no dia a dia escolar, a partir de cada olhar de descoberta e encantamento com o mundo colorido que via em cada aluno, que me dava um grande prazer ser e estar nesse espaço de professora-educadora.

Minha história é fruto de uma paixão muito grande pelas possibilidades de poetizar o vivido e, por extensão, pela educação como um dos meios para transformar nosso entorno com emoção, afeto, beleza e inteligência. Porém, a educação não se faz somente em função do sonho de um devir humano mais sensível e amoroso. A educação se faz também em função da história da qual cada um se sente portador. O encontro cotidiano com outros, mediado pela intencionalidade educativa, exige um constante movimento reordenador de fazeres e saberes que dizem respeito ao como nos constituímos nesse lugar de professora (RICHTER, 2004, p. 9).

Tenho me identificado com as experiências de Richter, pois sinto que a cada ano, a cada nova vivência, aprendo e descubro novos interesses na minha prática de sala de aula. O projeto de pintura que pude proporcionar aos pequenos despertou em mim o desejo de poetizar o conhecimento, de levá-los a uma viagem na sua imaginação, de permitir que o afeto e a arte fizessem parte de nossas relações. Isso despertou em mim a vontade de que o processo pudesse, ao

mesmo tempo, desenvolver a capacidade de criação e imaginação e gerar saberes e fazeres ao relacionar imagens e palavras.

Ao fazer a apresentação inicial do livro “As artes no universo infantil”, Cunha enfatiza:

[...] a necessidade vital de as crianças terem espaços de criação e experiências múltiplas com as diferentes linguagens expressivas no “pátio da infância”. Para que, pelo menos esse período da vida, possam ter o prazer de viver e expressar modos singulares de ser e estar no mundo (CUNHA, 2014, p. 10).

Continuando, na **letra M** fizemos um trabalho em conjunto. A obra mostrada se chama "**Mapa de consumo**" (fig. 49 e 50), de Felipe Barbosa, na qual ele utilizou tampinhas de refrigerante e cerveja. Carioca de Niterói, Felipe usa em seus trabalhos objetos diversos encontrados no cotidiano, tais como palitos de fósforo, tampas de garrafa de refrigerante, bilhetes de metrô etc. A partir da união deles, cria composições e formas estruturadas. A proposta com a qual trabalhamos foi construída a partir de tampas de cerveja encontradas nas ruas de San Juan, capital de Porto Rico, localizada na América Central, mapeando, assim, o consumo desse líquido naquele lugar. Aproveitamos para visualizar no mapa-múndi a localização do país e conhecer um pouco da cultura daquele povo. Ao encontrar Porto Rico no mapa, os alunos logo observaram que ele era vizinho do Haiti, país sobre o qual

havam feito algumas descobertas após uma exposição de fotos (no centro MERCOSUL).

Para a realização da colagem, foi pedido aos alunos que trouxessem de casa tampinhas de cerveja e de garrafas diversas. Solicitei o material de casa porque fomos ao pátio da escola após o recreio dos alunos maiores na busca dos objetos para a realização dessa técnica, mas encontramos poucas tampinhas de água.

O pensar em conjunto foi enriquecedor para o grupo, pois a participação de um dependia da interação do outro para a finalização da obra coletiva. Em pequenos grupos, iam escolhendo as tampinhas e colando-as no EVA tamanho A3, compondo o seu mapa coletivo de consumo. Foi interessante o comentário das crianças, pois não deixam passar nada. Uma aluna levou muitas tampas de cerveja e o fato logo chamou a atenção da turma, pois disseram que sua mãe estava consumindo muita cerveja. A justificativa foi respondida logo por ela, ao dizer que sua mãe havia pedido para o vizinho, proprietário de um bar, juntar as tampinhas. Parece que todos se sentiram aliviados.



Figura 49 – Mapa de consumo de Felipe Barbosa.

Disponível

<http://www.masterarte.com/br/artista_detail.php?obra_id=277>. Acesso em: 22 de abril de 2015.

Figura 50 – Mapa de consumo elaborado pelos alunos.

Fonte: Acervo da autora



O processo de criação coletiva favorece ações em que os sujeitos aprendem a ser colaborativos e autônomos, a respeitar o ponto de vista dos outros, a se adaptar e a ajustar as diferenças, propiciando assim trocas sociais significativas. Isso, no entanto, não quer dizer que não haja disputas e desentendimentos, pois são crianças procurando ocupar o seu espaço e tentar fazer valer seus interesses pessoais. Buscamos mostrar que o diálogo e o respeito ao outro é o que deve prevalecer.

A professora da letra **M** veio caracterizada de **macaca** e trouxe várias frutas que tem **m** como sua letra inicial, como **mamão, morango, manga, melancia, melão e maçã**. Todos puderam sentir o aroma, a textura, visualizar a forma e suas diferenças, tanto externas quanto internas, ao saboreá-las calmamente, tornando essa experiência estésica e estética, conforme Duarte Jr.:

[...] somos educados para a obtenção do conhecimento inteligível (abstrato, genérico e cerebral) e deseducados no que tange ao saber sensível (concreto, particular e corporal). Conhecer por esse viés, tem a ver com o pensamento, com o conceito, a abstração, as fórmulas, ao passo que o saber (que também significa sabor) refere-se a todo conhecimento integrado ao nosso corpo, o qual nos torna também mais sensíveis. [...] Estamos, portanto, descuidando-nos de nosso corpo e de sua educação, na acepção mais ampla de estesia, deixando de lado o desenvolvimento da sensibilidade mais básica de que somos dotados: aquela proveniente de nossos sentidos - o tato, o

paladar, o olfato, a visão e a audição (DUARTE JR., 2010, p. 26).

Às vezes, o que não está planejado em nosso plano de aula e nasce de um interesse momentâneo das crianças possibilita um vivenciar e um aprender com mais sentido para elas. Isso me faz pensar que nossa prática pedagógica deve estar em aberto para as novidades surgidas no cotidiano, possibilitando, assim, criar discussões e indagações entre educador e alunos, fazendo com que possam refletir e repensar a prática em conjunto.

Sexta-feira, 17 de agosto de 2012 / SEU SENTIMENTO

A **letra N** foi introduzida com "**Natureza morta**", de Emiliano Di Cavalcanti (fig.51), carioca que desde jovem demonstrou grande interesse pela pintura. Seu estilo é marcado pelo expressionismo, pelo cubismo e pela influência de muralistas mexicanos. Usou as cores que retratam o contexto brasileiro, combinadas com toques de sentimentos e expressões marcantes dos personagens retratados.

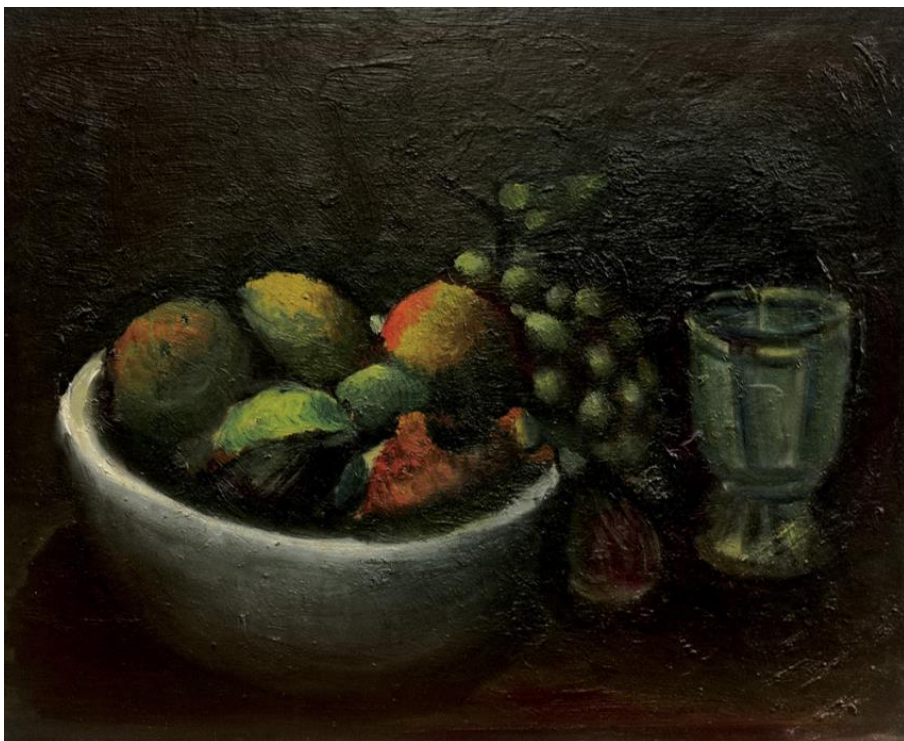


Figura 51 – Natureza Morta de Emiliano Di Cavalcanti.

disponível <http://www.dicavalcanti.com.br/obras60_70_2.htm>. Acesso em: 22 de abril de 2015.

Muitos questionamentos apareceram após termos visualizado diversas possibilidades de pintura de natureza morta na lousa digital. A primeira pergunta foi: *"Por que morta?"* *"Morto não é considerado aquele que vai para o céu?"* *"Não é só pessoa que pode morrer?"* *"Não, animais também."* *"Morto é aquele que morre de morte morrida."* *"Não, pode ser por acidente."* Tentei conversar com eles, dizendo ser a mesma

maneira de pintura utilizada por artistas quando pintavam retratos de pessoas, observando-as ao vivo, como modelo. Era assim que pintavam objetos, frutas e flores arranjadas num outro contexto, sobre a mesa, longe da natureza que as criou.

Ao conceber a pintura de natureza morta, os alunos tiveram um pouco de dificuldade por causa do modo como eram representadas, apresentando profundidade e volume. Os elementos da pintura revelavam uma modelação de claro e escuro para dar um efeito de volume, compondo também as sombras. Além disso, alguns acharam a tela triste pelo tom escuro se sobressair, embora eu tenha levado para a sala um prato, frutas e um copo, e embora eu tenha disposto tudo isso em cima da mesa no formato da imagem, como se fosse um modelo vivo.

Uns disseram que não gostaram, pois era muito triste. Outros não se importaram com a imagem, justamente pelo fato de ser uma obra de arte de um pintor que usou as cores que o tocaram naquele momento. "*Ora, cada pintor pinta conforme o SEU SENTIMENTO!*" - falou um aluno.

O professor da letra veio caracterizado de **ninja**, trouxe uma plantinha para cada colega representando a **natureza** e muitos objetos com essa letra.

Terça-feira, 21 de agosto de 2012 / ACOLHIDA

No dia vinte e um de agosto, eu estava mais uma vez ingressando na Universidade como aluna especial no curso de Pós-Graduação do Centro de Artes da UFPel. A disciplina em que me matriculei foi **Paisagens cotidianas e dispositivos de compartilhamentos**, da linha de pesquisa **Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano**, com a professora Eduarda Gonçalves.

A disciplina trata de um estudo prático e teórico de produções que são motivadas ou apresentam a paisagem cotidiana e as concepções contemporâneas desse gênero na arte. Faz análise de produções que utilizam dispositivos móveis e espaços de apresentação não convencionais (impressos em suportes e formatos distintos), bem como produções que possibilitam multiplicar e inserir a obra em outros contextos – ruas, escolas, praças etc. Há a realização de trabalhos impressos sobre a paisagem a partir da observação do entorno, por meio de deslocamentos na cidade. Em meio às atividades docentes, me via aluna aprendendo sobre a arte.

Como atividade do primeiro dia, houve as apresentações dos colegas, quando cada um falou da sua inserção na disciplina, revelando se a estava cursando como mestrando e qual era seu projeto de pesquisa. Na turma havia praticamente

metade cursando como aluno especial e a outra metade como mestrando. Senti-me um pouco deslocada em função dos assuntos conversados, visto que a minha área é a da educação, que a minha formação é em Pedagogia e que não tenho conhecimento na área de artes, mas ao mesmo tempo me senti **ACOLHIDA** pelos colegas. A professora distribuiu o cronograma de como iriam se desenvolver as aulas e os assuntos tratados.

Sem perceber, eu estava assumindo uma postura de professora/pesquisadora e ao mesmo tempo verifiquei que foi o que fiz durante toda a minha docência: ensinar fazendo pesquisa e pesquisar ensinando. Como já havia dito, não consigo repetir práticas pedagógicas de um ano a outro, visto que cada turma tem suas características próprias. Isso é o que faz com que busquemos modos diferentes, propostas e projetos, como afirma Freire (2014, p. 54): “Todo esse processo de busca e descobertas nos desvela o processo educativo, ‘a educação como um ato de conhecimento’, que nunca se esgota, que é permanente e vital.” Além disso, também não podemos negar as constantes e velozes mudanças que ocorrem na sociedade contemporânea e que têm grande influência no ser humano e, conseqüentemente, no processo de ensino-aprendizagem. Não existe mais espaço para as práticas pedagógicas com receitas prontas. O

professor de hoje tem que se conscientizar que ele é o propulsor para uma modificação da ação docente.

Sexta-feira, 24 de agosto de 2012/ A CONTEXTUALIZAÇÃO

Na sexta-feira, dia 24, iniciamos a aula mostrando uma imagem da pintura de Tarsila, "**Operários**", para ilustrar a **letra O** (fig.52). O quadro pintado em 1933 é um verdadeiro painel da nossa gente, a população que veio dos quatro cantos do país e do mundo para pegar pesado nas fábricas, que na época começavam a transformar a paisagem brasileira.

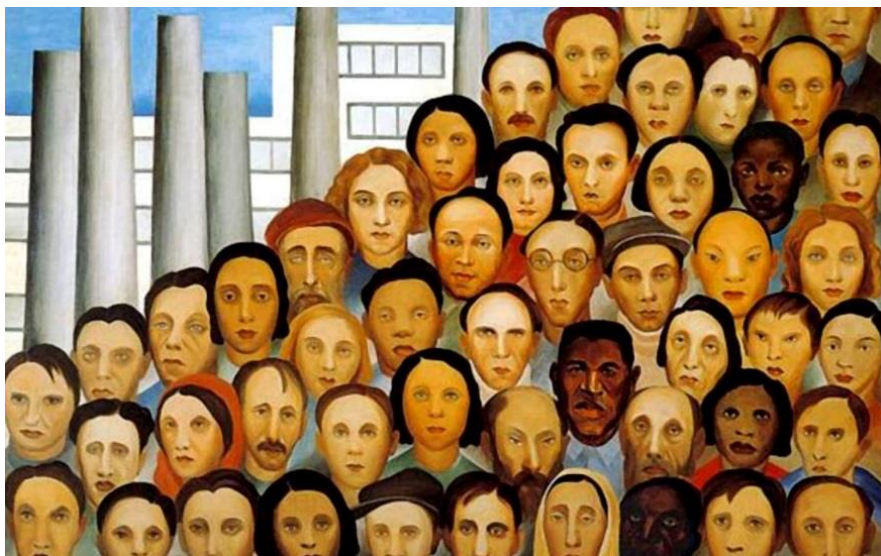


Figura 52 – Operários de Tarsila do Amaral.

Disponível

<<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/05/22/934979/conheca-operarios-tarsila-do-amaral.html>>. Acesso em: 22 de abril de 2015.

Procuramos fazer **A CONTEXTUALIZAÇÃO** da reprodução. Na época em que a artista fez a pintura, queria retratar as distintas fisionomias que compõem o povo brasileiro e principalmente os trabalhadores. Para isso, procurei relatar que muitos de nossos antepassados tinham vindo de outras regiões do Brasil e de outros países. Então, perguntei se sabiam qual era a nacionalidade de seus familiares. A prática da pintura foi feita em grupos de oito crianças por vez, em outra sala, visto que essa pintura exigia o uso de mais cores e detalhes (fig. 53 e 54). Elas procuravam as cores mais parecidas com determinados tipos de pele e cabelo, misturando a tinta e elaborando composição cromática até alcançar a matiz desejada. Determinados alunos representaram nos mínimos detalhes alguns elementos que compunham os personagens da pintura, como: o chapéu, os óculos e o bigode. Uma aluna disse: "*Eu amo fazer pintura*", e outro falou: "*É o máximo!*" Posso dizer que eles já estavam incorporando a alma de artistas pela descontração, pelo envolvimento com o assunto e pelas tramas que se formavam durante a execução da proposta. Havia exploração das tintas, dos pincéis – ao dar cada pincelada –, havia verbalização e compartilhamento com o outro, dando vazão e deixando aflorar a sensibilidade e a imaginação em cada ato de criação. Para Ostrower, todo e qualquer ato de criação está vinculado ao

meio em que cada sujeito está inserido, e o fator cultural e a realidade em que se vive é revelada e transformada no processo de criação:

O potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente do homem, e se faz presente nos múltiplos caminhos em que o homem procura captar e configurar as realidades da vida. Os caminhos podem cristalizar-se e as vivências podem integrar-se em formas de comunicação, em ordenações concluídas, mas a criatividade como potência se refaz sempre. A produtividade do homem, em vez de se esgotar, liberando-se, amplia (OSTROWER, 2013, p. 27).



Figura 53 – Pintura da obra Operários pelos alunos.

Fonte: Acervo da autora



Figura 54 – Pintura da obra Operários pelos alunos.

Fonte: Acervo da autora

Penso que as práticas artísticas na educação infantil devem estar inseridas no planejamento dos professores como

estratégia para promover a produtividade criativa que nos transforma e transforma o mundo, resistindo à passividade gerada pelas recorrentes imagens prontas e pelo consumo ao invés da produção, predominante em nossa cultura atual. Portanto, poetizar situações cotidianas na infância, como brincar, dançar, representar e pintar, tudo isso insere as crianças nesse mundo imaginário, afetivo e criativo. Como manifesta Ostrower, que não se esgote, tampouco se cristalice, mas que sempre se reinvente.

A mãe do aluno que apresentou a **letra O**, que é enfermeira, veio falar sobre **ossos e órgãos** e trouxe alguns modelos usados em aula na universidade, a fim de que as crianças pudessem visualizá-los e tocá-los, ampliando as suas perspectivas culturais, assim como todas as experiências compartilhadas pelos pais que participaram do projeto. O pai veio fazer uma **oficina de origami** – primeiro precisou aprender para depois ensinar às crianças, o que de certa maneira revela a potência do projeto e da arte, que afetando o filho, transforma a família. Além disso, os pais fizeram **omelete** para o lanche daquela tarde. O aluno também deixou em sala de aula, como presente para a turma, um quadro com a **oração** do anjo da guarda, seguidamente feita pelas crianças, e distribuiu **óculos** aos colegas. De acordo com o relato de Freire (2014, p. 58): “É importante que as crianças percebam

que o professor não é dono do saber, que seu pai, os pais também sabem. Que podem vir à escola TROCAR o conhecimento conosco”.

Integramos as atividades referentes à letra “O” com as **Olimpíadas de Londres**, montando um painel com as modalidades e atletas que se destacaram.

Sábado, 01 de setembro de 2012 / UMA VIVÊNCIA

No desenvolvimento da **letra P**, oportunizamos aos alunos fazerem um trabalho de campo no sítio da escola: uma **pintura de paisagem**. Primeiramente, visualizamos na lousa digital vários tipos de paisagem e os respectivos **pintores**. As crianças comentavam que em algumas imagens apareciam só árvores, em outras apareciam rios, casas, ou seja: eles diferenciaram os elementos que compunham as cenas retratadas. Conversamos que o que se quer mostrar é de cada um, de cada artista, um ponto de vista, de acordo com sua percepção e com o modo de pintar.

No dia da ida ao sítio, localizado no interior de Pelotas/RS - Cascata, cerca de 20km do centro, estimulava-os desde o momento em que saíram da cidade de ônibus (fig.55) a olhar cada trecho e perceber como a paisagem se

transformava conforme o ônibus se deslocava pelo trajeto. Expliquei que aquela região era considerada um planalto com elevações médias, com cerros de ondulações moderadas e cobertos com pastagem, conhecidos como "coxilhas" (fig. 56), aproveitando para falar sobre a arte e a geografia. Ao chegar lá, sentamo-nos embaixo de uma árvore centenária (fig.57), conversamos e foi dada a explicação de como tudo iria acontecer. Então, partimos para a observação do local (fig. 58 e 59) e saímos a campo para perceber a paisagem ao redor. Conseguimos distinguir os diferentes tipos de árvores (grande, pequena, grossa, fina) e também a diversidade das folhas, tanto em relação ao formato quanto à coloração. Cada um escolheu o lugar em que iria pintar a sua paisagem (fig. 60, 61 e 62). Foram disponibilizadas para eles diversas cores de tintas, folhas de desenho e pincéis que nós professoras e monitoras distribuímos, após terem colocado suas camisetas de pintar e se posicionado em seu espaço. Cada um **pintou** a sua **paisagem in loco**. Alguns ficaram em grupo, conversando e partilhando até a mesma paisagem, outros preferiram o isolamento, pintando em seu silêncio, somente ouvindo o canto dos pássaros. Foi uma prática enriquecedora para todos, pelo simples fato de estar junto daquela magnífica natureza e poder, além de sentir o perfume das flores, ouvir o canto dos pássaros e até mesmo o absoluto silêncio. Era maravilhoso tocar e sentir

a textura da grama, do tronco das árvores e visualizar de diferentes ângulos a beleza daquele cenário. Até então, os alunos vinham pintando a partir da observação de uma reprodução da imagem em tamanho A3. No sítio, eles tiveram como modelo a natureza ali em sua frente, podendo ser olhada e ao mesmo tempo sentida, **UMA VIVÊNCIA** diferente e única que com certeza ficará em suas lembranças, porque enquadraram e representaram, enquadrando o lance de vista de seu olhar. As crianças tiveram uma bela experiência estética, por procurar explorar a sensibilização do olhar, do olfato, do tato, da audição e também do paladar – ao se deliciarem com o lanche coletivo, um **piquenique** com **pães e patês**, (fig.63) – e por estarem em contato com aquele ambiente prazeroso.

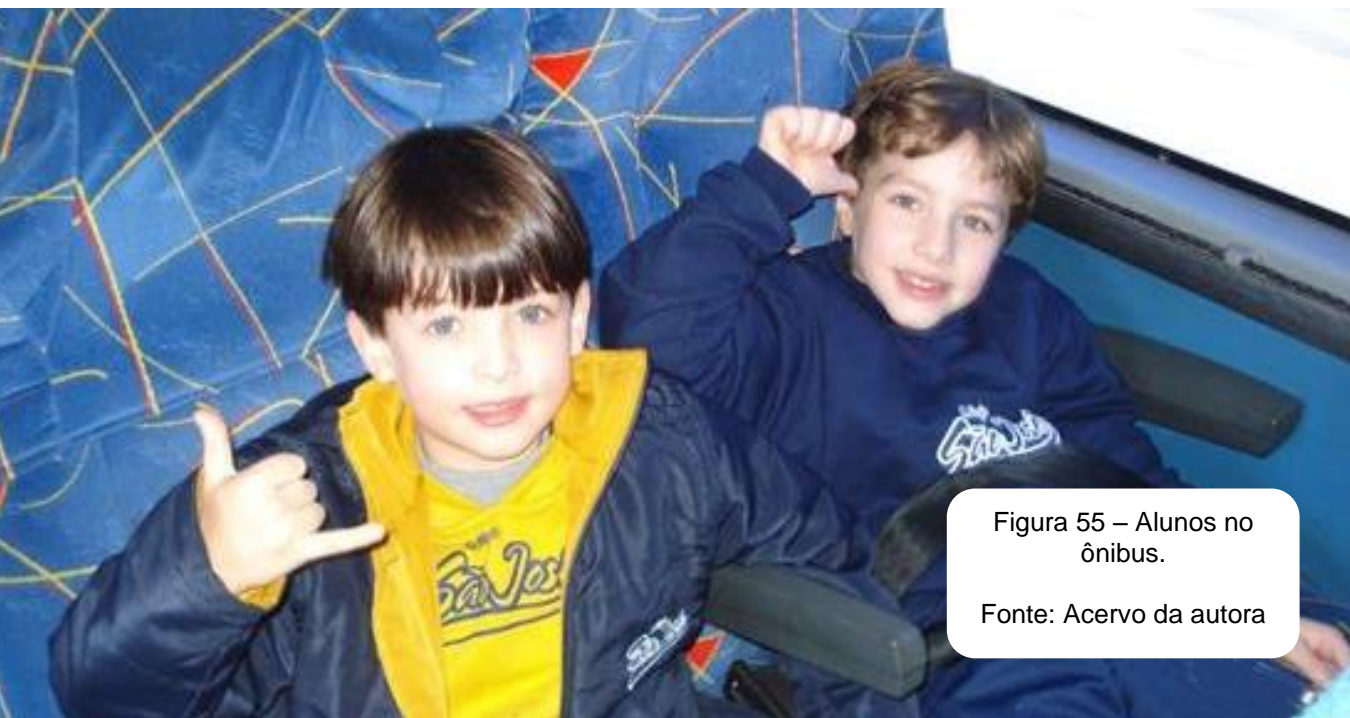


Figura 55 – Alunos no ônibus.

Fonte: Acervo da autora



Figura 56 – Chegada dos alunos no sítio.

Fonte: Acervo da autora



Figura 57 – Conversa sobre a atividade.

Fonte: Acervo da autora



Figura 58 – Alunos observando o local.

Fonte: Acervo da autora



Figura 59 – Alunos observando o local.

Fonte: Acervo da autora



Figura 60 – Aluno pintando a paisagem.

Fonte: Acervo da autora

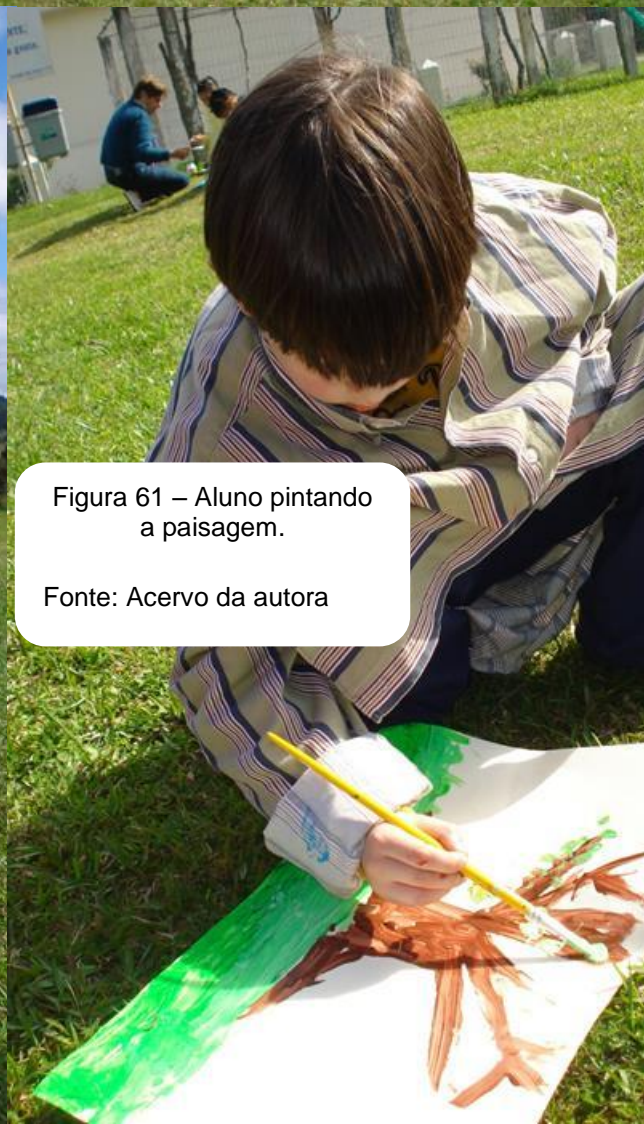


Figura 61 – Aluno pintando a paisagem.

Fonte: Acervo da autora



Figura 62 – Aluno pintando a paisagem.
Fonte: Acervo da autora



Figura 63 – Piquenique com pães e
patês.
Fonte: Acervo da autora.

Durante o tempo em que estivemos no sítio, as crianças verbalizavam sobre como se sentiam naquele ambiente, vivenciando um momento diferente em um espaço ao ar livre que proporcionou total sensação de liberdade. Houve uma experiência estética e plurisensorial pela promoção de uma ação intencional visando à sensibilização do olhar dos pequenos frente à diversidade de sentidos experienciados naquele espaço de natureza para, ao final, recriá-la por meio da pintura. Mais uma vez pudemos contar com a participação de familiares: mães, avós e tias, que são artistas plásticas. Além de nos acompanharem no passeio, também auxiliaram na mediação da proposta.

O professor da letra "**P**" enriqueceu sua exibição da letra oferecendo a cada colega uma **pasta** com várias **pinturas**. Além disso, sua avó veio à sala de aula vestida de **palhaça** para brincar com as crianças e, como **artista plástica**, confeccionou um **palhaço de sucata** para cada aluno – a lembrança da letra representada.

Quinta-feira, 06 de setembro de 2012 / O ESPANTO

Nessa época estávamos quase encerrando o desenvolvimento do projeto e a cada dia me surpreendia com as descobertas e colocações das crianças. O professor da

letra Q levou para a aula deliciosos **quindins** e diversos tipos de **queijo** para saborearmos. Também trouxe uma pintura sua emoldurada em um **quadro**, pintado por sua avó que é artista plástica.

A reprodução da obra de arte estudada na letra Q foi "**Quarto em Arles**", do pintor holandês Vincent Van Gogh (fig.64). Introduzimos a história de sua vida e obra através do livro "A vida e a obra de... Vicente Van Gogh" (Connolly, 2006), que foi contado na biblioteca da escola, da mesma maneira que foi contada a vida de Cândido Portinari e também do jeito que estão acostumados a ouvir histórias nesse espaço. Ao chegar lá, cada um sentou em uma almofada e se preparou para o momento de escuta. Conteí que, quando ele pintou a tela que representa o Quarto em Arles, Van Gogh utilizou tons quentes e frios, traduzindo o espaço interno de solidão em que se encontrava, vivendo naquele quarto de pensão na cidade de Arles. Mas o que surpreendeu as crianças em sua história foi o fato de ele ter se suicidado. **O ESPANTO** revelado no semblante dos pequenos foi algo visível. Eles diziam: "*Como que um artista como ele, que conseguia colocar em suas telas as cores de acordo com o que estava sentindo, e que transformava essa pintura colorida, pode dar-se um tiro e morrer?*" Nessas conversas, às vezes, vêm relatos da vida familiar, momentos em que as crianças falam o que veem e

ouvem. Alguns sentimentos podem descrever a raiva, o ódio ou a alegria e a felicidade, percebidos pelas crianças no ambiente em que convivem. Dessa maneira, ao relatarem fatos do dia a dia, contribuem enriquecendo algumas histórias acontecidas há muito tempo e relacionando-as com o momento atual.



Figura 64 – Quarto em Arles de Vincent Van Gogh.

Disponível <<http://noticias.universia.com.br/tempo-livre/noticia/2012/10/25/977162/conheca-quarto-do-artista-em-arles-van-gogh.html>>. Acesso em: 22 de abril de 2015.

Terça-feira, 11 de setembro de 2012 / UM CAMINHO

Houve muitas trocas de experiências entre os colegas na aula da faculdade. Sinto-me mais identificada com o grupo e estou aproveitando para fazer o entrelaçamento de textos e autores estudados na disciplina do Programa de Pós-Graduação com o meu projeto de pintura desenvolvido na escola onde leciono. Muitas coisas perpassam minha mente. Às vezes me sinto perdida, mas procuro, através de leituras, **UM CAMINHO** que vai esclarecer as minhas incertezas. Como relata Ostrower:

O caminho não se compõe de pensamentos, conceitos, teorias, nem de emoções - embora resultado de tudo isso. Engloba, antes, uma série de experimentações e de vivências onde tudo se mistura e se integra e onde a cada decisão e a cada passo, a cada configuração que se delineia na mente ou no fazer, o indivíduo, ao questionar-se, afirma-se e se recolhe novamente das profundezas de seu ser. O caminho é um caminho de crescimento (OSTROWER, 2013, p. 75).

Em contato com o termo **cultura visual**, utilizado por Fernando Hernandez, percebo que já há nas colocações dos alunos, em relação à leitura de imagem, uma familiaridade com a linguagem da pintura, pois ao mesmo tempo em que pintavam e falavam, teceram as suas considerações sobre as imagens a partir de suas vivências e as experiências proporcionadas pelo projeto. Hernandez (2011, p. 34) revela

que “o dizer é um caminho em direção à construção de experiências (de uma práxis) que subverte o que vemos e os efeitos do olhar”, como é possível verificar na fala de meus alunos. O professor é quem tem o papel de mediador nesse processo educativo, por meio de uma metodologia aberta à experiência do aluno, a partir de táticas que impulsionem situações em que a criança possa constituir seus saberes e expressá-los singularmente. De acordo com Martins (2007), o papel do professor mediador é estar entre muitos, entre as crianças, entre a construção de conhecimentos em arte, imagens artísticas ou não, e entre as suas próprias concepções pedagógicas. Esse projeto foi apaixonante, como Hernandez se refere aos projetos desenvolvidos na escola:

[...] projetos apaixonantes para que todos (com suas diferenças e posições diversas) encontrem seu lugar para aprender com sentido e articulem o que aprenderam em experiências de saber que lhes permita não só interpretar o mundo, mas atuar nele (HERNANDEZ, 2011, p. 45).

Sexta-feira, 14 de setembro de 2012 / IDENTIFICAÇÃO

Para a **letra R**, a imagem trabalhada foi “**Roda**”, de Milton Rodrigues da Costa, nascido em Niterói, em 1915 (fig. 65). Inicialmente, o artista pintou composições figurativas e paisagens. Costa recebeu o prêmio de melhor pintor nacional na II Bienal de São Paulo, com a obra "Construção". Trabalhou como ilustrador de livros de algumas obras do poeta Carlos Drummond de Andrade. Faleceu em 1988, no Rio de Janeiro. A pintura escolhida foi significativa para as crianças, pois brincar de roda é comum na infância e faz parte das brincadeiras realizadas por eles no pátio da escola.

A imagem observada flagrava a representação de uma brincadeira de roda entre meninas. No momento da realização da pintura, muitas se identificaram e se nomearam como partes inseridas naquela obra. Determinadas meninas que usam tiaras pintaram-nas na cor de sua preferência. Além disso, alguns alunos que gostam de detalhes quiseram representar os tons de rosa presentes no pôr do sol da imagem (fig. 66). Um aluno ficou indignado porque não havia nenhum menino na brincadeira.

Após a pintura, fomos ao laboratório de informática para ver algumas outras imagens. Recordava-me que Portinari havia pintado uma obra também intitulada “**Roda**”.



Figura 65 – Roda de Milton da Costa.

Disponível
<http://www.pinturasemtel a.com.br/milton-rodrigues-da-costa-pintor-brasileiro/>. Acesso em: 22 de abril de 2015.

Figura 66 – Pintura da obra roda feita pelos alunos.

Fonte: Acervo da autora



Quando as crianças visualizaram a lousa, logo começaram a fazer as comparações e houve **IDENTIFICAÇÃO** com a pintura de Portinari no que tange à brincadeira de roda. Porém, nessa havia, além de meninas, meninos representados na imagem. Um aluno chegou a dizer que queria ter visto essa tela antes de pintar a sua, por ter meninos. Essas são questões que vão aparecendo no decorrer do processo, pois talvez não tenhamos nos dado conta desse detalhe ao escolhermos as imagens ou porque queríamos que conhecessem diferentes pintores. A sensibilidade das crianças e até mesmo a crítica feita por elas é que vai me provocando ainda mais, e me incita a busca de um embasamento teórico para enriquecer a linguagem e os processos de feitura da arte, o que a formação em Pedagogia não me proporcionou.



Figura 67 – Roda Infantil de Portinari.

Disponível
<<http://gestarprojeto.blogspot.com.br/2012/11/r-eleitura-roda-infantil-de-portinari.html>>. Acesso em: 27 de julho de 2015.

Quinta-feira, 20 de setembro de 2012 / A REALIZAÇÃO

Mesmo que a semana tenha sido curta em função do feriado de 20 de **setembro**, o professor da **letra S** ilustrou-a com várias atividades, expandindo **A REALIZAÇÃO** da apresentação. Primeiramente, sua mãe veio fazer **sanduíche** junto com as crianças. Sua tia nos contou a **lenda do Saci** e sua prima veio dançar com ele o **sapateado** e o **sarandeio**, enriquecendo a nossa tradição gaúcha na **semana** em que é comemorada essa data importante através das danças típicas.

Mais uma vez utilizamos a imagem de uma obra de Tarsila do Amaral, “O **Sol Poente**” (fig 68). Nesse período os alunos já se sentiam muito à vontade com as tintas, escolhiam as tonalidades que iriam usar e faziam as suas misturas e trocas com os colegas. Durante a realização da proposta, um aluno pediu-me: “*profe eu preciso de quatro pratos para encontrar os quatro tons de amarelo alaranjado para pintar o sol*”. A criança ainda está construindo a noção de espaço, portanto ela ainda precisa da percepção do olhar e do fazer até encontrar o que deseja.



Figura 68 – Sol Poente de Tarsila do Amaral.

Disponível <<http://galeriadefotos.universia.com.br/index.php/gallery/view/179/Obras-de-Tarsila-do-Amaral>>. Acesso em: 22 de abril de 2015.

Sábado, 29 de setembro de 2012 / CRIAÇÃO

Na **letra T**, a reprodução explorada foi “**Tempo de Aproveitar**”, de Quim Alcântara (fig. 69), paulista nascido em 1981, que em sua fase atual destaca influências do cubismo, impressionismo e pós-modernismo. As obras do artista são feitas com várias camadas transparentes de tinta que dão a sensação de profundidade e formam as cores e sobreposições diretamente na tela. Nessa reprodução, os alunos visualizaram

várias formas: borboletas, flores e círculos, e questionaram mais uma vez sobre a materialidade da sombra, como sumia, por que desaparecia.



Figura 69 – Tempo de aproveitar de Quim Alcantara.

Disponível <<http://newcreators.art.br/creators/519fb586caebf3f8d300000e-1>>. Acesso em: 22 de abril de 2015.

Então começaram suas misturas de tintas na tentativa de chegar a gradações tonais desejados. Depois de um tempo, o interesse deles era apenas pintar sem se preocupar com a cor. Ao final, alguns comentavam que haviam conseguido chegar bem próximo do tom, outros se sentiam realizados, pois as cores que descobriram para eles eram inéditas, portanto **CRIAÇÃO** própria. Richter, quando aborda o jogo construtivo com a cor, diz:

A criança passa a interessar-se pela mistura quando surge a curiosidade lúdica de ver o que aparece, combinando espontaneamente diferentes cores, ou quando parte da intenção de buscar

determinada cor que deseja obter. Ambas surgem como brincadeiras extremamente instigantes e, portanto, prazerosas com a matéria colorida onde a precoce conceituação pode bloquear a intensificação da experiência (RICHTER 2008, p. 103).

Realmente, a experiência em si pela própria experiência de manipular a matéria colorida (estou me apropriando desse termo bastante utilizado por Richter) e ver surgir muitas cores torna cada momento um momento de magia, de descoberta e jogo.

Sábado, 06 de outubro de 2012 / PRESENTE

Juan José Lozano Merino foi o pintor escolhido por meio da pintura “**Uvas no Rio**”, inicializando a **letra U** (fig. 70). Nascido em Badajoz, Espanha, em 1955, conta que seu melhor **PRESENTE** foi o que ganhou de sua avó aos três anos de idade, uma caixa de lápis de cor. Fez sua primeira exposição aos quinze anos. Um aluno relatou que ao ganhar uma caixa de giz de sua avó, não parou mais de desenhar, mas que agora ele sabe pintar com outros materiais que conheceu na escola. Brincamos que no futuro ele seria um artista assim como Lozano.

O professor da letra **U** trouxe **uvas** para partilhar com os colegas na hora do lanche. Sem saber qual era a pintura que seria realizada, as uvas trazidas pelo aluno ilustraram a reprodução escolhida.

Integrando com o momento que estávamos vivenciando – eleições para prefeito, utilizamos a **urna** trazida pelo professor da letra **U** (fig. 71), e simulamos uma eleição na turma com os candidatos a prefeito de nossa cidade. Após cada um ter explanado sobre as propostas que conheciam dos candidatos, possivelmente de acordo com a ideologia de sua família, elencaram algumas melhorias na cidade, como: a pavimentação das ruas, por estarem esburacadas, recuperação dos brinquedos das praças e limpeza das ruas, dentre outros. Após, partiu-se para votação que ocorreu secretamente. Com as fotos dos candidatos expostas no quadro e o número correspondente, um de cada vez foi até a urna, pegou um pedaço de papel e escreveu o número de seu candidato. A contagem foi feita imediatamente computando os votos de cada candidato. Um candidato obteve maioria dos votos e venceu as eleições na turma. Ficaram satisfeitos com o desfecho, e parece terem entendido que nem sempre vence aquele para qual estamos torcendo.

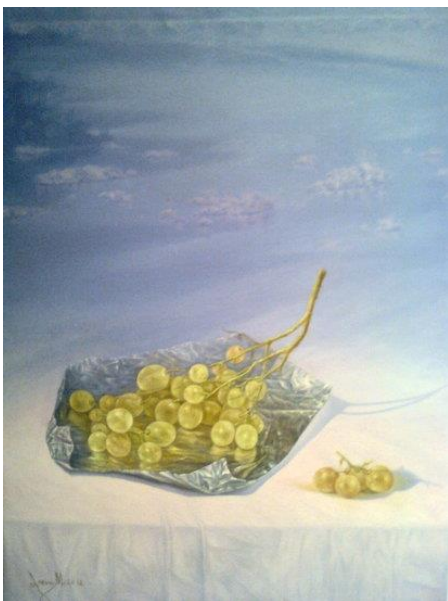


Figura 70 – Uvas Em El Rio de Juan Jose Lozano.

Disponível <<http://pt.artscad.com/A.nsf/Opra/SRVV-8XJ6FJ>>.
Acesso em: 22 de abril de 2015.



Figura 71 – Professor da letra “U” com a urna.

Fonte: Acervo da autora

Aproveitou-se o momento para conversar que além das diferenças de ideologia e partido, também há com relação aos times de futebol, religião e gostos de cada um, mas que podemos conviver em harmonia socialmente, sabendo respeitar essas diferenças. Manuel Jacinto Sarmento fala da educação intercultural assim:

A criança aprende a diferença, o respeito e a cidadania por estar implicado activamente na sua própria experiência de conhecimento e de vida. Mas a participação não vai por si mesma. Exige uma acção pedagógica capaz de favorecer o

exercício da decisão pelas crianças. [...] Trata-se, aqui, de entender a escola como um mundo de vida, como a *casa das crianças*, onde se aprende o mundo, vivendo-o (SARMENTO 2007, p.38).

Reforçando as reflexões de Sarmento (2007), foi interessante verificar que as crianças com cinco e seis anos participam de questões de natureza social, política e econômica com naturalidade, pois esses assuntos estão diariamente no contexto de contemporaneidade, na mídia e nas relações familiares. A infância de hoje tem se apresentado bem diferente da de tempos atrás, em que as crianças não podiam participar das conversas dos adultos e não tinham conhecimento sobre os acontecimentos e transformações na sociedade.

Quinta-feira, 11 de outubro de 2012 / A RELAÇÃO

Gustavo Rosa foi lembrado mais uma vez na sua obra “**Vaso com Flores**”, no estudo da **letra V** (fig. 72). Primeiramente, levei um vaso com flores para ficar na sala durante aquela semana. Quando eles visualizaram a imagem “Vaso com Flores” de Gustavo Rosa, fizeram imediatamente **A RELAÇÃO** com o vaso com flores da sala. Essa pintura chamou a atenção das crianças pelo fundo amarelo bem forte.



Figura 72 – Vaso com flores de Gustavo Rosa.

Disponível <http://www.tntarte.com.br/tnt/scripts/2011julho/noite_1.asp>.

Acesso em: 22 de abril de 2015.

Sugeri que poderíamos confeccionar um vaso com garrafa pet ou qualquer outro pote de plástico. Eles gostaram da ideia, então cada um trouxe o material que tinha em sua

casa. Relacionando com a obra, entre tesoura, cola, tintas, terra e plantas, cada um criou o seu vaso de sucata e plantou uma muda de flor. Dessa forma, foi proporcionado aos pequenos uma experiência distinta, utilizando uma criação própria tridimensional.

O professor da letra trouxe sua **vó** para contar um **versículo** bíblico.

Terça-feira, 16 de outubro de 2012 / UM RECORTE

Em outubro, enquanto desenvolvia o projeto com minha turma, conheci na disciplina Paisagens cotidianas e dispositivos de compartilhamento do curso de mestrado na faculdade, palavras um tanto desconhecidas para mim como deambulação, deriva, errante e desvio, definidas pelas práticas da Internacional Situacionista.

Tentei fazer a relação com o projeto de pintura que estava desenvolvendo com as crianças e como recém havia ido ao sítio para elas pintarem as paisagens, pude constatar que se tratava de um deslocamento, no momento em que percorreram aquele espaço. Cada um, depois de conhecer o local, escolheu um ponto de vista a ser pintado. Dessa forma, a vista seria **UM RECORTE** feito por cada um, concebendo cada

qual a sua paisagem. Nas aulas do mestrado, em contato com os meus colegas de curso, vislumbrei o grande campo de conhecimento instaurado pela arte. Sei muito pouco, tenho que ler muito para compreender a dimensão poética dos fazeres e saberes da infância. Como diz Guimarães Rosa: “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” TAVARES (1990, p. 278). Tenho que sair de onde estou e colocar-me em movimento, deslocando-me.

Sexta-feira, 19 de outubro de 2012/ ALEGRIA

A pintura que conduziu as atividades **letra X foi a “Xícara”**, do artista francês Pierre-Auguste Renoir (fig. 73). Ele costumava ser chamado de o pintor da vida, por sua **ALEGRIA** e seu carisma, sempre rodeado de amigos e pelo que retratava em suas telas. Renoir pintava paisagens, mas tinha clara preferência por retratar pessoas (fossem retratos de conhecidos ou de cidadãos anônimos) em circunstâncias do lazer. Começou sua vida artística pintando porcelana em uma fábrica na França.



Figura 73 – Xícara de Renoir.

Disponível <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Renoir_-_Natureza-Morta_com_Lim%C3%B5es_e_X%C3%ADcara_\(1910\).jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Renoir_-_Natureza-Morta_com_Lim%C3%B5es_e_X%C3%ADcara_(1910).jpg)>.

Acesso em: 22 de abril de 2015.

Durante a realização da pintura, os alunos disseram que os tons claros, ou seja, o branco e o amarelo, realçavam ou destacavam-se perto do escuro-preto. Sem querer, de maneira espontânea, vivenciaram na prática a teoria da cor, os contrastes de claro e escuro e demais relações colorísticas. Embora tenham tecido comentários sobre as características das pinturas observadas, relataram que não se sentiram muito à vontade para pintar, pois não haviam “gostado” da obra, uma pintura da natureza morta parecida com a de Di Cavalcanti. E verbalizaram assim: “*Professora eu sei que estamos*

aprendendo, mas posso também não gostar?” “Eu antes não sabia misturar as tintas e agora eu sei profe.” “Cada um tem suas escolhas”.

Conversamos a respeito da diversidade das pinturas e pintores que já havíamos conhecido e resolvi evidenciar que os pintores têm suas preferências, seus modos de representar o mundo. Vimos alguns que gostavam de retratar a natureza, outros pessoas, outros cidades, enfim, como diz Martins:

[...] cada um vê e vive os fatos à sua maneira, não significando que todos que viveram a mesma época ou os mesmos acontecimentos os tenham visto, vivido, sentido e interpretado da mesma forma. Como diz o velho provérbio, “cada cabeça uma sentença” (MARTINS 1998, p.80).

Como se refere à autora, todos naquele momento podiam tecer comentários e argumentar sobre seus interesses. Essa é a liberdade que nos possibilita expressar novas ideias sem repressão, assim como é o momento em que podemos revelar que cada um é livre para se expressar a sua maneira: uma cena vivida ou uma xícara.

Sexta-feira, 26 de outubro de 2012/ A IMAGINAÇÃO

As apresentações das letras pelos alunos terminaram com a **letra Z**. O aluno chegou caracterizado de **Zorro**, e

também assistimos ao filme desse personagem no cinema da escola, pouco conhecido entre as crianças por ser um dos heróis dos anos setenta, mas que os encantou por ser um personagem que evoca a imaginação por trás de sua máscara. O professor aproveitou sua ida ao **zoológico** e sua mãe montou, como lembrança da letra para os colegas, um DVD com imagens dos animais do zoológico.

A obra de Henrique Almeida Amaral-Henalam, **Zepelin e a princesa**, foi a que representou a letra Z (fig. 74). Sobre o artista e a pintura, pode-se dizer:

[...] artista plástico pelotense que [re]visita a cidade e como um Zeppelin sobrevoando o espaço geográfico da urbe, [re]encontra a Princesa. Uma princesa que não tem olhos verdes, mas sua imagem traduz com delicadeza as faces da feminilidade, tão encantadora como um Arranjo de girassóis e strelitzas” (<http://www.daformaaforma.blogspot.com>. Acesso em 16 de outubro de 2012).

Ao pintar essa representação, não sei se pelo fato de o artista ser da nossa cidade (tentamos contato para um encontro com os alunos, mas não conseguimos) ou se pelo fascínio dos contos de princesa, misturados a um mistério e a uma antiga aeronave dirigível, os alunos sentiram-se estimulados o bastante para manusear livremente as tintas e representar a imagem, cada um nomeando a sua princesa (fig.75).



Figura 74 – Zepelim e a princesa de Henrique Amaral.

Disponível<<http://daformaaforma.blogspot.com.br/2010/02/zepelin-e-princesa.html>>.
Acesso em: 22 de abril de 2015.

Figura 75 – Aluno pintando a obra Zepelin e a princesa.

Fonte: Acervo da autora



Também fomos ao espaço de arte do Centro de Artes da UFPel (fig.76) experienciar, através da mediação do **Projeto de Extensão Grupo Patafísica** (grupo formado por alunos das artes visuais que realiza ações de mediações artísticas aos visitantes das exposições na Galeria do centro de Artes) a exposição “Coração gordo”, de Fabiano Gummo, que segundo as curadoras da exposição Alice Monsell e Eduarda Gonçalves:

Fabiano Gummo é um artista que flutua entre mídias e sentidos. Sua diversidade técnica se expressa no desenho, no vídeo, na animação, na pintura e em intervenções sonoras. Os trabalhos da exposição “Coração Gordo” assinalam seu desejo de explorar a diversidade excessiva e flutuante de signos e significados das imagens que saturam nosso dia-a-dia. Ele tece técnicas variadas com forte base no desenho expressivo e na linguagem da HQ. Junto com os artistas e autores Carlos Ferreira, Rafael Sica, Rodrigo Rosa, Nik Neves, Leandro Adriano e Moacir Martins, lançou a revista Picabu4, uma publicação independente de quadrinhos (Texto de apresentação do convite da exposição Coração Gordo: a multiplicidade experimental de Fabiano Gummo, na A Sala Galeria do Centro de Artes da UFPel, de 19 de setembro a 17 de outubro de 2012).



Figura 76 – Ida ao Centro de Artes
UFPeI

Fonte: Acervo da autora

As crianças se sentiram livres no primeiro momento, olhando e verbalizando o que estava a sua frente. Observaram a diversidade de desenhos em formatos e tamanhos variados, assim como riram e divertiram-se ao fazer suas considerações sobre os traços, que aos seus olhos pareciam deformados, fugindo aos padrões aos quais estavam acostumados. Fizeram muitas perguntas. Logo as crianças sentaram-se em círculo e o grupo Patafísica mediu uma atividade de desenho. Questionaram-nos e instigaram-nos a comentar sobre a experiência realizada ali naquele espaço de arte (fig. 77, 78, 79, 80 e 81).



Figura 77 – Alunos observando a exposição no Centro de Artes – UFPel.

Fonte: Acervo da autora



Figura 78 – Alunos observando a exposição no Centro de Artes – UFPel.

Fonte: Acervo da autora



Figura 79 – Alunos em atividade com o grupo Patafísica.

Fonte: Acervo da autora



Figura 80 – Alunos observando a exposição no Centro de Artes UFPel.

Fonte: Acervo da autora



Figura 81 – Alunos em atividade com o grupo Patafísica.

Fonte: Acervo da autora

Sexta-feira, 09 de novembro de 2012 / ENVOLVIMENTO

Tivemos um pouco de dificuldade de encontrar uma pintura que apresentasse a **letra K**, mas depois de muita procura, encontramos a obra “**Kisses**”, de Romero Britto (fig. 82). Da mesma forma como procedemos com as **letras W e Y** (fig. 83 e 84), mostramos a reprodução da pintura e dialogamos sobre essa. Apresentamos o autor que na infância começou a demonstrar grande interesse e talento pelas artes. Ele gostava de pintar em jornal e papelão. Embora os títulos das obras sejam em inglês, ele é um artista plástico brasileiro, mas mora há anos em Miami, nos Estados Unidos. Ficou conhecido pelo seu estilo alegre e colorido, tendendo para uma estética pop, mais comercial, o que fez com que sua obra se identificasse com a publicidade.

Quando estávamos pintando Kisses eles não paravam de cantar a música “Beijo, beijinho, beijão”, tema da trama de uma novela infantil que assistiam naquela época, o Carrossel. Essas interações espontâneas, diversificadas e inventivas favorecem o processo de criação que estão construindo, seja na pintura ou em qualquer área que envolve a aprendizagem.



Figura 82 – Kisses de Romero Britto.

Disponível <<http://britto.art-one-gallery.com/pages/image053.html>>. Acesso em: 22 de abril de 2015.



Figura 83 – White goat de Romero Britto.

Disponível <<http://www.britto.com/portuguese/front/originals>>. Acesso em: 2015.



Figura 84 – Yellow wine de Romero Britto.

Disponível <http://www.polyvore.com/romero_britto_wine_wine_yellow/thing?id=93126149>. Acesso em: 22 de abril de 2015.

O quadro “**Yellow Wine**” também suscitou grande interesse pelo colorido intenso e pela possibilidade que as crianças tiveram de utilizar muitas cores.

Também me senti um pouco artista ao pintar a tela Kisses juntamente com as crianças (fig. 85), e percebi o quanto aquela minha ação foi significativa para eles, pois vivenciamos a prática de pintar juntos. Eles falaram: “*Profe, tu és uma artista!*” “*Prof, como tu pintas bem!*” Segundo Cunha:

Uma das maneiras de o adulto romper suas formas cristalizadas é resgatar seu próprio processo expressivo, voltando a brincar com os materiais, não tendo medo de mostrar suas próprias descobertas formais, espaciais e colorísticas, lançando-se junto com as crianças na aventura de criar o inusitado, acompanhando o processo expressivo infantil junto com seu próprio processo (CUNHA 2014, p.15).

O meu **ENVOLVIMENTO** com esse projeto de pintura, ao escutar as falas das crianças, me levou a refletir sobre as minhas experiências como aluna na escola. Eu não sabia desenhar e não tinha motivação para as aulas de Educação Artística. Acreditava não ser criativa, pois o meu interesse pelas artes visuais não possui nenhuma relação com minhas vivências escolares. Passei a compreender e me apaixonar pela pintura experienciando e aprendendo juntamente com os pequenos.



Figura 85 – Alunos pintando a obra Kisses.

Fonte: Acervo da autora

Sábado, 24 de novembro de 2012 / AÇÃO

Por fim, sinto saudades desses momentos variados e enriquecedores, em que cada aluno pôde, através de sua percepção, imaginação, compreensão e intenção, experienciar a matéria colorida nas suas mais diversas possibilidades de transformação. Neste dia fizemos uma visita ao espaço de arte Ágape, uma expedição ao mundo colorístico recheado de **AÇÃO**, que os conduziu à apreciação estética das obras expostas e à produção das mesmas.

Saímos em direção ao espaço de micro-ônibus. O percurso transcorreu de forma tranquila e interativa, em que iam conversando, olhando pela janela do micro a cidade, enfim envolvidos como sempre nessa outra proposição. Estavam tendo uma experiência nova pelo fato de irem de micro-ônibus, visto que o espaço expositivo ficava longe da escola, o que não havia acontecido anteriormente. As saídas anteriores, durante o desenvolvimento do projeto, foram em espaços de arte nas redondezas da escola em que íamos a pé.

Ao chegarem lá, as crianças foram recebidas pelo **Grupo Superfície**, formado pelas artistas Fernanda Souza, Carla Thiel, Carla Borin, Paola de Leon, Natália Hax e Daniela Meine, o que de certa maneira, lhes proporcionou um contato direto com artistas. Elas possuem um atelier no local, todavia

na Galeria havia a exposição do artista português João Aires, intitulada “Diálogos com o cotidiano”. As crianças foram conduzidas à sala de exposição e lá ficaram livres para olhar os trabalhos, sentir e verbalizar aquilo que quisessem. Cada tela representava objetos do cotidiano, como garrafas de refrigerante, embalagens de alimentos e materiais de limpeza, entrecruzando, assim, a arte e os objetos do mundo. Depois, os alunos foram levados para o segundo andar, onde puderam ver as telas das artistas do Grupo Superfície. Eram telas de grande dimensão realizadas de maneira coletiva, ou seja, elas pintam juntas uma mesma tela e cada participante, através da sua individualidade plástica e poética, conjuga seus gestos pictóricos. Para Claudia Paim, coletivo quer dizer unir forças:

Quando se atua em um coletivo, é necessário transformar as ideias em verbo, pela fala os participantes interagem. Discutir os objetivos, as *maneiras de fazer*, ajustar os alvos, eleger táticas, experimentar: o realizar é apenas o aspecto final de uma longa tessitura de relações. Nestas trocas, além das ideias, o próprio tempo é compartilhado. Tempo despendido em conjunto. Tempo longo pela necessidade da conversa, pela superação do choque entre diferentes, pelo que o confronto exige de cada um (PAIM 2012, p.51).

Muitos questionamentos foram feitos, pois os alunos ficaram impressionados com o tamanho das telas, com o pintar junto: *“Profe olha só como é grande... deixa eu ver o tamanho... puxa é mesmo enorme”*; *“Vocês pegam os pinceis e pintam todas juntas?”* *“Depois como vocês fazem para dividir o quadro*

já que ele é de vocês todas?” Eles estavam desvelando outro olhar, um olhar curioso, atento e contemplativo ao novo que se estabelecia naquele momento.

Nossa visitação foi acolhida pelas artistas, que além de falarem sobre seus processos de criação, também mediarão uma proposta de relaxamento com música instrumental. Logo, dividiram em grupos a turma e os conduziram a uma prática coletiva do desenho, assim como elas fazem suas obras de arte. As crianças desenharam em papel tamanho grande com lápis de cor, giz ou pastéis, trocando ideias, interagindo e compondo uma pintura coletiva. Continuaram a observar o ambiente, a descobrir os diversos tamanhos de pincéis, as tintas e os suportes diferentes do seus, ou seja, as diferentes tintas e materiais plásticos utilizados em um ateliê de artista. Um aluno falou: *“Profe, bem que nós podíamos ter um lugar assim lá na escola com todos esses materiais”*.

Após o desenvolvimento da prática e de conversas com as artistas, despediram-se, falando em retornar em outro momento, inclusive com seus pais. Levamos conosco, para a sala de aula, os desenhos com o propósito de dar continuidade ao trabalho em outra ocasião. O retorno para a escola no micro-ônibus foi um momento de muito alvoroço, pois cada um queria comentar sobre a experiência, as conversas com os artistas e como se sentiram artistas de verdade ao estarem em

um espaço de "fazer arte". A arte é ação no mundo, e esse momento vivenciado pelas crianças foi de pura arte (fig.86, 87, 88, 89, 90, 91 e 92). Para complementar essa vivência, cito Richter:

A experiência passa a ter significação no seio da ação mesma da criança que interage com o meio à volta, permitindo-lhe reelaborar, no plano da representação simbólica, objetos, fenômenos ou acontecimentos. Esta reelaboração supõe aprendizagens que permitem à criança julgar, valorar e selecionar aspectos ou partes de toda ação que cada materialidade permite (RICHTER, 2008, p.40).

A experiência foi completa, pois depois das crianças contemplarem as obras, puderam desenhar coletivamente, o que as afetou de uma maneira sensível através do fazer de cada um e do resultado transformador ao manipularem os diferentes materiais plásticos e terem uma única obra de arte. Puderam ver, nesse espaço, o que é um ateliê de artes, como os artistas trabalham e quais são os materiais que utilizam. Meira e Pilloto (2010) contribuem para a compreensão de que um ateliê de arte é principalmente um ambiente de criação poética. Também, puderam ver que existe a possibilidade de produzir algo, especificamente em arte, coletivamente, pois ao mesmo tempo em que há a liberdade do traçado e da criação poética, também há um comprometimento com a composição final do conjunto.



Figura 86 – Alunos visitando o espaço de arte Ágape.

Fonte: Acervo da autora.



Figura 87 – Alunos visitando o espaço de arte Ágape.

Fonte: Acervo da autora.

Figura 88 – Artistas revelando o processo de criação.

Fonte: Acervo da autora.



Figura 89 – Livro de artista artistas do espaço de arte Ágape.
Fonte: Acervo da autora.



Figura 90 – Obra coletiva do Grupo Superfície.
Fonte: Acervo da autora.



Figura 91 – Atividade de desenho mediada pelo Grupo Superfície.

Fonte: Acervo da autora



Figura 92 – Prática coletiva dos alunos no espaço de arte Ágape.

Fonte: Acervo da autora

Segunda-feira, 26 de novembro de 2012/ COLETIVO

Ao chegarem à sala de aula, os alunos já queriam continuar o desenho realizado no espaço de arte Ágape. Então sentamos e combinamos como seria o trabalho artístico **COLETIVO**. A proposta do grupo Superfície era de juntarmos a folha de cada grupo e formarmos um único trabalho em tamanho grande, assim como as telas coletivas. Ao som de música instrumental, todos complementaríamos seus desenhos, independentemente de ser no seu espaço ou no espaço de um colega, e então teríamos uma grande obra coletiva. Foi o que fizemos (fig. 93). Houve colaboração de todos ao partilharem



tanto os espaços quanto os materiais, bem como ao exporem seu ponto de vista e serem respeitados por todos.

Figura 93 – Alunos desenhando uma grande obra coletiva na sala de aula.

Fonte: Acervo da autora

Sábado, 01 de dezembro de 2012 / O AFETO

Na última semana de aula os alunos realizaram a pintura das telas, tamanho 30x40cm. Cada aluno pintou a partir de uma reprodução das pinturas mostradas em aula.

Dirigimo-nos à sala de artes em pequenos grupos. As crianças já estavam familiarizadas com os materiais pictóricos utilizados durante o ano, mas pintar na tela seria a primeira vez, visto que todas as pinturas anteriores haviam sido em papel sulfite tamanho A3, para compor o portfólio. Logo no primeiro grupo, um aluno falou: *“Profe, a tela come a tinta.”* *“Nossa! Eu preciso usar mais tinta, profe.”* Aos poucos as crianças foram fazendo as distinções e percebendo que se tratava de um suporte e que esse exigia o uso de mais tinta e um traçado mais firme. Ao encerrarem esse ciclo, eles sentiram-se um pouco artistas pintando no suporte utilizado pela maioria dos pintores, a tela.

Presumo que as propostas e intervenções realizadas intencionalmente para que cada aluno pudesse expressar sua percepção e olhar uma imagem, falar sobre, contextualizá-la, expor sua ideia e aos poucos ir construindo sua visão, única e individual, sensível e poética, apresentou um acréscimo de saberes no que tange à inicialização da linguagem verbal, visual, sensível e cognitiva. Também, destaco **O AFETO**

compartilhado com todos os envolvidos durante a realização do projeto.

Mais uma vez reflito sobre a contribuição de Richter para a evidência de tais considerações:

O grupo é fundamental neste processo de aprendizagem dos limites internos e externos. [...] A grandeza deste acontecimento encontra-se na sintonia do grupo em direção a uma mudança individual, uma aprendizagem construída gradual e coletivamente para o momento da pintura que acabou transbordando para todas as demais situações cotidianas (RICHTER 2008, p.119).

Considero que oportunizar o desenvolvimento desse projeto de pintura para as crianças da educação infantil levou-as a compreensão não só das técnicas, materiais e temáticas em relação ao mundo pictórico, como também as levou a explorar e conhecer outras formas de aprendizado.

Julgo que a proposição desse projeto não teve a intenção de fazer releituras de obras de arte, pois entendo que cada criança olhou, percebeu, sentiu, compreendeu e criou uma nova pintura de acordo com sua vivência, sua leitura de mundo. Sobre esse assunto, Paulo Freire diz que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (2013, p.12), e para Analice Pillar, “a leitura da imagem precede a leitura da palavra” (1999, p. 14). Há uma junção dessas colocações a partir do momento em que as imagens estão inseridas no

nosso mundo, do qual fazemos parte, e através da forma como nossas relações vão se dar com o outro.

Sexta-feira, 07 de dezembro de 2012/ A EXPOSIÇÃO

No dia sete de dezembro aconteceu o momento tão esperado pelas crianças, **A EXPOSIÇÃO** das telas, no Centro de Artes da UFPel. As turmas do Período 3 expuseram no espaço de mostras no segundo andar do Centro de Artes às 20h, e a mostra ficou em cartaz até o dia 12 de dezembro. Eles se envolveram na preparação dos convites e lembranças do evento. Cada aluno pintou o convite enviado as suas famílias e também os marcadores de texto, como lembrança para quem foi à exposição. Houve a participação da comunidade escolar, familiar e de quem circulava pelos corredores do centro prestigiando, além das telas, o livro individual, ou seja, o portfólio confeccionado ao longo do ano, contendo todas as imagens e um breve histórico sobre cada artista e sua obra, como também as pinturas feitas pelos pequenos.

A alegria estava estampada no rosto de cada um. Caminharam, conversaram e interagiram nesse espaço. Um pai relatou estar orgulhoso com o desenvolvimento de seu filho em todos os aspectos do processo de aprendizagem durante o

ano, mas o que lhe chamou a atenção foi que a percepção do filho sobre os detalhes observados em situações do cotidiano havia se ampliado e, conseqüentemente, proporcionado uma abertura mais significativa ao conhecimento voltado às artes visuais (fig.94, 95, 96 e 97).



Figura 94 – Exposição das telas dos alunos, Centro de Artes UFPel.

Fonte: Acervo da autora.

A parceria entre a escola e a comunidade acadêmica só tem a enriquecer as trocas culturais e estreitar os laços entre a comunidade em geral, proporcionando esse contato direto com todos e exercendo seu compromisso social. Projetos como esse, que envolve alunos da escola, alunos da universidade, professores da escola, professores da universidade, famílias e comunidade só tem a contribuir com o processo do conhecimento e com a formação de sujeitos atuantes, colaborativos, criativos, sensíveis, críticos e construtores de suas próprias culturas.

Penso que o ano de 2012 foi um ano de muita interação entre alunos, escola e famílias. As crianças puderam experienciar diversas técnicas pictóricas e materiais plásticos, conhecer e percorrer diferentes espaços expositivos, ampliando assim o seu conhecimento acerca da linguagem artística e incorporando-o às suas vivências. Também, esse conhecimento e vivências com a arte possibilitaram às crianças expressarem-se com mais espontaneidade e contribuir no processo de letramento, instigando-as a descoberta das palavras e conseqüentemente a sua escrita espontânea.



Figura 95 – Exposição das telas dos alunos, Centro de Artes UFPel.
Fonte: Acervo da autora

Figura 96 – Exposição das telas dos alunos, Centro de Artes UFPel.
Fonte: Acervo da autora

Figura 97 – Mostra didática das crianças – Centro de Artes UFPel.
Fonte: Acervo da autora

Terça-feira, 11 de dezembro de 2012 / UMA PERCEPÇÃO

Nesta época eu estava envolvida com os trabalhos da disciplina que cursei como aluna especial do mestrado. Passava a traçar um projeto para desenvolver no mestrado, e nem tinha ideia de que essa escolha me conduziria a esta escrita, à valorização e à conceituação de minha prática pedagógica. Apresentei na aula ministrada por minha futura orientadora um dispositivo de compartilhamento como trabalho final da disciplina e, confesso, consegui ter **UMA PERCEPÇÃO** dessa concepção através do trabalho de campo que fiz com meus alunos no sítio da escola, comentado anteriormente. Utilizei as paisagens pintadas pelos alunos e as imprimi em latinhas de balas, mas ao invés de colocar balas, coloquei diversos chás dentro delas. Inicialmente apresentei **“História na caixinha”**, uma sequência de fotos da prática desenvolvida no sítio, dentro de uma maletinha, representando uma mala de piquenique, descrevendo todos os passos do que aconteceu (fig. 98 e 99). Ao distribuir aos colegas as latinhas, pedi que, de olhos fechados, abrissem a lata e sentissem o aroma que havia ali, e que tentassem perceber do que se tratava. Logo, foram descrevendo o cheiro de chás. Então, quis remetê-los a um lugar em que, de olhos fechados e apenas sentindo os cheiros,

pudessem visualizar a sua paisagem, talvez de agora, talvez de épocas passadas, rememorando a infância (fig. 100 e 101).



Figura 98 – História na caixinha.

Fonte: Acervo da autora



Figura 99 – História na caixinha

Fonte: Acervo da autora



Figura 100 – Dispositivo de compartilhamento.

Fonte: Acervo da autora



Figura 101 – Dispositivo de compartilhamento.

Fonte: Acervo da autora

Sábado, 22 de dezembro de 2012/ CONTEXTUALIZAÇÃO

Aproveitando as férias mergulhei em leituras relacionadas ao ensino da arte e comecei a ler o livro de Ana Mae Barbosa, “A imagem no ensino da arte”. Ela ficou conhecida através de sua metodologia desenvolvida, ou seja, como ela prefere designar, a Proposta Triangular (ver-

contextualizar-fazer). Logo comecei a fazer a relação de como havia sido desenvolvido o **Projeto Pequenos Pintores, Grandes Artistas**. Não conhecia essa proposta, mas na prática o projeto desenvolveu-se contemplando os três momentos. Os alunos visualizavam a imagem, fazendo a sua leitura individual e subjetiva de acordo com sua leitura de mundo, observando os detalhes, questionando, conheciam a biografia do pintor muito sucintamente e tentavam relacionar aquela representação da obra de arte com os nossos dias atuais. Então, de acordo com o seu entendimento, partiam para a sua criação. Segundo Barbosa, isso seria o ver, o fazer e o contextualizar através da leitura da imagem que cada um fez, partindo assim para a sua produção. Acredito que a partir do material colocado à disposição dos pequenos para que pudessem manipular, interagir, criar e recriar através de sua imaginação é que puderam dar sentido e significado ao processo. “Ninguém cria do nada e muito menos para nada. Criar é sempre complexificar, coordenar, combinar de outros modos a partir de uma provocação” (Richter, 2004, p.65).

Barbosa questiona as aulas de livre expressão em artes. Para ela, o expectador deve ser introduzido aos “códigos” que traduzem a linguagem visual. Volto atrás no tempo e me questiono com relação à livre expressão trabalhada na Educação Infantil. Vejo a minha prática imbuída de significado,

ou seja, independentemente do assunto ou conteúdo desenvolvido com os pequenos, sempre tentei relacionar a vivência deles com a prática. Fico analisando e percebo que intuitivamente, sem o conhecimento específico em artes visuais, as crianças eram provocadas a fazer essa relação. Sem perceber, estava proporcionando um aprendizado da educação estética e artística da criança, através da **CONTEXTUALIZAÇÃO**.

Quarta-feira, 26 de dezembro de 2012/ EXPERIMENTAÇÃO

Ao finalizar as atividades escolares, me dediquei às leituras exigidas como referência para ingresso no mestrado e depois de ter ingressado, ao começar a ler os livros de arte, comecei a verificar que a maneira como eu atuava em sala de aula tinha proximidade com o pensamento e as propostas metodológicas de diferentes pensadores do campo do ensino da arte. É possível verificar no corpo do texto o quanto Richter influenciou minhas reflexões. Igualmente, Ana Mae Barbosa, embora menos referendada em minha escrita. Barbosa (2012, p. XXVII) revela que decidiu em determinado momento substituir a palavra metodologia para abordagem, ou proposta, e diz: "depois de anos de **EXPERIMENTAÇÃO**, estou

convencida de que **METODOLOGIA** é construção de cada professor em sua sala de aula...”. Richter, também se refere à metodologia como:

Metodologias se criam a partir de paixões e reflexões, concepções que vão se alicerçando no fazer e pensar o feito, o não feito e o possível de ser feito. Não existe um caminho, existem múltiplos percursos que se tornam singulares (Richter, 2004, p. 10).

Vendo desse ângulo, fica mais fácil de entender por que determinadas atividades funcionam bem com algumas turmas e com outras não. Assim como defendem Richter e Barbosa, realmente não existem fórmulas, nem receita pronta, o que existe é a abertura do educador em perceber a capacidade, as condições e o interesse de seus alunos em participar com paixão do processo do conhecer, e assim juntos construírem uma “abordagem”. A transformação proporcionada pela arte numa sala de aula transforma o estudante, modificando a professora e vice versa.

Quarta-feira, 02 de janeiro de 2013/ A EXPLORAÇÃO

As leitura do livro de João Francisco Duarte Junior, “O sentido dos Sentidos: a educação (do) sensível”, trata a questão da crise da modernidade, em que o saber inteligível é

separado do saber sensível. Para o autor, o saber sensível tem a ver com a corporeidade, com os sentidos, o olhar, o tocar, o cheirar, o ouvir, o saborear, e eles estão diretamente ligados às sensações sentidas pelo corpo. Tentei fazer a relação dessa questão com as minhas aulas desenvolvidas para os pequenos. Será que estou explorando neles essas sensações a fim de que seja desenvolvida a sensibilidade de cada um? Tenho sido uma professora que se sensibiliza pelas ações do cotidiano? Na atualidade, fazemos as coisas mecanicamente e deixamos de nos sensibilizar com as coisas mais simples da vida: sentir o perfume de uma flor que desabrocha, maravilhar-se com o pôr-do-sol, degustar vagorosamente a nossa comida predileta, enfim, perdemos quando deixamos de apreciar essas singelezas da vida.

Para que o conhecimento como um todo seja reinventado pela criança, é preciso que haja a união do inteligível com o sensível a partir de contextos de vida, e assim a arte terá fundamental importância na **EXPLORAÇÃO** e no fornecimento de meios para que a criança elabore com alegria o que o mundo a apresenta.

Nós, professores de educação infantil, somos privilegiados pela liberdade que temos em poder explorar todos esses sentidos ludicamente através de jogos, histórias, brincadeiras, aulas passeios, atividades de culinária, atividades

de modelagem, atividades plásticas e danças, entre tantas outras proposituras instigantes. É pensando em estratégias desafiadoras que promovemos espaços de criação e invenção, para que “OS PEQUENOS PINTORES” se expressem com espontaneidade e sensibilidade, enriquecendo, assim, seus modos de ver e sentir as coisas do mundo a sua volta “COMO GRANDES ARTISTAS”.

Algumas Considerações

Ao encerrar a escritura desta dissertação, estou encerrando também o diálogo que propus aos leitores ao abrir o meu “diário de bordo”, contando sobre o projeto desenvolvido. Partilhei as táticas que busquei para inserir as artes visuais na proposta pedagógica da Educação Infantil do Colégio São José, junto aos professores Andrea Alexis, Viviane Ferraz, Vanessa Zanatto, Mariane Gomes, Roberta Coelho, Janice Moreira, Youssef Gazalle, orientadora Aline Casalinho e junto à coordenadora Marisa Cecere Retamar, grande incentivadora desse projeto.

O Projeto Pequenos Pintores, Grandes Artistas foi desenvolvido no Colégio São José no ano de 2012. Entre os anos de 2013 e 2014, foi atualizado e repensado a partir da literatura artística no Curso de Mestrado em Artes Visuais. Dessa forma, o projeto proporcionou a vivência pictórica experienciada pelas crianças, famílias e por mim, professora da educação infantil e estudante de arte.

Com respeito às diferenças, modos de pensar e atuar de cada um em suas ações e criações pedagógicas, devo dizer que esse “diário” não é um modelo de prática pedagógica pronta, mas sim uma escritura de vivências. As experiências desta “professora-pesquisadora”, durante uma viagem

exploratória das práticas artísticas, conduziram-na ao percurso da escrita desta dissertação. Tudo surgiu da vontade de querer saber, de questionar, de persistir, de ir em busca de modos distintos de descobrir o mundo e o processo educacional pela arte.

A escolha da escrita em formato de “diário de bordo” me possibilitou retomar e rever as práticas pedagógicas que realizei quando ministrei as aulas do terceiro Período. Dessa maneira, pude fazer o entrelaçamento com a teoria a que fui apresentada no mestrado e que pesquisei no percurso da investigação. Percebi a importância desse modo de dialogar, de configurar a escritura num persistente ir e vir, ouvir e falar, perceber e agir, que, num determinado momento, me remeteu a Roland Barthes, quando relata, em "Aula":

Gostaria pois que a fala e a escuta que aqui se trançarão fossem semelhantes às idas e vindas de uma criança que brinca em torno da mãe, dela se afasta e depois volta, para trazer-lhe uma pedrinha, um fiozinho de lã, desenhando assim ao redor de um centro calmo toda uma área de jogo, no interior da qual a pedrinha ou a lã importam finalmente menos do que o dom cheio de zelo que deles se faz (BARTHES, 1977).

Estar mergulhada em uma pesquisa na universidade me conduziu ao encontro de professores e colegas, e me mostrou o que eles pensavam e revelaram sobre a arte. Além disso, foi um momento de grande prazer, assim como é um jogo. Não um jogo desinteressado, mas um que permite a liberdade da

escolha: como, com quem, onde, por que jogar. Para Huizinga (2012, p.14) “há sempre uma delimitação de um lugar do jogo, e é dentro deste espaço que o jogo se processa e que suas regras tem validade [...]”.

Penso que, em nossas idas e vindas no percurso da docência no mundo de hoje – que nos afasta dos estímulos sensíveis, afetivos e questionadores – devemos buscar táticas para uma educação integral. É dessa maneira que podemos nos contrapor ao que já está instituído e contaminado pela crença na razão em detrimento do sentimento, a olhos vistos nas grades pedagógicas do ensino infantil, fundamental e médio. Como professora de educação infantil, pude viver num universo alegre, colorido, sensível, provocador, e constatar que nós somos os protagonistas de nossa própria história, que nós temos os instrumentos necessários ao nosso alcance para promover uma educação sensível e artística aos nossos pequenos. Desejo que eles possam ter o prazer de pegar seus pais pela mão e puxá-los para dentro da sala de aula para compartilhar com eles as metamorfoses ali vivenciadas. Que seja com um projeto de pintura, com o auxílio das artes, e que transforme o espaço da educação infantil num pátio lúdico da infância. Que as crianças possam vivenciar as mais distintas experiências envolvendo as linguagens orais, escritas, plásticas. Que elas possam maravilhar-se com a vida e com o

aprendizado. Que descubram nas tintas, na dança, na música e em seu corpo as palavras, a amizade, o afeto e seus desdobramentos, para que possam recriar a si e ao mundo.

O Projeto Pequenos Pintores, Grandes Artistas possibilitou, através das vivências artísticas, experiências de práticas de letramento. Essas práticas colaboraram consideravelmente para o desenvolvimento das capacidades comunicativas e linguísticas fundamentais às aprendizagens futuras das crianças.

Ressalto, também, a maneira como este trabalho de pesquisa mudou consideravelmente o meu pensar, o meu olhar e o meu fazer. Estar e participar de encontros, seminários, aulas e projetos no Centro de Artes, com um olhar de pesquisadora, foi muito importante. Pude ter a consciência do que estava estudando e, assim, adentrei um manancial de textos, falas e processos que justificam e ampliam o conhecimento.

Por fim, começo e tenho o desejo de desenvolver novamente o Projeto, pois percebo que o que conquistei nesses dois anos de envolvimento com o ensino da arte, bem como todas as trocas ocasionadas no Mestrado, desenvolveria as práticas artísticas com um planejamento mais consistente e seguro, com um maior embasamento. Isso permitiria realizar e

descobrir outras possibilidades expressivas, tanto das crianças quanto minhas.

No momento em que finalizo esta escritura, em virtude de minha aposentadoria estou afastada da sala de aula formal. Entretanto, a professora que sou, por paixão, me fez buscar outro espaço de atuação, o Projeto Mais Educação do Governo Federal. Em uma escola pública da cidade, durante um dia da semana, com crianças do primeiro ao quinto ano, desenvolvo atividades de letramento e entrecruzo-as com atividades relacionadas à arte. Tenho consciência de que essas atividades fazem toda a diferença no processo de ensino-aprendizagem desses alunos. É uma situação completamente diferente da que eu tinha com as crianças com quem desenvolvi o projeto de pintura em uma escola particular que, além dos recursos oferecidos pela escola (sala de cinema, lousas, sítio, dentre tantos outros), recebiam mais esclarecimento dos pais, visto suas condições sociais. Tenho um novo desafio que me faz a cada dia tecer táticas de uma professora pedagoga com mestrado em artes. É preciso também continuar fornecendo às crianças um espaço para explorar a linguagem através dos cinco sentidos. Quero propor uma educação significativa, embasada na união do saber sensível com o saber cognitivo, mesmo que tenha consciência de que, infelizmente, com o passar dos anos, a escola ainda

sobreponha a linguagem escrita e as ciências exatas às outras formas de conhecer.

Sei que tenho muito a aprender e muito a experimentar e partilhar com as crianças. Assim, encerro aqui minha dissertação, com o poema do pedagogo italiano Loris Malaguzzi:

As cem linguagens da criança
Loris Malaguzzi (1996)

*A criança
é feita de cem.
A criança tem cem mãos
cem pensamentos
cem modos de pensar
de jogar e falar.
Cem sempre cem
modos de escutar
de maravilhar e de amar.
Cem alegrias
para cantar e compreender.
Cem mundos
para descobrir
Cem mundos
para inventar
Cem mundos
para sonhar.
A criança tem
cem linguagens*

*(e depois cem cem cem)
mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura
lhe separaram a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e não falar
de compreender sem alegrias
de amar e de maravilhar-se
só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
de descobrir o mundo que já existe
e de cem
roubaram-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe:
que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho
são coisas
que não estão juntas.
Dizem-lhe enfim:
que o cem não existe.
A criança diz:
ao contrário as cem existe.*

E nós professores, temos “ As cem linguagens da
crianças” ?

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BARTHES, Roland. *Aula..* São Paulo: Ed. Cutrix, 1977.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BUORO, Anamelia Bueno. *Olhos que pintam: a leitura de imagem e o ensino da arte*. São Paulo: Educ, FAPESP, Cortez, 2003.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- CANTON, Katia. *Espelho de artista: auto-retrato*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- CHIOVATTO, Mila. *O professor mediador*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/254498874/O-Professor-Mediador-Mila-Chiovatto#scribd>>. Acesso em: 05 de março de 2015.
- CONNOLLY, Sean. *A Vida e a Obra de Vincent Van Gogh*. São Paulo: Madras, 2006.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da (org). *A importância das artes na infância. As artes no universo infantil*. Porto Alegre: Mediação, 2014.

----- . Pedagogias de imagens. In: DORNELLES, Leni Vieira (org). *Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. F. *A montanha e o videogame – Escritos sobre educação*. Campinas: Papirus, 2010.

----- . *Por que arte/educação?* Campinas, SP: Papirus, 2012.

----- *Os sentidos dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar, 2004.

FIDALGO, Lúcia. *Tarsila, menina pintora*. São Paulo: Paulus, 2009.

FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HERNANDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

HUIZINGA, Johan. *Homus Ludens: O jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

KINDERSLEY, Dorling. *Arte para crianças*. São Paulo: Publifolha, 2012.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel; NUNES, Maria Fernanda; GUIMARÃES, Daniela (ORGS). *Infância e educação infantil*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LOPONTE, Luciana. *Práticas Pedagógicas em artes: espaço, tempo e corporeidade*. In: Möndinger, Carlos R.. - Erechim: Edelbra, 2012.

MARTINS, Miriam Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. *Didática do Ensino de Arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.

MEIRA, Marly R.; MEIRA, Mirela R. Metamorfoses, Reverberações, Interfaces: Cultura Visual, Arte e Ação Educativa. In: MARTINS, Raimundo, Martins, Alice (orgs). *Cultura visual e ensino de arte: concepções e práticas em diálogos*. Pelotas: Ed. UFPel, 2014.

MEIRA, Marly Ribeiro; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. *Arte Afeto e Educação: A sensibilidade na ação pedagógica*. Porto Alegre: Mediação, 2010.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2013.

PAIM, Cláudia. *Táticas de artistas na América Latina: Coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados*. Porto Alegre: Panorama Crítico, 2012.

PASSERON, René. A invenção da vida: arte e psicanálise. In: SLAVUTZKY, A., SOUZA, E.L.A. de, TESSLER, Elida (org.). Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PILLAR, Analice Dutra (org.). *A educação do olhar no ensino da arte*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL (1998). Ministério da Educação e do Desporto, Secretária da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF.

RICHTER, Sandra. *Criança e pintura: ação e paixão do conhecer*. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Culturas Infantis e Interculturalidade. In: DORNELLES, Leni Vieira (org). *Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TRZMIELINA, Nadine. *Portinari- Crianças Famosas*. São Paulo: Callis, 1997.

Anexo

Cessões de direito de uso de imagem e voz



ARTES VISUAIS
MESTRADO
CENTRO DE ARTES I UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Paulo Roberto Martins, Carteira
de Identidade: 900.303.085-1, CPF: 098.866.216/87,
residente a Rua 06 Vinte e Nove, cede e transfiro os direitos de imagem
do meu filho Paulo Victor Meyer Martins
carteira de identidade: _____

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patricia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: PAULO ROBERTO MARTINS

Assinatura: Paulo Roberto Martins

Local e Data: Pelotas 26 junho 2015



ARTES VISUAIS
MESTRADO
CENTRO DE ARTES I UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, ROBERTA VALESKA SANTANA VIEIRA, Carteira
de Identidade: 30614 OAB RS, CPF: 540.015.440-91,
residente à AV. RADE NEVE 7.550, cedo e transfiro os direitos de imagem
do meu filho ALICE SANTANA VIEIRA OLIVEIRA
carteira de identidade: 912269 1343

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patricia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: ROBERTA VIEIRA

Assinatura: [Assinatura]

Local e Data: PELOTAS, 25/06/15



ARTES VISUAIS
MESTRADO
CENTRO DE ARTES UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, LIZANDRA MATTEA PEDREIRA, Carteira
de Identidade: 1012514418, CPF: 723476860-80,
residente à DARIO G. OLIVEIRA⁸², cedo e transfiro os direitos de imagem
do meu filho BRUNO MATTEA PEDREIRA
carteira de identidade: 7108936415

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patricia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: LIZANDRA MATTEA PEDREIRA

Assinatura: 

Local e Data: PELOTAS, 25 DE JUNHO 2015



ARTES VISUAIS
MESTRADO
CENTRO DE ARTES UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Mariana Boncucão, Carteira
de Identidade: 1095327721, CPF: 027 76690061
residente à República do Litoral e transfiro os direitos de imagem
do meu filho Eduardo Boncucão
carteira de identidade: 7123526266

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patricia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: Mariana Boncucão

Assinatura: Mariana Boncucão

Local e Data: 24/06/2015



ARTES VISUAIS
MESTRADO
CENTRO DE ARTES | UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Ana Cristina Soares de Azevedo, Carteira de Identidade: 9029521573, CPF: 72371900010, residente à R. Ad. Barcelos 607, cedo e transfiro os direitos de imagem do meu filho Helena de Azevedo Schwonke, carteira de identidade: 3111261982

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patricia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: Ana Cristina S. Azevedo

Assinatura: Ana Cristina S. Azevedo

Local e Data: Pelotas 17 junho 2015.



**ARTES VISUAIS
MESTRADO**
CENTRO DE ARTES | UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Marilisa Leal Martins, Carteira
de Identidade: 8004342607, CPF: 899692600-06,
residente à XV de Novembro, ^{1413 Av. 01} cede e transfiro os direitos de imagem
do meu filho Lucas Martins Costa
carteira de identidade: 7146087409

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patricia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: Marilisa Leal Martins

Assinatura: Marilisa Leal Martins

Local e Data: Pelotas, 22 de Junho de 2015.





ARTES VISUAIS
MESTRADO
CENTRO DE ARTES I UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, ANTONIELA FINTBIRO FERNANDES, Carteira
de Identidade: 7048368913, CPF: 002.907950-01,
residente à N. FERNANDO OSÓRIO 7327, cedo e transfiro os direitos de imagem
do meu filho YURI FERNANDES DUARTE
carteira de identidade: 4128972942

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patrícia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: ANTONIELA FERNANDES DUARTE

Assinatura: Antonielafintbirofernandes

Local e Data: Pelotas 22 de junho 2015



**ARTES VISUAIS
MESTRADO**
CENTRO DE ARTES - UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Fernanda Barbosa dos Santos, Carteira
de Identidade: 30622759 81, CPF: 946365590-53,
residente à Pelotas, cedo e transfiro os direitos de imagem
do meu filho Pedro Henrique dos Santos Almeida
carteira de identidade: 9138956301

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patricia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: Fernanda Barbosa dos Santos

Assinatura: Fernanda Barbosa dos Santos

Local e Data: Pelotas, 17 de junho - 2015.



**ARTES VISUAIS
MESTRADO**
CENTRO DE ARTES | UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Monica Abraão da Silva Mathues, Carteira
de Identidade: 1037953765, CPF: 62031236091,
residente à Rua: João Pessoa NA368, cedo e transfiro os direitos de imagem
do meu filho Isadora da Silva Mathues
carteira de identidade: _____

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patrícia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: Monica Abraão da Silva Mathues

Assinatura: Monica Mathues

Local e Data: Pelotas 17 de junho de 2015



**ARTES VISUAIS
MESTRADO**
CENTRO DE ARTES - UFPEL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Patrícia Kuka Valente Gandra, Carteira
de Identidade: 6318303-2, CPF: 02034796969,
residente à Tirol de maio, 761, cedo e transfiro os direitos de imagem
do meu filho Arthur Valente Gandra
carteira de identidade: 5117661991

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patricia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPEL – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: Patrícia Kuka Valente Gandra

Assinatura: Patrícia Kuka Valente Gandra

Local e Data: Pelotas, 17 de junho de 2015



**ARTES VISUAIS
MESTRADO**
CENTRO DE ARTES UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Sirini Jargas Costa, Carteira
de Identidade: 1059367308, CPF: 885503890-72
residente à Cidade de Santarém, cede e transfiro os direitos de imagem
do meu filho Helena Jargas Costa
carteira de identidade: 5112265623

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patricia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: Sirini Jargas Costa

Assinatura: Sirini Jargas Costa

Local e Data: Pelotas, 18 de Junho de 2015.



ARTES VISUAIS
MESTRADO
CENTRO DE ARTES I UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Valéria Medeiros, Carteira
de Identidade: 906228011, CPF: 821236750.91,
residente à Pelotas, cedo e transfiro os direitos de imagem
do meu filho Antônia Medeiros Borges
carteira de identidade: —

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patricia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: Valéria Torres Medeiros

Assinatura: Valéria Torres Medeiros

Local e Data: 19.06.2015



**ARTES VISUAIS
MESTRADO**
CENTRO DE ARTES UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Neusa Freizinho Menno Cortiúho, Carteira
de Identidade: 4035020851, CPF: 51523973072
residente à Gomecinópolis, 48, cede e transfiro os direitos de imagem
do meu filho Bethania Menno Cortiúho
carteira de identidade: 7129039834

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patrícia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: Neusa Freizinho M Cortiúho

Assinatura: NF

Local e Data: 19/06/15



ARTES VISUAIS
MESTRADO
CENTRO DE ARTES - UFPEL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Lidiane Rios Meireles, Carteira
de Identidade: 2062 262767, CPF: 755369000-72,
residente à Pelotas, cedo e transfiro os direitos de imagem
do meu filho Eduarda Meireles Invernizaga
carteira de identidade: 9128249389

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patricia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPEL – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: Lidiane Rios Meireles

Assinatura: [assinatura]

Local e Data: Pelotas, 18 de junho de 2015



ARTES VISUAIS
MESTRADO
CENTRO DE ARTES UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Geasielei Dias Gonçalves, Carteira
de Identidade: 3082159997, CPF: 000.589520-04,
residente à Cel. Afonso Emilio Maset, cedo e transfiro os direitos de imagem
do meu filho Gian Dias Gonçalves
carteira de identidade: _____

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patricia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: Geasielei Dias Gonçalves

Assinatura: Geasielei Dias Gonçalves

Local e Data: Pelotas, 22 junho 2019



ARTES VISUAIS
MESTRADO
CENTRO DE ARTES I UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Andressa Francisca Duarte da Luz Amaro, Carteira
de Identidade: 1046702966, CPF: 600991400-55,
residente à Rua Domingos de Moraes 261 cêdo e transfiro os direitos de imagem e
do meu filho Agatha Amaro
carteira de identidade: 7121513084

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patricia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: Andressa Francisca Duarte da Luz Amaro

Assinatura: Andressa da Luz Amaro

Local e Data: Pelotas, 18 de junho de 2015



**ARTES VISUAIS
MESTRADO**
CENTRO DE ARTES I UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Andree Francine Duarte da Luz Amaro, Carteira
de Identidade: 1046702966, CPF: 000991400-55,
residente à Av. Duque de Caxias 267-318, cedo e transfiro os direitos de imagem
do meu filho Joíxka da Luz Amaro
carteira de identidade: 6121515438

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para
desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita
Patrícia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do
Centro de Artes da UFPel – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética.,
realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e
promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra
mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A
presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização
de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: Andree Francine Duarte da Luz Amaro

Assinatura: Andree da Luz Amaro

Local e Data: Pelotas, 18 de junho de 2015.



ARTES VISUAIS
MESTRADO
CENTRO DE ARTES I UFPEL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Rosane da Silva Schmalen, Carteira
de Identidade: 6044433696, CPF: 964.045.230-09
residente à _____, cedo e transfiro os direitos de imagem
do meu filho Rafael da Silva Schmalen
_____, carteira de identidade: CN-19938

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patricia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPEL – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: Rosane da Silva Schmalen

Assinatura: Rosane Schmalen

Local e Data: Pelotas, 22 de junho de 2015.



ARTES VISUAIS
MESTRADO
CENTRO DE ARTES UFPel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM ARTES VISUAIS

CESSÃO DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Lamilea Rose G. B. Schulzke, Carteira
de Identidade: 3002235047, CPF: 97673043053
residente à Rua Anchieta 829, cedo e transfiro os direitos de imagem
do meu filho Camilo G. Barcelos
Schulzke, carteira de identidade: 1114478884

captadas e registradas para a dissertação Táticas de uma professora pedagoga para desenvolver práticas artísticas na Educação Infantil, realizada pela mestrandia Rita Patricia Caceres de Laforet, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel – linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética., realizado sem fins lucrativos seja para o própria produção, seja para divulgação e promoção da dissertação para uso de material impresso e ou em qualquer outra mídia existente ou a ser criada, por tempo indeterminado, dentro ou fora do país. A presente cessão é sem ônus e em caráter definitivo, abrangendo ainda a utilização de meu nome e dados biográficos necessários à divulgação da produção.

Nome: Lamilea R.G.B. Schulzke

Assinatura: [Assinatura]

Local e Data: Pelotas 18 junho 2015.